
*Caminhos do ensino, da
pesquisa e da extensão na
Universidade Federal de Pelotas
reflexões em tempos de pandemia*

MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO
& MICHELE NEGRINI

(ORGS.)





***Caminhos do ensino, da
pesquisa e da extensão na
Universidade Federal de Pelotas
reflexões em tempos de pandemia***





Reitoria

Reitora: *Isabela Fernandes Andrade*

Vice-Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Chefe de Gabinete: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Ensino: *Maria de Fátima Cossio*

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação: *Flávio Fernando Demarco*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Paulo Roberto Ferreira Júnior*

Pró-Reitor Administrativo: *Ricardo Hartlebem Peter*

Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação: *Julio Carlos Balzano de Mattos*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Fabiane Tejada da Silveira*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: *Ana da Rosa Bandeira*

Representantes das Ciências Agrônômicas: *Victor Fernando Büttow Roll (TITULAR) e Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner*

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: *Eder João Lenardão (TITULAR), Daniela Hartwig de Oliveira e Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos*

Representantes da Área das Ciências Biológicas: *Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Francieli Moro Stefanello*

Representantes da Área das Engenharias: *Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR), Walter Ruben Iriondo Otero e Rafael de Avila Delucis*

Representantes da Área das Ciências da Saúde: *Fernanda Capella Rugno (TITULAR), Tatiane Kuka Valente Gandra e Jucimara Baldissarelli*

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: *Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Eduardo Grala da Cunha e Maria das Graças Pinto de Britto*

Representantes da Área das Ciências Humanas: *Charles Pereira Pennaforte (TITULAR), Maristani Polidori Zamperetti e Silvana Schimanski*

Representantes da Área das Linguagens e Artes: *Lúcia Bergamaschi Costa Weymar (TITULAR), Chris de Azevedo Ramil e João Fernando Igansi Nunes*

***Caminhos do ensino, da
pesquisa e da extensão na
Universidade Federal de Pelotas
reflexões em tempos de pandemia***

MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO
& MICHELE NEGRINI

(ORGS.)





**Editora
UFPel**

Filiada à A.B.E.U.

Rua Benjamin Constant, 1071 - Porto
Pelotas, RS - Brasil
Fone +55 (53)3284 1684
editora.ufpel@gmail.com

Chefia

Ana da Rosa Bandeira
Editora-Chefe

Seção de Pré-Produção

Isabel Cochrane
Administrativo

Seção de Produção

Suelen Aires Böettge
Administrativo

Eliana Peter Braz
Preparação de originais
Anelise Heidrich
Assistente de Revisão

Angélica Knuth (Bolsista)
Design Editorial

Seção de Pós-Produção

Morgana Riva
Assessoria
Madelon Schimmelpfennig Lopes
Administrativo

Revisão Técnica

Ana da Rosa Bandeira

Assistente de Revisão Ortográfica

Anelise Heidrich
Sandra Leal Alves (CLC)

Projeto Gráfico & Capa

Angélica Knuth

Capa

*Angélica Knuth sobre textura de @__matthoffman__
/ Unsplash e elementos gráficos de @macrovector_
official / Freepik*

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Maria Inez Figueiredo Figas – CRB-10/1612

C183 Caminhos do ensino, da pesquisa e da extensão na Universidade Federal de Pelotas [recurso eletrônico]: reflexões em tempos de pandemia / organizadoras Marislei da Silveira Ribeiro, Michele Negrini. – Pelotas: Ed. UFPel, 2022. 224 p.

ISBN : 978-65-86440-92-8

1. Jornalismo. 2. Telejornalismo. 3. Pandemia do coronavírus. I. Ribeiro, Marislei da Silveira, org. II. Negrini, Michele, org.

CDD 070

Comunicação em tempos de pandemia e negacionismo

Pedro C. Hallal

A Universidade Federal de Pelotas (UFPel), cumprindo com seu papel social, desempenha ao longo da pandemia de covid-19 papel fundamental na produção e disseminação de conhecimento científico e na assistência à saúde. Não seria exagero dizer que a UFPel ficará marcada na história como tendo duas eras: AP (Antes da Pandemia) e DP (Depois da Pandemia).

A UFPel coordena o maior estudo epidemiológico do Brasil sobre o coronavírus. O Hospital Escola UFPel / Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares é referência para acolhimento dos pacientes com covid-19 em Pelotas. Quando a cidade vivenciava carência de álcool gel, a UFPel, em parceria com outras instituições educacionais e empresariais, produziu o produto e o distribuiu gratuitamente para o Sistema Único de Saúde. Quando a cidade carecia de máscaras, a UFPel produziu dezenas de milhares e as distribuiu à população.

No ensino, a UFPel foi protagonista na suspensão das aulas presenciais em março de 2020, para auxiliar na contenção da circulação do vírus. E meses depois, a UFPel também teve protagonismo na proposta e implantação de um Calendário Alternativo Remoto, mantendo as atividades acadêmicas dentro das possibilidades do momento pandêmico.

Nesse cenário, várias das nossas atividades de ensino, pesquisa e extensão se reinventaram, para se adaptarem ao momento da pandemia. Na presente obra, o curso de Jornalismo da UFPel relata como se adaptou à pandemia de coronavírus e como conseguiu seguir produzindo informações para a comunidade acadêmica e para a comunidade em geral. Essa tarefa é especialmente relevante num contexto em

que, além da pandemia de coronavírus, o país enfrenta também uma epidemia de negacionismo científico.

A obra relata experiências com *podcasts*, com rádio, com televisão, sempre pautando temas relevantes, como acessibilidade e inclusão, violência doméstica em tempos de distanciamento social. As experiências apresentadas mostram como o Jornalismo da UFPel foi resistente e resiliente no momento em que a população mais precisou dele. Desejo uma ótima leitura a todos e todas.

Apresentação

Em março de 2020, o Brasil começou a vivenciar a expansão do novo coronavírus em nível mundial. O vírus, que foi detectado primeiramente na China, rapidamente se expandiu pelo resto do mundo e, no dia 11 de março, a Organização Mundial de Saúde declarou a existência de uma pandemia, devido à ampla e rápida propagação do vírus em todos os continentes.

A propagação veloz do coronavírus tem ocasionado grandes números de mortos e tem gerado mudanças nas rotinas de diversos setores, para bem de preservar a saúde e de conter a disseminação viral, inclusive nas práticas midiáticas e nas atividades das instituições de ensino, em todos os níveis. Em relação aos meios de comunicação, rotinas produtivas foram ressignificadas e as formas de trabalho foram adequados à situação de pandemia. Diversas pessoas passaram a trabalhar de suas casas (principalmente as que têm mais de 60 anos); o uso de máscara passou a ser presente na vida dos repórteres; imagens de arquivo passaram a ser usadas quando possível; entrevistas sucederam-se através de videoconferências; passou-se a usar vídeos gravados pelas próprias fontes para ilustrar reportagens; e, no caso de apurações feitas na rua, dois microfones passaram a ser usados, um com o repórter e outro com a fonte.

Em relação a instituições de ensino, as aulas transferiram-se para o modo remoto, com metodologias variadas, dependendo da estrutura e dos recursos técnicos de cada entidade. No âmbito do ensino superior, atividades em nível de ensino, pesquisa e extensão foram readequadas à nova realidade, sendo desenvolvidas com o cuidado para a manutenção do distanciamento social. E, tratando-se especificamente da Universidade Federal de Pelotas, o quadro de ações passou a ser efetivado especificamente através dos meios virtuais. As aulas

deslocaram-se para o meio virtual, com o uso de plataformas digitais e salas de videoconferências. Com encontros síncronos e assíncronos, além das aulas virtuais, os projetos acadêmicos, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, precisaram ser readequados aos modos exigidos pela situação de pandemia.

Falando mais especificamente das atividades remotas do curso de Jornalismo da UFPel e dos projetos desenvolvidos pelas professoras Marislei Ribeiro e Michele Negrini no âmbito do curso, cabe destacar que um projeto que teve amplas reformulações nas suas formas de desenvolvimento foi o *Em Pauta TV UFPel*, que, em sua essência, é efetivado através da realização de telejornais quinzenais, que são produzidos por alunos do curso, com a supervisão de duas professoras orientadoras e de quatro técnicos em audiovisual, e são transmitidos na TV Câmara de Pelotas. No contexto da pandemia, assumiu um formato mais simples e mais compacto, de Drops, com produção de forma virtual, através das redes sociais do projeto. Para a produção do Drops, o processo se dá de forma remota, inclusive as reuniões de pauta ocorrem através de videoconferência. Os contatos com as fontes e entre os membros da equipe são virtuais. Dessa forma, o ensino de telejornalismo na UFPel seguiu sendo efetivado com a realização de atividades práticas e o projeto *Em Pauta TV UFPel* pode ser continuado, mesmo em tempos de pandemia. A resignificação do projeto deu bases para que o *Em Pauta* fosse mantido ativo e no ar, podendo, desta forma, atuar como um agente voltado à divulgação de assuntos para a manutenção da saúde pública em tempos complexos.

Outro projeto que teve suas atividades reformuladas na pandemia foi *Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais - Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*. O projeto normalmente tem suas atividades realizadas com encontros semanais na Associação Escola Louis Braille para a gravação de uma WebRádio, por meio de programas radiofônicos denominados *Rádio*

Louis Braille e o *Telejornal Louis Braille*. Em 2020 as atividades começaram a ser realizadas através de um grupo na rede social, *WhatsApp*, tendo um dia fixo na semana. O modelo enviado é o de áudio, com audiodescrição e explicação de um tema abordado no jornalismo ou realização de programas radiofônicos e as atividades foram divididas em duas etapas. Na primeira etapa, foram abordadas temáticas na esfera jornalística. Temas como: A acessibilidades de informações jornalísticas para deficientes visuais; O Rádio no Brasil; A Televisão; A fotografia; O primeiro jornal em Braille no Brasil e o Repórter por um dia. Após isso, o projeto entrou em sua segunda etapa, com a realização de programas de rádio semanais. Intitulado *Braille na Bola*, aborda o futebol do Rio grande do Sul e é apresentado pelos alunos da Escola Louis Braille, postado na plataforma de *streaming Spotify*. Essa atividade propiciou a ampliação da capacidade de expressão dos alunos com deficiência visual, melhorando o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolvendo o entendimento dos recursos, bem como o espírito crítico em relação aos meios de comunicação.

Ainda, no contexto da pandemia, nasceu o projeto *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts*, com atividades relacionadas a todo o processo de produção em radiojornalismo como: reunião de pauta semanais, que foram feitas todas remotamente pela plataforma disponibilizada pela UFPel de Webconferência (<https://webconf.ufpel.edu.br/b/mar-yve-6wz>), para definição de assuntos a serem abordados, escolha das entrevistas, apuração de informações, produção de roteiro radiofônico, gravação das locuções, edição de áudios e divulgação dos episódios nas plataformas de *streaming* de áudio. Além disso, ocorreu a criação de conteúdos para as redes sociais *Facebook* e *Instagram* para divulgação dos episódios e interação com o público. Nessa ótica, a criação de *podcasts* sob aspectos relacionados à pandemia e à sua repercussão na sociedade norteou as ações do projeto em questão.

Também cabe ressaltar a participação de discentes do curso de jornalismo como voluntários, bem como a integração com a Associação Escola Louis Braille de Pelotas, o Instituto Federal Campus Rio Grande (IFRS) e a Marte Agência de Conteúdo, empresa júnior do curso de Jornalismo. Em vista do contexto, o projeto teve seu formato ressignificado para se adequar ao cenário atual do novo coronavírus, como forma de priorizar o cuidado com a saúde dos membros da equipe e das fontes. Dessa forma, as atividades do projeto geraram na equipe a necessidade pela busca de conhecimento, tanto da realidade social como do desenvolvimento de radiojornalismo de maneira remota. Assim, houve ampla possibilidade de contato com o público de diversos nichos, tanto de Pelotas quanto de Rio Grande, sendo visível a ampliação do conhecimento em relação ao meio social, à aquisição de conteúdos e às habilidades da equipe organizadora do referido projeto.

A partir de atividades desenvolvidas no curso de Jornalismo da UFPel, principalmente em tempos de pandemia, este livro tem como foco apresentar reflexões sobre perspectivas relativas a experiências de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas no âmbito do referido curso de Jornalismo e relacionadas aos projetos coordenados pelas professoras Marislei Ribeiro e Michele Negrini. Foi, sem dúvida, ao mesmo tempo um desafio e um privilégio compartilhar através desta publicação as experiências vivenciadas, tanto das docentes como dos alunos e bolsistas.

O que os leitores encontrarão nas páginas desta obra é parte da construção de conhecimento, ainda em processo constante de reflexão e ressignificação. Versa-se sobre o desafio da educação, por abruptas mudanças, causadas pela pandemia da covid-19.

Deste modo, no primeiro capítulo, serão apresentadas perspectivas relacionadas às instigações do ensino em tempos de covid-19 e de distanciamento social. Já no segundo capítulo, que tem a pesquisa

como foco, serão apresentados artigos provindos de pesquisa realizadas durante o período de distanciamento social.

A extensão será abordada no terceiro e no quarto capítulos. No terceiro, serão apresentadas experiências resultantes das tessituras dos projetos *Em Pauta TV UFPel* e *Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*. E no quarto capítulo, a produção de *podcasts* é mirada, com a apresentação de dois artigos vinculados ao assunto.

Por esse prisma, em meio à situação de pandemia, explicitar os desafios enfrentados pelos professores e alunos para lidar com tecnologias, enquanto ferramentas de ensino e as novas demandas impostas pelo contexto, e, ao mesmo tempo, manter o equilíbrio emocional devido ao isolamento social, trouxe a necessidade de propagar as atividades e o papel que as universidades públicas desempenham na sociedade.

Sumário

PERSPECTIVAS EM NÍVEL DE ENSINO

- 16** **Artigo 1. Ensino de telejornalismo em tempos de covid-19: desafios e ressignificações**
MICHELE NEGRINI & ROBERTA ROOS

- 29** **Artigo 2. Colocando em prática as experiências do ensino universitário de forma remota: assessoria de imprensa em foco**
MICAEL MACHADO DA SILVA & MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO

PESQUISA ACADÊMICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

- 56** **Artigo 3. Violência doméstica e isolamento social: uma análise das narrativas dos portais de notícias G1 e Pioneiro**
LUÍZA CARVALHO MATTEA & MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO

- 76** **Artigo 4. Audiodescrição no telejornalismo: uma análise a partir de reportagens do Jornal do Almoço da RBS TV**
DANIEL BATISTA DE JESUS DA SILVA, AMANDA FREITAS KUHN
& MICHELE NEGRINI

OLHARES PARA A EXTENSÃO

- 93** **Artigo 5. Da pré à pós-produção audiovisual no telejornalismo universitário da UFPel**
GUSTAVO SEVERO DALLA COSTA

- 110** **Artigo 6. *Em Pauta TV UFPel*: uma análise dos bastidores do surgimento e da consolidação do programa a partir das memórias vivenciadas por um apresentador**
WILLIAM MACHADO DA SILVA

133 Artigo 7. Rotinas do *Em Pauta TV UFPel* durante o período de ensino remoto

JULIA CRISTINA MARQUES VILAS BOAS, TALYSSA MACHADO,
MICHELE NEGRINI & MARISLEI RIBEIRO

154 Artigo 8. Inclusão e acessibilidade no contexto da Escola Louis Braille de Pelotas na pandemia da covid-19: experiências sobre a produção de programas de rádio e de *podcasts*

MARISLEI DA SILVEIRA RIBEIRO, MICHELE NEGRINI & MARIAH COELHO COI

EXPERIÊNCIAS EM PRODUÇÃO DE PODCAST

176 Artigo 9. Projeto *Rádio na Mão*: uma experiência com a produção de *podcasts* durante a pandemia de covid-19

ANDRÉA CARDOSO DA SILVA, MARIA RITA DA COSTA ROLIM, LISANDRA ROLDÃO MIRANDA, MARISLEI RIBEIRO & MICHELE NEGRINI

200 Artigo 10. Teorias e práticas da produção remota do *podcast* *Educomunicação em Foco*

JULIA CRISTINA MARQUES VILAS BOAS, MARIAH COELHO COI,
MARIA RITA DA COSTA ROLIM, SAMIRA LUCAS SILVEIRA,
MICHELE NEGRINI & MARISLEI RIBEIRO

220 Sobre os/as autores/as

PARTE I

*Perspectivas em
nível de ensino*

Ensino de telejornalismo em tempos de covid-19: desafios e ressignificações

Michele Negrini
Roberta Roos

RESUMO

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do coronavírus. A difusão do vírus e a necessidade de distanciamento social fez com que diversos setores da sociedade passassem por ressignificações. O ensino, em todos os níveis, passou a se dar de forma remota e precisou passar por transformações. Os professores tiveram que adaptar e modificar as formas de dar aula e de se relacionarem com os alunos. No âmbito do ensino de telejornalismo, que é uma disciplina pertencente às grades curriculares de cursos de Jornalismo, atividades de caráter prático, como a captação de imagens, o contato com as fontes e a realização de entrevistas, foram repensadas. Dessa forma, este artigo tem como foco refletir sobre as transformações do ensino de telejornalismo em tempos de ensino remoto e apresentar ponderações sobre essas ressignificações, observadas no campo da UFPel, no curso de Jornalismo.

Palavras-chave: ensino de telejornalismo; pandemia do coronavírus; atividades remotas.

1 Perspectivas introdutórias

O ensino de telejornalismo é uma temática permeada por complexidades e imputa grandes desafios ao docente. O professor precisa estar sempre atento ao ensino em diversos pontos, como na produção do texto televisual e na captação e edição de imagens. Precisa, também, levar em consideração a responsabilidade social do telejornalismo e as

questões relativas à ética envolvidas na construção de narrativas para a TV. Lembrando que, como dizem Piccini, Negrini e Roos (2018), as práticas desenvolvidas em nível de televisão demandam grandes responsabilidades a seus atores, por interferirem e influenciarem na vida dos públicos, que, em muitos casos, organizam o cotidiano em virtude dos conteúdos ali apresentados. Assim sendo, “É imperativo, portanto, pensar nesta responsabilidade, sobretudo civil, quando se considera a complexidade do ensino do telejornalismo” (PICCININ, NEGRINI, ROOS, 2018, p. 316).

Brasil (2001) aponta que o ensino da disciplina é um desafio para as instituições de ensino superior que oferecem cursos de jornalismo, principalmente pela necessidade de enfrentamento da perspectiva teoria X prática. “[...] por um lado, a predominância de uma cultura acadêmica que valoriza a ‘teoria’ e, por outro, uma realidade de mercado onde a ‘prática’ é considerada simplesmente ‘essencial’” (BRASIL, 2001, p. 1). O autor também fala que o fato de o telejornal ter amplas ligações com a formação da opinião pública torna ainda mais desafiante a prática pedagógica em relação a essa área.

Um fator instigante para o exercício da docência em relação ao telejornalismo é o constante desenvolvimento tecnológico, que entra em disputa com as práticas tradicionais do jornalismo para a TV. Com o desenvolvimento tecnológico e com os constantes aprimoramentos nas formas de produzir e de divulgar informações, em âmbito televisivo, o ensino de telejornalismo é perpassado por dinamismo em relação ao acompanhamento das dinâmicas sociais e tecnológicas.

Ao falar das dinâmicas sociais e tecnológicas como/enquanto fatores que se fazem presentes na produção telejornalística, e no ensino de telejornalismo, cabe apontar que, no ano de 2020, com a pandemia do coronavírus e com a necessidade de distanciamento social imposta por ela, a sociedade se viu diante de completas reconfigurações, na maior parte das atividades cotidianas, que foram transformadas. As

produções jornalísticas para a TV se viram diante de um cenário desafiador e o ensino de telejornalismo precisou ser redesenhado. Assim, o objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre as transformações do ensino de telejornalismo em tempos de atividades remotas, bem como sobre as ressignificações dessa prática na perspectiva do curso de jornalismo da UFPel.

2 Telejornalismo em tempos de pandemia

No contexto da pandemia do coronavírus, ressignificações foram visualizadas nas mais diversas áreas do conhecimento, e os modos de vida sofreram transformações. O chamado distanciamento social, recomendado pelas autoridades de saúde em nível mundial, prezou pela permanência das pessoas em suas casas e pelo afastamento físico. Além disso, medidas de cuidados constantes foram recomendadas, como a higienização de ambientes e de equipamentos, além do uso de máscaras. Tais providências implicaram mudanças nas rotinas dos meios de comunicação. Matéria do Portal *Prees*, focada na reflexão sobre o jornalismo em tempos de pandemia, afirma:

As necessárias medidas de isolamento adotadas para evitar a propagação do novo coronavírus afetaram a prática jornalística em uma de suas principais características: o contato com as pessoas. A presença do jornalista no local do fato é uma das premissas da profissão, mas não a única. A interação presencial com fontes e outros colegas da área, também, é fundamental para construir a identidade dos profissionais e produzir as informações que, diariamente, abastecem a sociedade (PORTAL PRESS, 2020, s/p).

Em nível de mudanças de rotinas, a televisão e o telejornalismo, por terem a imagem como base para suas transmissões, precisaram se reinventar. Como apontou matéria do site *Coletiva.net*, publicada no dia 14 de abril:

[...] ao contrário do rádio e do impresso, em que os seus profissionais podem se utilizar de ferramentas como telefone e internet para conversar com fontes, evitando, em alguns casos, sair às ruas, a televisão trabalha exclusivamente com imagens, ou seja, o repórter tem que aparecer, bem como o seu entrevistado (COMO..., 2020, online).

Assim, em relação às ressignificações do telejornalismo em tempos de pandemia, cabe apontar que as rotinas produtivas dos telejornais careceram de adaptações, as quais foram realizadas para garantir as condições de manutenção de saúde dos membros das redações e das fontes, em relação ao contágio do coronavírus. Souza (2020, s/p) aponta a importância de ferramentas virtuais para quem trabalha com TV: “Para quem trabalha na televisão, a ferramenta virtual passou a ser uma aliada”. A partir do pensamento de Souza, podemos visualizar a importância da tecnologia para a realização de reportagens em um contexto de distanciamento social. Ferramentas tecnológicas deram base à realização de entrevistas a distância e ao suprimento da falta de imagens.

A matéria do site Coletiva.net, já mencionada, apresentou algumas informações sobre as adaptações realizadas por emissoras de TV do estado do Rio Grande do Sul, as quais são coerentes para ilustrar as mudanças vistas no telejornalismo de forma geral. O texto do Coletiva.net versou sobre o relato de profissionais ligados a emissoras de TV gaúchas e ao telejornalismo sobre as adaptações ocorridas nos telejornais, oriundas das demandas de prevenção ao contágio do vírus. Entre as mudanças citadas pelos profissionais, é relevante apontar: a higienização constante no exercício do jornalismo; o uso de dois microfones na realização das entrevistas, ficando um com o repórter e outro com a fonte; o uso de máscaras como elemento obrigatório; redações com número reduzido de jornalistas; aumento do número de pessoas trabalhando em *home office*; e a realização de muitas entrevistas via Internet, ou com os entrevistados gravando vídeos e mandando para

o repórter. Para exemplificar as transformações geradas pelo coronavírus, no âmbito telejornalístico, vale convocar a edição do Fantástico de 4 de abril de 2020, que traz formas diferenciadas em relação ao formato hegemônico do telejornal. Entre as mudanças visíveis, cabe apontar o distanciamento entre os membros da redação, o uso de máscara por essas pessoas e a realização de entrevistas em formato de videoconferência.

A partir da necessidade de distanciamento social e das ressignificações vividas pelo telejornalismo em tempos de pandemia, pensar nas mudanças pragmáticas do ensino do telejornalismo se faz necessário. O ensino passou, na maior parte dos casos, a se desenvolver no campo virtual e as formas de ensino e aprendizagem precisaram ser repensadas. Dessa forma, temos que problematizar o desenvolvimento das aulas de telejornalismo em tempos de coronavírus.

3 Ensino de telejornalismo em tempos de pandemia¹

Como já apontamos, refletir sobre o ensino de telejornalismo é adentrar em uma seara complexa e desafiadora, como apontam Emerim e Cavenaghi (2017, p. 2):

Do ponto de vista do ensino de telejornalismo, a apresentação, suas regras, técnicas e rotinas, em especial os telejornais, sempre foram um desafio para qualquer professor. Uma mídia essencialmente da imagem como a televisão sempre mexeu com as ‘emoções’ dos alunos, pois aparecer na tevê nunca foi fácil. Há muita timidez, preconceito, falta de foco, insegurança, excesso de confiança, exibicionismo, enfim, dificuldades

1 Pontos presentes neste tópico foram apresentados em outro artigo publicado pelas autoras, o qual tinha outra objetivação. O referido artigo foi publicado nos anais do Congresso da SBPJOR, de 2020. NEGRINI, Michele; ROOS, R. . Covid-19 e a ressignificação do ensino telejornalístico: novas experiências e desafios. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020. Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020.

naturais a uma faixa etária geralmente jovem e em formação não só profissional, mas do próprio caráter e personalidade.

Ainda que na contemporaneidade estejamos vivendo em um momento cultural e tecnológico que permite que os vídeos amadores tenham cada vez mais espaço na produção audiovisual, e até mesmo no jornalismo televisivo, alguns parâmetros precisam ser observados nas práticas cotidianas das redações e carecem de exposição nas salas de aula das universidades, e nos cursos de jornalismo. A presença de materiais provindos de vídeos amadores mostra-se como uma alternativa na ausência do registro profissional de um fato e aponta para a existência de tensionamentos nas lógicas referenciais de composição do telejornal de referência. No entanto, o uso desses materiais não pode comprometer a qualidade da reportagem, nem diminuir as possibilidades de entendimento do conteúdo por parte do público. Isso precisa ser refletido no meio universitário quando se trata do ensino de telejornalismo. Não há uma receita de como compor uma reportagem, mas há parâmetros² que precisam ser seguidos.

Além dos desafios na utilização da tecnologia para a sala de aula, outro ponto que carece ser pensado nas aulas de telejornalismo é a convergência midiática (JENKINS, 2008) e o jornalismo em múltiplas telas. Para Roos, Negrini e Belochio (2019, p. 6):

a tendência da distribuição multiplataforma em veículos jornalísticos tradicionais, tais como o jornal impresso, radiojornalismo e telejornalismo, vem se intensificando no cenário definido por Jenkins (2008) como cultura da convergência

2 Em relação à existência de critérios para a elaboração de textos para um telejornal, Emerim (2010, p.9) aponta: “Retomando as regras, então, a função do jornalista televisivo é a de contar um acontecimento, que tem um longo período de duração e vários desdobramentos, em 1’20” (um minuto e 20 segundos) ou 1’30” (um minutos e 30 segundos), tempo máximo de uma reportagem factual, ou seja, aquela que remete aos acontecimentos do dia, cuja exibição está condicionada ao dia de sua ocorrência. Assim, um repórter televisivo precisa se utilizar de algumas regras para poder dar conta dessa exigência de tempo e narrar os fatos com o maior número de informações possíveis”.

(BARBOSA, 2009; 2013). Trata-se de uma conjuntura marcada pela alteração dos hábitos e práticas dos consumidores. Em meio a transformações tecnológicas que possibilitam, entre outras ações, a busca e o acesso a uma diversidade de opções de informações e entretenimento, de maneira facilitada, os cidadãos têm suas preferências modificadas.

A partir das palavras das autoras, cabe assinalar, também, que a vivência de consumo jornalístico em múltiplas telas é um elemento que está presente no cotidiano dos espectadores. O cenário de produção, voltado à transmissão em múltiplas plataformas, segundo as autoras, ultrapassa as clássicas características do jornalismo direcionado apenas a uma mídia, chegando-se a uma produção horizontalizada. De acordo com Barbosa (2013), essa produção é conduzida pelo paradigma do jornalismo produzido em base de dados e é assinalada pela medialidade (GRUSIN, 2010), que pode ser vista como uma perspectiva que abarca os fluxos de produção e distribuição do conteúdo jornalístico, em diversas mídias.

Além dos desafios do docente de telejornalismo aqui apontados, em tempos de pandemia do coronavírus, a exigência de distanciamento social demandou novas perspectivas para o desenvolvimento das aulas. A fim de exemplificar as reflexões sobre o ensino de telejornalismo na atualidade, trouxemos como objeto de estudo a disciplina de Televisão³, oferecida no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, no segundo semestre de 2020.

O distanciamento social demandou a realização de aulas online e reuniões em suporte virtual. No caso da disciplina de Televisão, da UFPel, foi estabelecido que o tempo de duração das aulas síncronas, realizadas uma vez por semana, seria de até uma hora e meia, para não

³ As informações apresentadas são um relato de experiência, sendo que a disciplina foi ministrada por uma das autoras deste texto.

se tornarem cansativas e, ao mesmo tempo, não oferecerem prejuízo de conteúdo aos alunos.

Durante todo o semestre, ocorreram aulas síncronas semanalmente, que foram ministradas através do espaço para *webconferências* da própria instituição. Nesse espaço, foi criada uma sala virtual, que foi disponibilizada aos alunos. A presença nas aulas foi, em média, de mais de 70% dos inscritos. Através do e-aula UFPel, foram salientados os conteúdos de cada aula, as atividades e os textos que deveriam ser lidos para cada encontro.

Em relação às avaliações, foram realizadas duas no decorrer do semestre. A primeira avaliação foi teórica, com a realização de resenhas sobre assuntos voltados ao telejornalismo. A segunda situou-se no âmbito prático, sendo voltada à realização de um Drops⁴, modelo que tem sido usado no *Em Pauta TV*⁵, telejornal universitário da instituição, que sofreu grandes mudanças em tempos de pandemia para ser mantido em atividade.

Cabe apontar que, no decorrer do semestre, a professora convidou três profissionais de telejornalismo atuantes na cidade de Pelotas. Esses jornalistas fizeram falas voltadas a contar suas experiências na construção do texto televisivo e de reportagens em tempos normais e de pandemia. As falas dos profissionais funcionaram como espaço de divisão de angústias diante da prática telejornalística nesse cenário.

4 Drops, na seara do jornalismo para telas, pode ser caracterizado como um material audiovisual produzido de forma mais informal e voltado a dar notícias para o público. Em matéria publicada no Estadão, em agosto de 2017, há a caracterização de Drops voltados à publicação no site do jornal: “Criado pela equipe de mídias sociais do jornal, o Drops traz as notícias mais importantes do dia, contadas pelos repórteres dentro da redação de forma descontraída, além de mostrar os bastidores da equipe do Estadão” (ESTADÃO..., 2017, online).

5 O *Em Pauta TV* é um telejornal universitário produzido no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. No seu formato tradicional, apresenta cerca de 15 minutos de duração, sendo constituído por reportagens e por um quadro de entrevistas. No contexto da pandemia, o *Em Pauta* teve suas rotinas e seu formato reconfigurados; as transmissões passaram a ser feitas em formato de Drops e com veiculação três vezes por semana. Todo o processo produtivo passou a ser remoto, visando à preservação dos envolvidos em relação ao coronavírus.

Elas também suscitaram amplas reflexões e a realização de muitos questionamentos por parte dos alunos.

O ensino telejornalístico seguiu as tendências propostas pelas emissoras de TV, no que diz respeito às entrevistas e aos contatos com as fontes de forma remota, bem como às apresentações diretamente de suas casas. A principal diferença é que os alunos e os professores precisaram fazer uso de seus próprios equipamentos, como computadores, celulares e fones de ouvido com microfone, enquanto as emissoras, na maioria dos casos, continuaram contando com equipamentos profissionais, como microfones de lapela, ponto eletrônico, tripés e câmeras.

Nesse sentido, professores e alunos precisaram unir esforços para dar continuidade à proposta curricular e manter a qualidade do ensino. Uma tarefa difícil de ser empreendida, já que o processo prático necessita da experimentação técnica e do acompanhamento do professor nas etapas da pré-produção, produção e pós-produção dos conteúdos. Todo o processo de produção de um produto audiovisual é permeado pela perspectiva de união de textos em nível verbal, imagético e de elementos sonoros. A tessitura de textos para a TV requer sensibilidade de toda a equipe envolvida para trabalhar de forma coerente com os elementos que perpassam esses textos e, também, experimentações. Dessa forma, a partir da importância do trabalho em equipe, os fazeres telejornalísticos em tempos de pandemia tornam-se complexos e o ensino requer muitos esforços por parte de todos os envolvidos.

Além disso, diante das mudanças vivenciadas no contexto atual, o crescimento da convergência midiática tornou-se prudente nas produções telejornalísticas. As transformações tecnológicas chamam a atenção para as mudanças nas perspectivas de trabalho e de ensino e mostram-se pertinentes para suprir as demandas da atualidade, voltadas à interatividade do público com o meio.

Os recursos tecnológicos deram bases para que as aulas de telejornalismo tivessem condições de serem efetivadas de forma remota. Como falamos no decorrer deste texto, todo o desenvolvimento da disciplina de Televisão, no curso de Jornalismo da UFPel, foi realizado com base em suportes tecnológicos. A realização dos Drops foi possível devido às possibilidades oferecidas por dispositivos móveis e pela realização das entrevistas pelo formato online. As possibilidades de transmissão de dados pelo ambiente virtual também foram cruciais para que os alunos pudessem trabalhar em equipe e para que tivessem as orientações da professora da disciplina.

4 Considerações finais

Nos últimos tempos, a prática telejornalística e, em consequência, o ensino nessa área precisaram ser revistos em meio às transformações tecnológicas. Neste momento pandêmico, as atualizações vivenciadas foram providenciais, pois, de certa forma, auxiliaram nas adaptações imediatas a que fomos submetidos.

A produção e a divulgação das informações diante das telas, em meio à pandemia, precisaram se readequar através das recomendações mundiais de saúde para a preservação da vida de profissionais e de fontes. Muitos jornalistas passaram a realizar as atividades em casa, e outros, que permaneceram frequentando as redações, precisaram aderir ao uso de máscaras, fazer a higienização constante das mãos e evitar a proximidade com outras pessoas. As entrevistas passaram a ser realizadas, na maior parte dos casos, de forma remota e o uso de suportes tecnológicos tornou-se essencial.

Da mesma forma, o ensino universitário precisou ser adaptado e a perspectiva das aulas práticas repensadas. As formas de adquirir conhecimento nos espaços educacionais já vinham sofrendo alterações, diante das tecnologias digitais e das novas maneiras de informar e

comunicar. Portanto, assim como existe necessidade de entrosamento entre a teoria e a prática qualificada no ensino, também é necessário adotar uma postura flexível frente à situação imposta pela pandemia.

O percurso atual exige adaptação a novas formas de produção e recepção, vinculadas à portabilidade e à interatividade digital. Isso porque o ensino de telejornalismo também é o resultado da constante evolução tecnológica dos processos comunicacionais e de interação da sociedade com a televisão e suas diferentes telas, visualizadas em novos suportes tecnológicos.

A produção telejornalística qualificada nas universidades exige que o processo de ensino e aprendizagem seja voltado para uma prática de laboratório específica e intensa. Mesmo essa não sendo a realidade atual, buscamos constantemente soluções criativas e possíveis, na perspectiva de amenizar ao máximo os prejuízos e aproveitar os ensinamentos da situação vigente, com sabedoria e positividade.

Para finalizar, reiteramos que a efetivação da disciplina de Televisão, no âmbito da UFPel, foi um desafio no sentido da importância das experimentações nas aulas práticas, das necessidades de reconfiguração dos modos de fazer telejornal e das remodelações nas formas de ministrar as aulas. Docente e acadêmicos ficaram frente a um novo cenário, que imputou transformações e que exigiu colaboração por parte de todos.

Referências

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, João. *Notícias em mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis*. Covilhã: UBI, Labcom, 2013. p. 33-54.

BRASIL, Aantonio. Ensino de telejornalismo no Brasil: um desafio acadêmico entre a cultura teórica e o mundo da prática profissional. In: *Anais do 24º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação*. Campo Grande: Intercom, 2001. p. 1-14.

COMO o novo coronavírus mudou a forma de fazer telejornalismo no RS? Coletiva.net, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/como-o-novo-coronavirus-mudou-a-forma-de-fazer-telejornalismo-no-rs,355535.jhtml?fbclid=IwAR1GFsZqzpb4KSE01dB1RmOr6PlrBJG9isnAJQo0tfiYXCWQ1Dz8--Hui-0>. Acesso em: 21 maio 2020.

EMERIM, Cárilda. O texto na reportagem de televisão. In: *Anais do 33º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Caxias do Sul/RS: Intercom, 2010. v. 33. p. 1-15.

EMERIM, Cárilda; CAVENAGHI, Beatriz. O ensino de apresentação de telejornais: desafios e experiências da UFSC e do Ielusc. In: *Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJOR*. São Paulo: SBPJOR, 2017. v. 1. p. 1-15.

‘ESTADÃO Drops’ alcança 3 milhões de visualizações. *O Estado de São Paulo*, 12 ago. 2017. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,estadao-drops-alcanca-3-milhoes-de-visualizacoes,70001934017>. Acesso em: 29 jul. 2020.

GRUSIN, Richard. *Premediation: affect and mediality after 9/11*. UK: Palgrave Macmillan, 2010.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

NEGRINI, Michele; ROOS, Roberta. Covid-19 e a ressignificação do ensino telejornalístico: novas experiências e desafios. In: *Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*, SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, evento virtual, 3-6 nov. 2020. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/view/2597/1396>. Acesso em: 4 out. 2021.

PICCININ, Fabiana; NEGRINI, Michele; ROOS, Roberta. Telejornalismo universitário e acessibilidade. *Rumores (USP)*, São Paulo, v. 12, p. 313-332, 2018.

Ensino de telejornalismo em tempos de covid-19

PORTAL PRESS. Jornalismo em tempos de pandemia. Disponível em: <http://revistapress.com.br/revista-press/jornalismo-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

ROOS, Roberta; NEGRINI, Michele; BELOCHIO, Vivian. O telejornalismo universitário e os aspectos locais: reflexões sobre a produção telejornalística frente ao desenvolvimento da Web. In: *Anais do 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. Goiânia, 2019.

SOUZA, Jéssica Jorge Felipe de. Os desafios da reportagem em tempos de pandemia. Alguém precisa informar ao mundo. *Central de notícias Uninter*, 11 maio 2020. Disponível em: <https://www.uninter.com/noticias/os-desafios-da-reportagem-em-tempos-de-pandemia-alguem-precisa-informar-ao-mundo>. Acesso em: 10 nov. 2020.

Colocando em prática as experiências do ensino universitário de forma remota: assessoria de imprensa em foco

Micael Machado da Silva
Marislei da Silveira Ribeiro

RESUMO

O presente artigo visa a discorrer sobre a importância da assessoria de imprensa no gerenciamento de crise em tempos de covid-19, enfoque para o Projeto de Ensino denominado *Estratégias de Assessoria de Imprensa para Empresas Públicas e Privadas (ESTAP)*, *corpus* deste estudo. Como metodologia, foi escolhida a pesquisa bibliográfica baseada principalmente em autores como Mafei (2005) e Duarte (2018), para entender e discutir a revisão da literatura sobre o tema, e o estudo de caso proposto por Yin (2001) e Gil (2009), para investigar o “como” e o “porquê” de todas as ações desenvolvidas com o propósito de capacitar os integrantes do Projeto na área da assessoria de imprensa.

Palavras-chave: Jornalismo. Assessoria de imprensa. Gerenciamento de crise. Projeto de Ensino covid-19.

1 Introdução

Perante o grande fluxo de informações dispostas nos meios físicos e virtuais, é evidenciado no universo das organizações a necessidade da busca por um diálogo frequente e também eficaz, enfoque para a evolução dos meios tecnológicos e a modernização em todo o processo comunicativo, afetando a relação das empresas com a imprensa no que diz respeito à construção da imagem e reputação das mesmas.

Por conta da pandemia do novo coronavírus (covid-19) e, consequentemente, do projeto de decreto legislativo (BRASIL, 2020) que reconhece estado de calamidade pública, decretado no dia 20 de março de 2020, uma série de adequações nos hábitos e costumes dos sujeitos sociais afetaram diversos setores da economia do país, alvitrando o debate acerca tanto das estratégias usadas pelas organizações para persistirem no mercado, como também do gerenciamento de crise para diminuir riscos e danos.

Diante desse cenário, o hodierno estudo tem como intuito expor a importância da assessoria de imprensa, por intermédio dos espaços educativos online, para concretizar práticas pedagógicas inovadoras que possibilitam a todos realizar aprendizagens diferenciadas via plataformas digitais. Para tanto, o Projeto de Ensino que será utilizado como objeto de estudo é o denominado *Estratégias de Assessoria de Imprensa para Empresas Públicas e Privadas (ESTAP)*, criado no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com o intuito capacitar os discentes e egressos da Universidade para produzirem serviços bem como produtos de uma Assessoria de Imprensa de forma preventiva e reativa diante de possíveis crises de imagem causadas, principalmente na atualidade, por conta do novo coronavírus (covid-19).

Vale enfatizar que as ações produzidas durante a execução do Projeto ofereceram aos discentes e egressos da Universidade novas vivências que colaboraram para a formação profissional de cada um, também permitindo o confronto da parte prática com as teorias estudadas ao longo da graduação. No que diz respeito à metodologia de estudo escolhida, optou-se por duas: pesquisa bibliográfica e estudo de caso.

A primeira, com o intuito de coletar o material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, conduzida sob o aporte teórico de Mafei (2005); Chinem (2006); Martinez (2008); Duarte (2018); Chaparro (2011); e Amaral (2011). Enquanto a segunda,

de acordo com Yin (2001) e Gil (2009), para investigar o como e o porquê dos fenômenos analisados – estratégia de pesquisa que se aplica em estudos institucionais e organizacionais.

2 Estado da arte

2.1 Breve histórico da assessoria de imprensa

É consenso entre os pesquisadores que as raízes da assessoria de imprensa, antes chamadas de Assessorias de Relações Públicas e Imprensa, têm suas origens evidenciadas nas últimas décadas do século XIX, nos Estados Unidos. As notáveis mudanças socioeconômicas trazidas pela Revolução Industrial edificaram um clima que “era propício ao aparecimento de um serviço capaz de atender às necessidades do novo relacionamento social” (AMARAL, 2018, p. 52). No entanto, o grande marco inicial é no século XX, graças à campanha promovida pelo jornalista Ivy Ledbetter Lee, cujo intuito era tornar favorável uma imprensa até então hostil ao tratar a empresa Pennsylvania Railroad, do empresário John Davison Rockefeller. O trabalho exercido pelo jornalista favoreceu a divulgação de uma imagem positiva, tanto da empresa quanto de seu representante, ao estabelecer um bom relacionamento com a imprensa, alicerçado na transparência e na honestidade como características principais.

Já na década de 1930, com o crescimento das assessorias, as universidades começaram a formar especialistas na área de relações públicas e, 20 anos depois, no ano de 1950 segundo Chaparro (2018), existiam departamentos de assessoria de imprensa, os quais objetivavam promover a mediação entre as organizações, a mídia e, é claro, o público.

Enquanto isso, no Brasil, a prática das assessorias de imprensa nas organizações é dividida em públicas e privadas e têm dois marcos em anos distintos. O grande marco nas organizações públicas foi a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em

1931, por Getúlio Vargas¹. O departamento criado pelo Presidente da República visava promover uma boa imagem de seu governo, porém, durante a ditadura do Estado Novo, foi responsável pela censura à mídia, funcionando como um instrumento de

[...] controle ideológico via comunicação (particularmente rádio, jornal e cinema) consolidada por uma política pública de origem fascista. [...] com uma superestrutura de manipulação da opinião pública por meio da censura, fiscalização, controle legal e distribuição em larga escala de noticiário laudatório (DUARTE, 2018, p. 83).

Somente com o fim do primeiro mandato de Getúlio Vargas que o DIP foi mudado e batizado com o nome de Departamento Nacional de Informações que, embora estivesse vinculado ao Ministério da Justiça, tinha como função a divulgação de informações bem como o atendimento aos jornalistas de forma mais isenta e pacífica. Em 1944, passaria a ser a Agência Nacional, voltada única e exclusivamente aos interesses do governo.

Por outro lado, nas organizações privadas, o desenvolvimento das práticas de assessoria de imprensa ocorrera após 1950, potencializado pela vinda de grandes multinacionais no governo do então Presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira². Segundo Duarte (2018), os jornalistas Alaor Gomes e Reginaldo Finotti foram os responsáveis pelo marco da atividade ao fundar um setor específico de relacionamento com a imprensa, a Seção de Imprensa do Departamento de Relações Públicas da filial da Volkswagen no Brasil. Em 1967, já existiam muitos profissionais exercendo as atividades de relacionamento com a mídia, daí houve a necessidade do processo de

1 14º Presidente da República, governou o país no período entre 1930 e 1945.

2 21º Presidente da República, governou o país no período entre 1956 e 1961.

organização teórica e prática da atividade. Para isso, foi fundada a Associação Brasileira de Jornalismo Empresarial (Aberje).

No período de Ditadura Militar (1964-1985), os militares também investiram em assessoria de imprensa, usando estratégias de comunicação para a confecção de propagandas com o objetivo central de divulgar informações do governo e legitimar a ditadura por intermédio da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), conforme o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Nesse momento, “as relações públicas tiveram no Brasil vertiginoso desenvolvimento” (CHAPARRO, 2018, p. 42). Ainda sobre a AERP, pode ser ressaltado o intuito de abrir um canal de comunicação entre governantes e governados, dentro de um sistema contraditório que se apresentava como democrático quando, na verdade, estava inserido em governo autoritário e controlador.

No que diz respeito à atuação na imprensa, preservava a censura e manipulava tanto a notícia como o seu efeito na sociedade. A publicidade ainda demonstrava uma imagem harmoniosa dos brasileiros integrados com as suas famílias, trabalho e, principalmente, com a nação. Já em 1968, a AERP foi responsável por avigorar um modelo que se tornou referência “[...] para governos estaduais e municipais, bem como para empresas de grande porte, em particular as estatais” (CHAPARRO, 2018, p. 42 e 43).

Em 1970, segundo Chaparro e Duarte (2018), governos e empresas consideravam primordiais na construção de um plano de comunicação as atividades de assessoria de imprensa, que estavam surgindo como um novo mercado com o aparecimento das primeiras agências. Logo que o período de Ditadura Militar foi extinto, a função de assessor de imprensa, que até então era ocupada por outros profissionais, nos Estados Unidos pelas relações públicas, passou a ser ocupada pelos jornalistas. O reconhecimento ocorreu graças ao Manual de

Assessoria de Imprensa, formalizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) por meio de um acordo com o Conselho Nacional de Relações Públicas, determinando a função e o espaço a ser ocupado pelos jornalistas.

No contexto dos dias atuais, caracterizado como o “serviço prestado a instituições públicas e privadas, que se concentra no envio frequente de informações jornalísticas, dessas organizações, para os veículos de comunicação em geral” (FENAJ, 2007, p. 7), as atividades de assessoria de imprensa apresentam um crescimento significativo. Nas palavras de Chinem,

[...] cresce a quantidade de assessorias de comunicação internas e externas, em função, primeiro, do crescimento dos negócios. Em segundo lugar, a expansão das assessorias de comunicação se deve à abertura do universo e da necessidade de ampliar a voz, coisa que se verificou nas últimas décadas (CHINEM, 2006, p. 15).

Nesse cenário de crescimento, diante da credibilidade e do papel que a imprensa desempenha na vida dos sujeitos sociais e, na maioria das vezes, as assessorias são tidas também como formadoras de opinião em um mundo globalizado, é basilar um estudo sobre a importância da assessoria de imprensa em instituições públicas e privadas.

2.2 A influência das assessorias de imprensa na construção das notícias

Toda e qualquer notícia pode ser evidenciada, de acordo com Hall (1993), como o resultado de uma construção feita entre os jornalistas e as fontes. Logo, já desmistificando a premissa de que as notícias são espelho da realidade, Traquina (2004, p. 173) afirma que as “as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas

e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização”.

Por esse prisma, pode-se afirmar que as fontes são fios condutores em todo o processo de produção das notícias e, mais, de acordo Becker (1967), há uma hierarquia de credibilidade responsável por assegurar informações de forma rigorosa e melhor qualificada. É nesse instante que os assessores de imprensa são evocados como fontes profissionais, dotadas de dados pertinentes e capazes de criar eventos noticiáveis. À vista disso, pode ser evidenciada a relação composta pela fonte, o jornalista assessor de imprensa e o jornalista da redação.

Nessa relação, definida por Cook (1989) como uma espécie de casamento de conveniência, enquanto o jornalista está buscando por informações para a confecção das notícias, o assessor de imprensa tem o propósito de obter gratuitamente a divulgação de fatos noticiáveis de forma positiva sobre a parte assessorada. Portanto, há uma intermediação baseada na confiabilidade em que o assessor irá dispor material institucional atraente ao repórter, repleto de valores-notícia³, com informações verdadeiras. Na ausência de transparência, haverá, segundo Gaiewski do Nascimento (2018), perda de credibilidade e o efeito bumerangue. Sobre os assessores de imprensa também é correto afirmar que

[...] tornaram-se efetivo ponto de apoio de repórteres e editores (como um tipo de extensão das redações) ao agirem como intermediários qualificados, estabelecendo aproximação eficiente entre fontes de informação e imprensa. De um lado, auxiliaram jornalistas, ao fornecer informações confiáveis

3 De acordo com Wolf (2008), os valores-notícia constituem a resposta da pergunta: “[...] quais os acontecimentos considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?”. Ainda pode ser o mesmo que critérios de noticiabilidade que são o conjunto de requisitos que são exigidos dos acontecimentos “do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias” (WOLF, 2008, p. 190).

e facilitar o acesso. De outro, orientaram fontes sobre as características da imprensa, a necessidade e as vantagens de um relacionamento transparente (MAFEI, 2018, p. 89).

A importância das assessorias de imprensa na construção das notícias ainda pode ser explicitada por intermédio da pesquisa realizada em 2013, pela *PRNewswire, a Cision company*⁴, que, ao entrevistar 300 jornalistas de inúmeros seguimentos, constatou que os *press releases* são a segunda fonte que mais gera pautas para os jornalistas de redação – ficando atrás apenas da própria fonte de informação. A pesquisa ainda demonstrou que 41% dos jornalistas creem no conteúdo disposto nos *press releases* (A IMPORTÂNCIA..., [2020?], online).

2.3 Ferramentas da assessoria de imprensa

Visando à difusão de informações em uma assessoria de imprensa, são utilizados ferramentas e produtos com a finalidade de promover as organizações, sejam elas públicas ou privadas. Para Duarte (2008), isso evidencia e favorece o papel do assessor ao trabalhar de forma clara a imagem da instituição perante a sociedade, enfocando também os objetivos e valores delas.

Dentre as ferramentas mais usadas pelos assessores em seu cotidiano de acordo com Mafei (2018), os *press releases* – textos elaborados pelo assessor que contêm as principais notícias do cliente – aparecem em primeiro lugar. Seguindo os critérios jornalísticos, “tem por função levar às redações notícias que possam servir de apoio, atração ou pauta, propiciando solicitações de entrevistas ou de informações complementares” (KOPPLIN, FERRARETTO, 1993, p. 73).

Enquanto isso, o *press kit* ou *kit de imprensa* surge como o conjunto de materiais físicos ou eletrônicos focados na divulgação da parte

⁴ Empresa fundada no dia 08 de março de 1954 por Herb Mushchel, é líder global em inteligência de mídia, responsável por monitorar, mensurar, analisar e distribuir notícias e conteúdo.

assessorada; o *follow up* como a simples ação de obter retorno sobre os *press releases* encaminhados à imprensa, e o *mailing list*, que consiste em uma lista que contém os veículos, jornalistas e contatos para a divulgação de informações. Esse exigindo “ter avaliação e atualização permanentes para manter sua eficiência” (DUARTE, 2018, p. 264).

Outra ferramenta utilizada é o *clipping*, que consiste na seleção de matérias de interesse da parte assessorada veiculadas nas mídias, ajudando a avaliar dados como a exibição do cliente na mídia bem como seus concorrentes e setor de atuação. Cabe também ao assessor de imprensa organizar *workshops* referentes a temas sobre imprensa para seus clientes e prepará-los para atender a imprensa, atividade batizada com o nome de *media training* que, para Duarte (2018), é “uma função vital em assessoria de imprensa, tanto para ajudar as fontes a se apresentarem de maneira adequada quanto para a imprensa (e a sociedade) ter a melhor informação possível” (DUARTE, 2018, p. 370).

A atividade de *media training* se torna essencial pelo fato de desenvolver competências comunicativas para lidar com a mídia, garantindo a representação das organizações para o grande público por intermédio dos meios de comunicação. Chinem (2006) inclusive ressalta que o assessor mostra, na prática, como funciona uma entrevista com um profissional de imprensa, em que a parte assessorada se vê diante de situações que vai enfrentar em seu cotidiano e aprenderá a lidar com perguntas hostis.

2.4 Gerenciamento de crise de imagem

O trabalho nas assessorias de imprensa é um dos mais promissores para os jornalistas e, de acordo com Duarte (2018), o profissional inserido nessa área torna-se um grande articulador. Sempre a postos e não tão somente apurando como produzindo as notícias de seu assessorado, no contexto dos dias atuais, está imerso nos ambientes físicos e virtuais, assumindo nos departamentos de comunicação um

papel fundamental, estratégico e atuante em tomadas de decisões nas empresas. Isso tudo se deve a dois grandes fatores: a indispensabilidade das organizações de se comunicar, tanto com a imprensa quanto com os seus públicos – interno e externo – ativamente, com rapidez e eficácia; e a incorporação da comunicação no planejamento da organização para, também, desenvolver um Plano de Gerenciamento de Crise de Imagem de forma preventiva e reativa.

É notório que em um mundo globalizado as imagens e notícias circulam com uma rapidez desmedida, permitindo que os sujeitos sociais saibam o que acontece em todo e qualquer lugar. Diante das novas possibilidades de comunicação, a valorização da imagem torna-se imprescindível para as organizações no trabalho de consolidação de sua reputação. Para Fombrun (1998), a reputação é demarcada pelas percepções que os sujeitos sociais possuem de dentro e de fora de uma empresa e, para que ela seja positiva, é importante investir na construção de um bom relacionamento com três pilares: os funcionários (público interno), os clientes (público externo) e a mídia.

Os casos de empresas que sofrem com a exposição negativa nos três pilares elencados anteriormente tornaram-se constantes, principalmente na era virtual. Por essa perspectiva, é visualizada a necessidade de um Plano de Gerenciamento de Crise de Imagem. Enquanto Chinem (2011), sintetiza que a crise de imagem é toda e “qualquer situação que escape ao controle da empresa e que ganhe visibilidade pública” (p. 86), Rosa (2007), detalha que se trata de um fenômeno que ultimamente ganha força em razão de fatores como os interesses econômicos; a atual configuração da mídia; a geração de consumidores exigentes e perspicazes; e a ampla liberdade de debate público.

As explanações de ambos os autores mostram que a interligação de tais fatores faz com que a imagem das empresas se torne mais vulnerável. Logo, os conflitos podem atingir a reputação e a credibilidade dela por intermédio de situações e fatos que se desenrolam até atingir uma

situação externa, de crise, e isso tudo pode fazer com que a empresa passe a ser conhecida e repudiada pelos públicos de forma negativa.

Os assessores de imprensa, diante de uma crise devem administrá-la e repassar à imprensa, o mais rápido possível, as informações verdadeiras sobre o que gerou a crise, com a finalidade de minimizar e também evitar que a situação seja agravada. Mafei (2018) reforça que nesse momento, “[...] se a organização não tomar a frente da situação e se tornar a fonte principal, alguém tentará cumprir esse papel. E esse alguém alimentará a imprensa com a própria versão dos acontecimentos” (MAFEI, 2018, p. 111). Em concordância, Rosa (2007) pontua que o primeiro passo a ser dado em uma crise é assumir voluntariamente os erros e, além disso, explicar como tudo aconteceu, demonstrando preocupação para, em seguida, achar uma forma de aliviar as consequências.

Por outro lado, Rosa (2007) diz que as crises não são totalmente imprevisíveis e que algumas podem apresentar indícios, sendo previstas com maior ou menor precisão. Para tanto, o autor robustece a importância de ter um Comitê de Gerenciamento de Crise (CGC) alinhado às seguintes tarefas:

1 - Estabelecer o ranking das crises que uma organização está mais passível de atravessar; 2 - Definir os estágios de cada uma dessas crises, considerando três etapas distintas: a pré-crise, o ápice e o pós-crise. É preciso definir as ações para cada estágio; 3 - Definir o papel de cada integrante do Comitê de Gerenciamento de Crises (CGC) (ROSA, 2007, p. 322).

Referente à tarefa número três sugerida por Rosa (2007), Duarte (2018) ressalta que nesse processo é escolhido um porta-voz para contornar o momento de crise e que o profissional da comunicação tem que ser o mais apto dentro da organização, ou seja, deve-se optar

[...] de preferência por alguém que tenha amplo conhecimento do negócio da organização; habilidade para ouvir e expressar-se;

para manter-se calmo, sob forte pressão; postura e boa aparência e, mais importante, transpire credibilidade. Não adianta milhões de dólares em publicidade, marketing agressivo, se na hora da crise a empresa trabalha com o imprevisto (DUARTE, 2018, p. 400).

Somados todos os fatores apontados pelos autores acima, Oliveira (1999) afirma ainda que o departamento de comunicação pode criar uma auditoria de riscos para indicar as fragilidades da empresa. Desse modo, englobando o macro e o microambiente, detalhando departamentos ou setores; serviços e produtos – a vantagem do *know-how*⁵.

2.5 A importância dos projetos de ensino nas universidades

É notado que os atores sociais produzem conhecimentos e, posteriormente, sistematizam-nos, modificando o que é necessário à sua sobrevivência. Essa ação não é apenas biologicamente determinada, acontecendo também pela apropriação de experiências e conhecimentos que são edificados e transmitidos de uma geração a outra. Partindo do princípio de que a Ciência é a modalidade do saber, composta pelo conjunto formado por aquisições intelectuais cuja finalidade é propor uma explicação racional e objetiva da realidade, a tecnologia pode ser evidenciada como a aplicação do conhecimento científico para se obter um resultado prático.

Para Bastos (2000), a existência da tecnologia nos mais variados setores da sociedade é responsável por constituir um dos argumentos que comprovam a inevitabilidade de sua presença nos ambientes escolares e acadêmicos, principalmente na formação de um sujeito social

5 Termo em inglês que significa “saber como”. É o conjunto de conhecimentos e habilidades práticas obtidas por uma organização ou profissional que traz para si vantagens competitivas. Ao possuir um *know-how*, pode-se ter preeminência no mercado pelo fato de apresentar conhecimento especializado sobre algum produto e serviço (CAMBRIDGE, online).

competente tanto em relação ao seu instrumental teórico quanto técnico e também no que se refere à interação humana e aos valores éticos.

Os Projetos de Ensino bem como suas metodologias e encaminhamentos, formam um conjunto de ideias e teorias educativas. Isso tudo, segundo Hernández, concebe um lugar que pode permitir:

- 1) o tratamento da informação; 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio (HERNÁNDEZ, 1998a, p.37).

No que diz respeito aos Projetos de Ensino, ainda pode ser mencionado, de acordo com Hernández (1998b), o fato de o educador abandonar o posto de “transmissor de conteúdos”, tornando-se pesquisador, enquanto que o educando passa de receptor passivo para sujeito do processo. Isso tudo, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), pode ser visualizado nos Projetos de Ensino em que há Bolsas de Iniciação ao Ensino do Programa de Bolsas Acadêmicas (PBA), que são destinados à formação acadêmica de discentes regularmente matriculados em cursos de graduação.

Tais Bolsas e Projetos de Ensino têm ênfase em ensino e buscam, acima de qualquer coisa, contribuir para o aprimoramento e qualificação do processo ensino-aprendizagem, podendo promover: a) uma abordagem inovadora e/ou aprimoramento de temas relativos ao currículo dos cursos de graduação; b) inovações pedagógicas e práticas integradas aos cursos de graduação; c) produção de materiais didáticos acessíveis aos sujeitos sociais do processo, preferencialmente valendo-se das novas tecnologias educacionais; d) o diagnóstico, a análise e as ações que busquem a redução dos índices de evasão e retenção; e) ações afirmativas numa perspectiva inclusiva para o acesso e permanência no Ensino Superior; f) formação de caráter interdisciplinar aos

acadêmicos; e g) reflexão e avaliação curricular de cursos de graduação (UFPel-PRE, online).

O Projeto de Ensino do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), denominado *Estratégias de Assessoria de Imprensa para Empresas Públicas e Privadas (ESTAP)*, surge dividido em cinco módulos, abordando desde a parte história da atividade ao redor do globo, principalmente no Brasil, até as estratégias adotadas na atualidade, no mercado de trabalho. Tudo isso visando a capacitar os estudantes para produzirem produtos e serviços de uma assessoria de imprensa para promover a visibilidade e a proteção tanto das empresas públicas como das privadas. Além disso, propõe conhecer e analisar os fundamentos históricos da legitimação das assessorias no país e ao redor do globo; oportunizar a reflexão sobre o trabalho de assessoria de imprensa e de comunicação em si; avaliar a relação assessor e assessorado bem como a relação entre a fonte, o jornalista e a assessoria e, é claro, ao final do quinto e último módulo, elaborar, apresentar e aplicar um projeto de assessoria.

3 Trajetória metodológica

A pesquisa, por si só, é o processo no qual os sujeitos sociais buscam respostas para os problemas que são apresentados e, de acordo com Appolinário (2004), ela tem se tornado muitas vezes uma investigação sistemática de determinado assunto. Isso tudo em prol da obtenção de novas informações⁶ ou, até então, para reorganizar as informações existentes sobre um problema aprazado. Nesse ínterim, Gil (2009) retrata a estreita relação entre ciência e pesquisa e acrescenta às ideias de Appolinário (2004) que a pesquisa é “[...] o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” (GIL, 2009, p. 42).

⁶ Para Appolinário (2004), o termo informações tem sentido amplo, podendo constar, dentre eles: conhecimentos, teorias, dados e práticas.

Para este artigo, optou-se num primeiro momento por aplicar a forma de pesquisa mais realizada nos âmbitos escolares e acadêmicos, a pesquisa bibliográfica, cujo objetivo, segundo Tachizawa e Mendes (2006), é entender e logo após discutir a revisão da literatura sobre o tema escolhido para análise. Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, pode ser afirmado que ela se desenrola sobretudo por consulta e estudo de “material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos” (FONSECA, 2002, p.32).

Em um segundo momento, foi aplicado como metodologia o estudo de caso que, de acordo com Yin (2005), é adequado quando o sujeito social visa a investigar o “como” e o “porquê” de um conjunto de eventos da atualidade. Ou seja, o estudo de caso “[...] tenta esclarecer uma decisão ou um conjunto de decisões: o motivo pelo qual foram tomadas, como foram implementadas e com quais resultados” (SCHRAMM, *apud* YIN, 2005, p. 31).

Enquanto isso, para Gil (2009), o estudo de caso, além de explorar situações da vida real, preserva o caráter unitário do objeto estudado, expondo a situação em que está sendo realizada determinada investigação para que, posteriormente, sejam formuladas hipóteses ou, então, desenvolvidas teorias explicando também as variáveis causais de tal fenômeno em situações complexas. O estudo de caso ainda contém em si, de acordo com Yin (2005), tanto casos únicos, analisando o objeto ou fenômeno em determinado contexto, como múltiplos, que também o faz, no entanto analisando diferentes casos ou fenômenos dentro de seus relacionados contextos.

No que diz respeito aos casos selecionados para um estudo, Roesch e Fernandes (2007) declaram que eles são recomposições de situações⁷ problemáticas organizacionais ou gerenciais cujos fins são

7 Para Roesch e Fernandes (2007), as situações escolhidas para um estudo de caso são específicas a determinada organização e elas partem do ponto de vista do sujeito social que escreveu tal situação problema como uma espécie de “case” para estudo.

didático-educacionais. Os autores ainda diferenciam “estudo de caso” e “caso”, pois enquanto o primeiro tem uma edificação analítica e interpretativa, o segundo possui uma construção textual, narrativa e descritiva. Duarte (2008) complementa que o caso é um material didático, em suma, definido por um texto estruturado justamente pela narrativa de situações, por exemplo empresariais, vivenciadas na prática pelos executivos de uma empresa. No entanto, mesmo os casos sendo relatos reais, segundo Roesch e Fernandes (2007), nunca poderão ser confundidos com um relato de uma história, visto que a participação do investigador como observador por si só já inicia um processo de coleta e interpretação dos dados em fontes primárias.

4 Principais resultados

O Projeto de Ensino contempla alunos do primeiro ao oitavo semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e também egressos. Dividido em cinco módulos, sendo os três primeiros teóricos e os dois últimos práticos, promove a produção bem como a troca de conhecimentos acerca da gestão da comunicação e das estratégias comunicacionais aplicadas nas organizações, tanto públicas quanto privadas, especialmente em situações de crise. Ministrado e aplicado de modo remoto, utiliza a plataforma *Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment (Moodle)*, ambiente virtual de aprendizagem fornecido pela UFPel, assim como o perfil oficial do Projeto *Estratégias de Assessoria de Imprensa para Empresas Públicas e Privadas (ESTAP)*, na mídia social *Instagram*, e o aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smarthphones*, *WhatsApp*.

Neste momento, é alvitado a importância de se estar presente nos ambientes virtuais não somente em um período pandêmico, pois, a partir do momento em que a relação estabelecida entre a parte docente e discente migra das redes sociais físicas para as redes sociais virtuais,

o docente deixa de ser apenas um transmissor, criando situações de aprendizagens as quais incidem sobre as relações que se estabelecem nesse processo. Logo, o professor também realiza mediações necessárias para que os alunos consigam encontrar sentido e significado em tudo o que está sendo repassado a partir das relações criadas nessas situações.

No primeiro módulo, foram realizadas aulas expositivas respondendo as dúvidas iniciais dos integrantes do Projeto, definindo o que é a atividade de assessoria bem como o que faz um assessor de imprensa; a apresentação do Manual da Assessoria de Comunicação da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), finalizando com a atividade em que eles procuraram casos positivos e negativos de empresas que, diante da pandemia, reformularam suas marcas, identificando as estratégias de comunicação traçadas por cada uma. Destaque para o caso publicado no dia 23 de março de 2020, pelo portal UOL (CORONA..., 2020, online). A notícia faz referência à rede de restaurantes MADERO, fundada pelo chef Junior Durski, que logo após sair o decreto que determinava o fechamento parcial do comércio, gravou e publicou um vídeo em seu perfil pessoal (@juniordurski), na mídia social *Instagram*, criticando a medida imposta pelo governo brasileiro.

Tal gravação foi reproduzida tanto nos sites de notícia e entretenimento quanto no *Instagram* e em demais mídias sociais. Um dia após a primeira notícia repercutir, o mesmo portal de notícias publicou uma nova notícia, essa, por sua vez, referente à opinião do público na *Internet* (JUNIOR, 2020, online). A imagem de Junior Durski logo foi associada à rede de restaurantes, causando uma crise de imagem, ou seja, as declarações dele afetaram, de forma negativa, os três pilares elencados por Fombrun (1998): os funcionários (público interno) os clientes (público externo) e a mídia.

Nesse momento, é evidenciado o papel da imprensa como uma das participantes mais ativas durante a crise, visto que os meios de comunicação querem apresentar em forma de denúncia o problema

para a opinião pública que, por conseguinte, estava pedindo o boicote da marca tanto no perfil pessoal do chef Junior Durski quanto no perfil de sua empresa. Partindo da premissa de que o gerenciamento de crise é uma ferramenta da assessoria de imprensa, cujo principal argumento é fazer com que os impactos de um fato negativo sejam menores para que a imagem da empresa esteja segura, a primeira atitude que pode ser denotada foi a tentativa de separar a imagem da MADERO de seu dono.

Para tanto, logo após a repercussão negativa de sua declaração, foi gravado e posteriormente postado um novo vídeo no *Instagram* de Junior Durski (@juniordurski), onde o mesmo pede desculpas enquanto que no perfil da empresa (@maderobrasil) não há nada relacionado ao escândalo, apenas uma postagem comunicando o fechamento dos restaurantes temporariamente – publicada um dia antes do pedido de desculpas, o que mostra que enquanto o perfil da empresa apoiava o fechamento em prol da população, o dono não. Tal atitude está alinhada ao que Rosa (2007) pontua já que “[...] grandes crises exigem ações imediatas, pois é fundamental que os agentes envolvidos produzam iniciativas buscando o correto posicionamento perante a opinião pública” (ROSA, 2007, p. 99).

O pedido de desculpa diante de uma crise admitindo voluntariamente os erros e explicando a razão dos mesmos terem ocorrido está entre alguns dos tópicos elencados por Rosa (2007) como um meio de aliviar as consequências. No entanto, apesar das ações desenvolvidas em ambos os perfis, é notado que o público seguiu questionando a repentina mudança de comportamento e, é claro, posicionamento.

É evidente que uma empresa que possui um plano de crise está mais preparada e, conseqüentemente, possui mais chances de sair bem delas porque, ao se planejar e agir de forma preventiva e reativa, é evitado um grande problema, presente no caso “MADERO”, que é a

ausência de respostas diante dos questionamentos do público nas mídias sociais. Ao passo que o tempo vai passando e não há respostas, surgem especulações tanto na mídia quanto entre os sujeitos sociais, causando o que todos os autores recorridos neste artigo alertam: uma ruptura na lucratividade, no crescimento e é claro na existência da empresa.

A comunicação é uma função essencial, principalmente diante de uma crise de imagem, justamente pelo fato de ter o poder de minimizar a exposição negativa de uma determinada empresa para que os negócios não sejam atingidos. Por isso, outro fator que pode ser apontado nesta análise realizada pelos integrantes do Projeto é a falta de comunicação ao tentar somente resolver a crise de imagem no perfil do dono da rede de restaurantes visto que, ao deixar o público falando sozinho, deu a sensação de que também estava deixando a crise seguir o seu próprio rumo. Isso tudo é visto como a pior alternativa a ser adotada, assim como “tentar barrar publicações e brechar a imprensa, é também confirmar uma tragédia anunciada” (MAFEI, 2005, p. 88). Mafei (2005) ainda salienta que se uma empresa ou personalidade envolvida nunca se preocupou em construir um relacionamento sólido com a imprensa, dificilmente conseguirá reverter a crise quando a mesma já estiver instalada.

No segundo módulo do Projeto foi estudado o Manual de Gestão de Crise e Imagem e debatido os dados trazidos pelas agências Verizon Media (AUGUSTO, 2020) e Mutato (2020) sobre o comportamento do público em tempos de covid-19 e como o mundo poderá ser no pós-covid-19, para a realização de um estudo de caso que possibilitou alunos observarem a mensagem efetiva de comunicação de uma empresa situada no local em que residem.

Percebendo a necessidade de se estar cada vez mais presente nos ambientes virtuais, após dois módulos que também abordaram temas como os produtos de uma assessoria de imprensa e a reputação

corporativa entre o digital e a ética, no terceiro módulo foi proposto aumentar a interação com os integrantes do Projeto. Isso tudo graças à criação do *Instagram* e de um grupo no *WhatsApp*, visto que os integrantes não estavam se adaptando aos fóruns disponibilizados pelo ambiente virtual para, posteriormente, ser edificado um Projeto de Lives transmitido ao vivo, onde profissionais do ramo da assessoria de imprensa e do *marketing* digital contavam suas experiências e respondiam as perguntas de todos os presentes.

Com a total imersão nos meios virtuais, foi possível compreender mais o universo de cada participante do Projeto, gerando a identificação e o sentimento de pertencimento por cada um que, conseqüentemente, aumentou a interação entre todos os sujeitos sociais e diminuiu o índice de evasão. Nos dois últimos módulos, foram abordados temas como a assessoria de imprensa nas mídias sociais e a influência delas na comunicação e, além disso, foi iniciada a parte prática do Projeto, na qual os participantes tiveram a tarefa de escolher uma empresa pública ou privada para assessorar. Para tanto, foi aplicado todo o conhecimento teórico adquirido nos primeiros módulos para ser realizada uma proposta de implementação de assessoria de comunicação, aplicado no quinto e último módulo.

5 Considerações finais

Considerando o projeto pedagógico do curso de Jornalismo, é necessário que o jornalista domine procedimentos e técnicas elementares para atuar na imprensa, seja em empresas de comunicação, como jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão; seja em portais de notícias e assessorias de imprensa. O Projeto de *Ensino Estratégias de Assessoria de Imprensa para Empresas Públicas e Privadas (ESTAP)* torna-se fundamental pelo fato de estimular seus componentes a se tornarem profissionais completos, que atuem não somente na área da assessoria

de imprensa, e instruí-los a resolver situações-problema. Isso evidencia que, quando estimulados, interessam-se mais pelo assunto em questão e participam de forma intensa na busca de novas informações sobre o conteúdo, conseqüentemente sentindo-se úteis e, dessa forma, a aprendizagem é de fato alcançada almejada.

Referente aos conteúdos, os participantes têm a oportunidade de utilizá-los na aplicação da prática e, de forma especial, promovem o desenvolvimento de relações pessoais e interpessoais que facilitam o crescimento desses educandos enquanto sujeitos sociais. Ainda, ao utilizar o Projeto, no que diz respeito à parte docente, o mesmo pode optar pelo ensino mesclado com a pesquisa, com uma discussão coletiva crítica e reflexiva responsável por edificar a convivência com a diversidade de realidades e opiniões, convertendo as atividades metodológicas em situações de aprendizagens significativas.

Com este artigo ainda foi possível comprovar que a atividade de assessoria de imprensa está vivendo um período de transição em um mundo globalizado, as imagens e notícias circulam com uma rapidez desmedida, permitindo que todos saibam, por exemplo, o que acontece no outro lado do globo à distância de apenas um clique e, mais, possam opinar sobre os acontecimentos. Nesse contexto, a popularização da *Internet* conseqüentemente faz com que os sujeitos sociais fiquem conectados por mais tempo e, posto isso, são enxergadas inúmeras possibilidades para que a comunicação seja efetuada e, é claro, a importância da imagem para consolidação da reputação das empresas.

Para tanto, há a necessidade de as empresas terem uma equipe de comunicação ativa para agir com os seus públicos interno, externo e a imprensa, principalmente diante de uma crise de imagem. Foi compreendido também o papel desenvolvido pelas assessorias de imprensa e sua essencialidade, muitas vezes podendo se antecipar à crise e evitar grandes danos à imagem das empresas. Além disso, foi demonstrado que um Plano de Gerenciamento de Crise de Imagem bem executado tem

o poder de minimizar crises e transformar a opinião dos públicos em relação a uma situação de crise para que seja favorável à empresa. Outro aspecto que pode ser destacado é o do próprio assessor de imprensa agindo nos ambientes físicos e virtuais, como um grande articulador, assumindo nos departamentos de comunicação um papel fundamental, estratégico e atuante em tomadas de decisões nas empresas.

Referências

ABERJE – Associação Brasileira de Comunicação Empresarial. *Quem somos*. Disponível em: <https://www.aberje.com.br/institucional/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

A IMPORTÂNCIA do Press Release para o jornalista. Digital Trix, [2020?]. Disponível em: <https://digitaltrix.com.br/blog/a-importancia-do-press-relea-se-para-o-jornalista/> Acesso em: 22 ago. 2020.

AMARAL, Luiz. Assessoria de Imprensa nos Estados Unidos. In: DUARTE, Jorge (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2011.

AMARAL, Luiz. Assessoria de Imprensa nos Estados Unidos. In: DUARTE, Jorge (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2018.

APPOLINÁRIO, Fábio. *Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2004.

AUGUSTO, Beatriz Defestani. Por que contratar uma agência de comunicação para o seu negócio? Meio & Mensagem, 27 fev. 2020. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2020/02/27/por-que-contratar-uma-agencia-de-comunicacao-para-o-seu-negocio.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

BASTOS, João Augusto (org.). *Educação tecnológica: imaterial e comunicativa*. Curitiba: Cefet-PR, 2000.

BECKER, Howard. Whose side are we on? *Social Problems*, Berkeley, v. 14, n. 3, p. 239- 247, 1967.

BRASIL. Senado Federal. *Decreto Legislativo nº 6, de 2020*. Reconhece, para os fins do art. 65 da Lei Complementar nº 101, de 4 de maio de 2000, a ocorrência do estado de calamidade pública, nos termos da solicitação do Presidente da República encaminhada por meio da Mensagem nº 93, de 18 de março de 2020. Diário Oficial da União, 20 mar. 2020, edição: 55-C, seção: 1 – Extra, p. 1. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-legislativo-249090982>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CAMBRIDGE Dictionary. Know-how. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/know-how>. Acesso em: 23 ago. 2020.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem anos de assessoria de imprensa. In: DUARTE, Jorge (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2011.

Colocando em prática as experiências do ensino universitário de forma remota

CHAPARRO, Manuel Carlos. Cem anos de Assessoria de Imprensa. In: DUARTE, Jorge (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2018.

CHAPARRO, Manuel Carlos; DUARTE, Jorge. Release: história, técnica, usos e abusos. In: DUARTE, Jorge (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2018.

CHINEM, Rivaldo. *Comunicação empresarial: teoria e o dia-a-dia das assessorias de comunicação*. São Paulo: Horizonte, 2006.

CHINEM, Rivaldo. *Comunicação Corporativa*. São Paulo: Escala, 2011.

COOK, Timothy. *Making laws and making news: media strategies in the U.S. House of Representatives*. Washington: Brookings Institution, 1989.

CORONAVÍRUS: dono do Madero critica fechamento parcial do comércio. *Uol, Economia*, 23 mar. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/23/coronavirus-dono-do-madero-critica-fechamento-parcial-do-comercio.htm>. Acesso em: 24 ago. 2020.

DUARTE, Jorge. Release: história, técnica, usos e abusos. In: DUARTE, Jorge (org.). *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica*. São Paulo: Atlas, 2018.

DUARTE, Marcia. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

DURSKI, Junior. 30, 40 milhões de desempregados. 1 vídeo (4 min 27 s). [S.l.], 23 mar. 2020. *Instagram*: @juniordurski. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/B-FtEpyFZT-/?utm_source=ig_embed. Acesso em: 24 ago. 2020.

DURSKI, Junior. Eu peço desculpas. 1 vídeo (6 min 32 s). [S.l.], 24 mar. 2020. *Instagram*: @juniordurski. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-H-wSaclbb9/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. *Manual de Assessoria de Comunicação: imprensa*. 4. ed. Brasília/DF: FENAJ, 2007. Disponível em: https://www.fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf. Acesso em: 21 ago. 2020.

FGV – Fundação Getúlio Vargas. CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. *Ditadura militar*. Disponível em: <https://acervo.cpdoc.fgv.br/ditadura-militar>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FOMBRUN, Charles; RINDOVA, Violina. Reputation management in global 1000 firms: abenchmarking study. *Corporate Reputation Review*, London, v.1, n.3, p. 205-212, 1998.

FONSECA, João. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

GAIEWSKI DO NASCIMENTO, Geisi; NUNES DUARTE, Janssem Quelli; KRUCHELSKI, Marcielly; SACHSER ANGNES, Juliane; MONTEIRO, Caroline. O profissional de secretariado e a comunicação interna hospitalar: atuação por meio da assessoria. *Revista Gestão Organizacional (RGO)*, v. 11, ed. 3, p. 26-38, set./dez. 2018.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2009.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993. p. 224-248.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

JUNIOR, Roberto. Web se revolta com declaração de Durski, dono do Madero, e pede boicote. Uol, Economia, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/web-se-revolta-com-declaracao-de-durski-dono-do-madero-e-pede-boicote.htm>. Acesso em: 24 ago. 2020.

KOPPLIN, Elisa.; FERRARETTO, Luiz. *Assessoria de imprensa: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1993.

MADERO. A partir desta segunda-feira [...]. [S.l.], 23 mar. 2020. *Instagram: @maderobrasil*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-FLARPJ3xk/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

MAFEI, Maristela. *Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAFEI, Maristela. *Assessoria de imprensa: como se relacionar com a mídia*. São Paulo: Contexto, 2018.

MARTINEZ, Monica. *Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica para a construção de histórias de vida em jornalismo*. São Paulo: Annablume, 2008.

Colocando em prática as experiências do ensino universitário de forma remota

MUTATO. como nos relacionamos, trabalhamos, nos exercitamos (e mais) está sendo transformado por um cenário em mudança. 2020. Disponível em: <https://www.muta.to/02-pos-vida-covid19>. Acesso em: 26 ago. 2020.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. Sistemas, organização e métodos: uma abordagem gerencial. São Paulo: Atlas, 1999.

PROJETO ESTAP – ESTAP: Estratégia de assessoria para empresas públicas e privadas. *Instagram*: @projetoestap. Disponível em: <https://www.instagram.com/projetoestap/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

ROESCH, Sylvia; FERNANDES, Francisco. *Como escrever casos para o ensino de Administração*. São Paulo:Atlas, 2007.

ROSA, Mário. *A era do escândalo: lições, relatos e bastidores de quem viveu as grandes crises de imagem*. São Paulo: Geração Editorial, 2007.

TACHIZAWA, Takeshy; MENDES, Gildásio. *Como fazer monografia na prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

UFPel – Universidade Federal de Pelotas. PRE – Pró-Reitoria de Ensino. *Bolsas*. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cec/projetos-de-ensino/bolsas/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

YIN, Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações em massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PARTE II

*Pesquisa acadêmica em
tempos de pandemia*

Violência doméstica e isolamento social: uma análise das narrativas dos portais de notícias G1 e Pioneiro¹

Luíza Carvalho Mattea
Marislei da Silveira Ribeiro

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise acerca do discurso da mídia em casos de violência contra a mulher durante o período de isolamento social decorrente do novo coronavírus. Diante disso, a metodologia utilizada será a Análise de Discurso (AD), sob a perspectiva de Orlandi (2009). Com o intuito de compreender os significados presentes nas narrativas, serão observadas duas matérias de veículos distintos, uma do portal de notícias G1 e outra do jornal Pioneiro. O objetivo geral é compreender como a imagem da mulher é retratada na mídia e qual o discurso empregado para construir essa narrativa.

Palavras-chave: Violência doméstica. Coronavírus. Feminismo. Gênero. Análise de discurso.

1 Introdução

Desde março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do novo coronavírus (covid-19), a mídia vem noticiando sobre o avanço da doença ao redor do mundo. Nesse cenário,

¹ Artigo publicado no 10º Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR), 2020.

a violência doméstica também está em pauta, uma vez que os índices têm se mostrado alarmantes durante o período de isolamento social. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo geral realizar uma análise acerca do discurso da mídia ao abordar a situação de violência contra a mulher no Rio Grande do Sul.

De acordo com a Convenção de Belém do Pará – Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (BRASIL, 1996), esse tipo de violência consiste em qualquer ato ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública quanto na privada.

Visando a coibir a violência doméstica e estipular a punição necessária, a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) surgiu em agosto de 2006. Seu artigo 7º categoriza a violência contra a mulher em cinco tipos: física, sexual, psicológica, moral e patrimonial. A violência física pode ser definida como qualquer ato que prejudique a saúde e a integridade corporal da mulher. Já a sexual consiste em obrigar a vítima a participar, manter ou presenciar algum tipo de relação sexual não desejada, utilizando intimidação, ameaça ou força. A violência psicológica, por sua vez, trata-se de qualquer ação que cause danos emocionais ou altere a autoestima da mulher, prejudicando seu desenvolvimento psicológico, enquanto a violência moral é caracterizada por injúria, calúnia ou difamação. Por fim, a violência patrimonial consiste em reter, destruir ou retirar pertences, bens, documentos e recursos financeiros da vítima.

Quando potencializados, esses comportamentos agressivos podem resultar em uma forma mais permanente e extrema de violência: o feminicídio, caracterizado como o assassinato em decorrência do gênero, motivado pela violência doméstica e familiar ou discriminação pela condição de ser mulher. Em 2015, entrou em vigor a Lei do Feminicídio

(Lei nº 13.104), que altera o código penal para prever esse tipo de homicídio como crime hediondo.

Os fatores que motivam o feminicídio são desencadeados pela presença da cultura patriarcal, que ainda hoje impera na sociedade. Simone de Beauvoir (1967) explica que a submissão da mulher sempre existiu e, desde os primórdios do patriarcado, o homem detém os poderes concretos, submetendo a mulher a um estado de dependência em relação a suas vontades. Assim, de acordo com essa visão patriarcal, a mulher não seria livre e estaria sujeita às normas sociais impostas pelo homem, sendo limitada à posição de mera reprodutora e ficando responsável pelas tarefas do lar, por conta de sua fragilidade.

Atualmente, o isolamento social vem tornando mulheres — que já sofriam com a violência — mais vulneráveis. Isso porque, em decorrência do maior contato com seus agressores, agora presentes em grande parte do tempo, torna-se mais difícil para a vítima encontrar uma forma segura de realizar a denúncia.

Buscando verificar as consequências das novas medidas nesse cenário, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) elaborou um documento para avaliar os dados. Conforme a pesquisa, o Rio Grande do Sul — estado que será foco deste trabalho — apresentou uma queda no registro de boletins de ocorrência provenientes de violência doméstica em março deste ano, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior. No total, 1.925 registros de agressões foram feitos em março de 2019 e apenas 1.744 em 2020, representando uma queda de 9,4%. Em contrapartida, os casos de feminicídio aumentaram no primeiro trimestre deste ano, quando comparados com o mesmo período do ano anterior. Assim, foi verificado um crescimento de 73%, saltando de 15 para 26 casos. Os dados apresentados sugerem a subnotificação da violência doméstica, pois, apesar da queda no número de denúncias de agressão, o número de feminicídios cresceu,

apontando a dificuldade em denunciar como um dos principais fatores para a redução desses índices.

2 Imagem da mulher na mídia

Apesar dos avanços sociais conquistados com os movimentos feministas, a representação da mulher na mídia ainda vem ocorrendo de forma similar, reduzindo-a, na maioria das vezes, a personagem coadjuvante. Em comerciais, anúncios ou programas de televisão, a figura feminina é utilizada para chamar a atenção do consumidor, insinuando-a como um produto comercial. Retratadas como belas, jovens, delicadas e sensíveis, as mulheres são objetificadas e, cada vez mais, forçadas a aderirem um modelo de beleza padronizado, que as violenta desde muito cedo (MORENO, 2017).

Para Moreno (2017), é assim que a mídia vai construindo o padrão da mulher perfeita, que deve seguir regras de conduta e aparência aceitas socialmente, transformando um potencial espaço para a transmissão de ideias em um mero expositor de emoções femininas. A reiteração desse estereótipo, que retoma valores conservadores da sociedade, impõe um papel limitado à mulher, reduzindo suas possibilidades de atuação.

Porém, se há algum tempo todos esses elementos eram aceitos pelo público de forma natural, hoje ocorre grande resistência por parte de mulheres que não se sentem representadas por essa narrativa. No entanto, isso não quer dizer que a figura feminina não seja mais retratada em torno de suas características físicas e não intelectuais, pois esse padrão ainda está muito enraizado socialmente. O que ocorre hoje é uma narrativa mais velada, que incorpora esse padrão de forma sutil e utiliza elementos do discurso de maneira implícita e subjetiva.

Essa imagem estereotipada da mulher acaba provocando uma série de violências, até mesmo no âmbito da mídia. Mesmo com o grande índice de agressões contra a mulher, a mídia ainda ignora os fatores

que desencadeiam essa situação, tratando-a de forma generalizada e reforçando valores machistas que corroboram com a reprodução de estereótipos femininos (MORENO, 2017).

3 Violência contra a mulher na mídia

Embora o jornalista apresente um importante papel social nesse contexto, Moreno (2017) destaca a desvalorização da mulher feita pela mídia ao reduzi-la a um papel limitado e ultrapassado, afetando a percepção pública da realidade. Isso reforça os estereótipos, interferindo, até mesmo, na forma como as mulheres enxergam suas oportunidades e seu papel social.

Assim, um elemento que seria fundamental no processo de combate à violência acaba por potencializá-la, reproduzindo discursos que reforçam esses estereótipos e banalizam a agressão. Por estarem tão inseridas no contexto da violência — seja ela praticada de forma explícita ou não — muitas mulheres acabam tornando-se parte dessa estatística.

Nesse sentido, ao escolher elementos que criam uma visibilidade seletiva para retratar o assunto, a mídia acaba legitimando a agressão, na medida em que traz para a programação uma imagem que compactua com os atrasos sociais em relação aos direitos das mulheres. Dessa forma, a vítima acaba sofrendo violência não apenas por quem a agrediu explicitamente, mas também pela mídia. (MORENO, 2017).

Para Moreno (2017), as consequências da reprodução desses estereótipos podem ser visualizadas nos índices alarmantes de violência contra a mulher. Retratar a figura feminina como submissa ao homem acaba contribuindo para a cultura de culpabilização da vítima, possibilitando argumentos que legitimem as ações do agressor. Construindo essa descrição, na qual a mulher é degradada e representada de forma negativa, a mídia reforça os traços de violência já presentes na sociedade e cria um mecanismo de legitimação para tal.

Nesse contexto, os meios de comunicação funcionam como elementos de interação entre os sujeitos, que produzem e recebem conteúdos por meio de formas simbólicas. Por funcionar como um meio de formação da identidade, a mídia também apresenta o papel de modelo de atitudes. Diante disso, propaga valores e, presente no cotidiano dos indivíduos, orienta padrões sociais e necessidades de consumo. Ao tornar a objetificação da mulher algo naturalizado, atribui papéis sociais limitados aos sujeitos e colabora para que atitudes estabelecidas como fora do padrão feminino sejam utilizadas para justificar a violência doméstica e, até mesmo, o feminicídio (MORENO, 2017).

4 Estudos de gênero

Quando se aborda a representação da mulher, é importante trazer para a discussão os conceitos de gênero. Ao questionar a distinção entre sexo e gênero, empregada pelo feminismo, em que o primeiro corresponderia à questão biológica e o segundo ao domínio sociocultural, Butler (2003) destaca ambos como uma construção social, na qual estão sempre se relacionando. Segundo ela, seria impossível separar corpo e mente, pois trata-se de construções feitas ao longo da vida, as quais são baseadas nos códigos vigentes na sociedade. Assim, a ideia de gênero seria um efeito do sujeito, que não se apresenta estável, tornando a identidade uma expressão e não um sentido em si.

Butler (2003) faz uma análise acerca da produção feminista da categoria mulher, buscando entender como se constrói a identidade ao longo da vida e como ela molda a existência do ser. Essa teoria tem como efeito a produção do sujeito reflexivo, que é produzido e reconhecido em sua ação e interação com o mundo. Assim, nasce a consciência de si, a visão como um indivíduo único, moldado pelas relações sociais e materializado no diálogo desses relacionamentos.

Nesse processo, Butler (2003) busca se distanciar da ideia de divisão entre corpo e alma, na qual a alma seria algo meramente

subjetivo e o corpo estaria no âmbito da prática. Ao abordar o tema, destaca a importância do corpo como um processo de materialização do poder, que está em constante construção. Assim, a ação seria movida pelo questionamento e a construção desse sujeito reflexivo, moldada por sua interação com o mundo e pelo seu posicionamento enquanto indivíduo.

Por outro lado, Beauvoir (1967) defende o gênero como uma construção social utilizada pelo homem como forma de estereotipar a mulher e, com isso, justificar a organização da sociedade em um patriarcado. Assim, o gênero seria o fator de partida para definir a posição social de um indivíduo, estabelecendo limites ao feminino em detrimento da dominação masculina.

Diante disso, a autora elaborou os conceitos de “Um” e “Outro”, utilizados para representar o homem e a mulher, respectivamente. Diferentemente do sexo, que trata de questões biológicas já definidas no nascimento, o gênero seria construído ao longo da vida, sendo os papéis feminino e masculino constituídos culturalmente. Nesse contexto, o homem seria a definição da categoria sujeito, enquanto a mulher representaria o outro, sendo considerada o objeto do sujeito em uma lógica de submissão feminina (BEAUVOIR, 1967).

Portanto, os estudos de gênero analisam os papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade e as representações associadas a cada um desses sujeitos. A quebra desses estereótipos e a inserção do gênero em pauta é uma luta feminista, mas, para que se trate de uma causa legítima e abrangente, é necessário incluir na discussão outras questões que vão muito além do feminino e do masculino.

5 Procedimentos metodológicos

A metodologia utilizada para esta pesquisa será a Análise de Discurso (AD) sob a perspectiva de Eni Orlandi (2009). Essa teoria busca entender

o sentido do texto não apenas analisando a linguagem utilizada, mas, principalmente, a relação entre a ideologia e a construção social do discurso, “refletindo sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ORLANDI, 2009, p.16).

Orlandi (2009) destaca que são os próprios sujeitos que concebem sentido aos objetos por meio de sua capacidade de atribuir valor simbólico aos elementos. Por isso, a interpretação do discurso dependerá da vivência e da experiência de cada sujeito envolvido no processo, expressando um valor social. Nesse sentido, a posição ocupada por uma pessoa em relação a outra e o contexto em que estão inseridas irão determinar a maneira como a informação será processada e entendida, uma vez que existe construção social por trás do discurso.

Assim, é necessário compreender a linguagem não apenas como a transmissão da mensagem de um emissor para um receptor, como é estudada pela comunicação, mas também como um processo no qual todos os elementos se relacionam, dando sentido à mensagem. O sentido é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas, podendo ser modificadas conforme a posição de quem as emprega (ORLANDI, 2009).

Para compreender o processo de construção desses sentidos, bem como as relações ideológicas, a AD utiliza como noção básica o conceito de formação discursiva, a qual determina o que pode, ou não, ser dito. As palavras originam seus sentidos das formações discursivas, que irão representar a ideologia proveniente do discurso. Todo sentido é carregado de ideologia, a qual não é percebida na essência das palavras, mas sim na forma como são ditas (ORLANDI, 2009).

Segundo Orlandi (2009), também é importante observar que palavras iguais podem ter diferentes sentidos, porque estão inseridas em formações discursivas diferentes. Por isso, é papel de quem está realizando a análise observar em qual contexto a palavra está sendo

empregada e qual o sentido que ela apresenta em relação aos sujeitos envolvidos. Todo esse processo depende da ideologia, que constitui o sujeito e os sentidos, tornando-se a relação entre a língua e o mundo. O que se analisa, portanto, não é o texto em si, mas o processo discursivo no qual é constituído, que definirá o modo como o texto significa. Para isso, são levadas em consideração tanto as palavras ditas como aquelas que estão implícitas no discurso.

Diante disso, o presente trabalho utilizará a AD para compreender os significados presentes na narrativa de duas matérias — uma do portal de notícias G1 e outra do Pioneiro — sobre a violência doméstica no período de isolamento social. As notícias foram publicadas nos dias 8 e 16 de abril de 2020, respectivamente. O objetivo é compreender como a imagem da mulher é abordada pela mídia e qual o discurso empregado diante do tema. Assim, é necessário estabelecer formações discursivas (FD), que servem como instrumentos para delimitar nos discursos aquilo que pode ou não ser dito.

A partir das notícias analisadas, é possível definir duas formações discursivas: FD feminina e FD masculina. Por se tratarem de gêneros opostos, carregam significados próprios e a eles são definidos limites e representações completamente distintas. Para realizar a análise dos discursos produzidos pela mídia, foram estabelecidas sequências discursivas de referência (sdrs) que correspondem a 16 trechos das notícias.

6 Análise

Para categorização das sequências discursivas, definiu-se a FD feminina como todo elemento do texto utilizado para retratar a imagem da mulher e o contexto de violência em que está inserida. Em contrapartida, a FD masculina está relacionada ao homem e aos fatores que contribuem para o desencadeamento dos comportamentos violentos. A primeira parte da análise será realizada com a matéria veiculada pelo portal de notícias G1, no dia 8 de abril de 2020.

Sdr 1: “Estamos todos **preocupados com a vida**, em não se contaminar. Pode ter gerado um outro **sentimento, de aproximação**, mas é muito tênue dizer com 20 dias de confinamento, não tem como fazer essa análise”.

Nessa sequência discursiva, é possível encontrar elementos que se inscrevem na FD feminina, pois é destacada a preocupação com a vida durante o período de isolamento social. Porém, os cuidados referem-se à contaminação pelo coronavírus, não atingindo o âmbito da violência doméstica.

Conforme pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), a redução do número de denúncias tem sido uma das consequências diretas do isolamento, uma vez que as mulheres vêm encontrando mais dificuldade para sair de casa e registrar ocorrência. Embora não o faça de forma explícita, o texto produz a ideia de que a violência doméstica seria uma preocupação secundária em relação ao coronavírus. Por meio da interpretação do discurso, é possível perceber a presença desse não dito (ORLANDI, 2009), corroborando ainda mais a subnotificação dos casos e ignorando o papel social do jornalismo.

Além disso, ao indicar que a situação de pandemia está gerando, entre os casais, um sentimento positivo de aproximação, o discurso reitera a estereotipação da mulher como propriedade e objeto do ente masculino. Nesse sentido, é construída a imagem da mulher perfeita, que oferece atenção em tempo integral ao parceiro, não exercendo sua liberdade individual. É recuperando valores conservadores que a mídia inicia um processo de banalização da violência, inserindo gradualmente discursos que humanizam o homem e culpabilizam a verdadeira vítima (MORENO, 2017).

Sdr 2: “No dia 4 de março, uma mulher foi **morta a facadas dentro de casa** no bairro Nova Santa Marta, em Santa Maria, na Região Central do Rio Grande do Sul.”

Sdr 3: “Ele invadiu a cozinha do **local que ela trabalhava**, e **matou ela a tiros.**” Classificadas também na FD feminina, as sdrs acima destacam que, mesmo estando em casa e no trabalho — locais onde deveriam se sentir seguras — duas mulheres foram vítimas de feminicídio. É importante destacar que, durante o contexto de pandemia, o isolamento social está sendo recomendado como medida de prevenção ao coronavírus e, portanto, a população deve ficar em casa, limitando as saídas apenas para tarefas essenciais, como o trabalho.

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), os dados de feminicídio foram os que apresentaram maior variação em relação aos anos anteriores, indicando que há relação com as mudanças acarretadas pela quarentena. Isso ocorre porque a situação potencializa as relações entre vítima e agressor, dificultando as formas de denúncia e aprisionando a mulher em um local do qual não pode fugir.

Sdr 4: “De acordo com a delegada Elizabeth Shimomura, **a vítima havia registrado ocorrência** contra o **companheiro** em 2003.”

Sdr 5: “A última medida protetiva concedida à Quelen **havia expirado** em agosto de 2018. O **casal ainda estava junto.**”

A sdr 4 pode ser inserida na FD masculina, pois, ao afirmar que a vítima já havia registrado ocorrência alguns anos antes do feminicídio, é estabelecido um não dito, que se traduz no fato de ele já ter agredido ela anteriormente. Além disso, ao utilizar a palavra “companheiro” para retratar o agressor, ocorre o que Orlandi (2009) classifica como um esquecimento de enunciação, por meio do qual se escolhe falar de uma maneira e não de outra.

Para Orlandi (2009), as palavras não apresentam sentido em si, mas no contexto no qual estão inseridas, uma vez que podem ter diferentes significados. No discurso, estão representadas por formações ideológicas e têm seus sentidos interpretados conforme sua posição em relação ao interlocutor. Nesse contexto, a violência acaba se tornando

uma consequência das ações da mulher, uma vez que o relacionamento romântico entre eles pode ser usado como forma de justificar o ato.

Em contrapartida, mas ainda na FD masculina, a sdr 5 destaca que a medida protetiva havia expirado, mas esse fato é utilizado para mostrar ao leitor que, mesmo depois de sofrer violência e precisar recorrer à delegacia, a mulher ainda manteve um relacionamento com o agressor. Ao abordar que o casal ainda estava junto, o veículo de notícias afirma, de forma muito subjetiva e implícita, que a mulher teve motivos para ser agredida, pois errou ao reatar a relação. Beauvoir (1967) destaca o estereótipo utilizado para retratar mulheres como forma de legitimar a presença da cultura patriarcal na sociedade, na qual a mulher seria mera propriedade do homem e deveria respeitar as regras de conduta impostas ao sexo feminino.

Assim, o fato de se tratar de uma mulher já apresenta em si uma informação, pois carrega sentido de inferioridade e submissão. Mesmo que o erro seja cometido pelo homem, o relacionamento entre eles dá espaço para que comportamentos agressivos sejam tolerados e justificados. Por serem representações completamente distintas, apresentam limitações e papéis sociais próprios.

Sdr 6: “O crime, muitas vezes, acontece por **sentimento de ciúmes**. Hoje, estão em casa, juntos. Não tem o fator de **sair e beber com amigos**. É uma nova realidade. Pode ter algum **sentimento**.”

Inserido na FD masculina, mais uma vez, o discurso é utilizado para legitimar as atitudes do agressor, colocando a mulher em posição de culpa. Ao abordar o sentimento de ciúme como motivação para a violência, a mulher é posicionada como alguém que mereceu a agressão, pois provocou seu parceiro. Além disso, por tratar a mulher como propriedade do homem, na medida em que impõe limites de comportamento, vincula-se a figura feminina a determinadas normas e condutas sociais ultrapassadas, conforme afirma Moreno (2017).

Diante disso, ocorre, por parte da mídia, uma apropriação seletiva de alguns comportamentos em detrimento de outros, com o intuito de ressignificar o processo de violência. Nesse caso, a narrativa é construída em torno das escolhas da mulher, que tem uma vida além da vivida com o parceiro e exerce sua individualidade. Apresentando uma narrativa que demonstra atraso social em relação ao papel social da mulher, a matéria é elaborada com o objetivo de destacar o comportamento feminino que, quando foge do padrão socialmente aceito, deve arcar com as consequências. A reiteração desse estereótipo acaba inserindo mulheres no contexto de violência sem que se percebam nele, pois naturaliza essas ações (MORENO, 2017).

A segunda parte desta análise tratará da notícia publicada no site Pioneiro - Clic RBS, no dia 16 de abril de 2020.

Sdr 7: “Durante o isolamento, relatos de **violência doméstica** reduzem no Rio Grande do Sul. Receio da Polícia Civil é que mulheres **continuem sofrendo agressões**, mas não estejam fazendo o registro.”

Sdr 8: “O temor era que **umentassem os casos de violência doméstica**, o que parecia ser uma tendência mundial. No entanto, o primeiro mês de restrições teve **redução nos casos** atendidos pela Lei Maria da Penha no Rio Grande do Sul.”

Sdr 9: “A Polícia Civil cogita que a **queda nas estatísticas** aconteça mais pelo fato da **falta de comunicação das agressões**, já que as **vítimas não estão saindo de casa**, do que por uma **real redução na violência**.”

As sdrs acima podem ser classificadas na FD feminina, pois retratam os índices de violência doméstica durante o isolamento social. Diferentemente da matéria anterior, essa foi construída com o intuito de determinar os fatores que contribuem para esses índices, como a dificuldade em denunciar e procurar ajuda.

Ao utilizar a conjunção “no entanto” na sdr 8, é possível estabelecer uma relação de contraste entre as ideias apresentadas. Assim, destaca-se o fato de que, apesar da expectativa de crescimento nos

casos de violência, os registros apresentaram uma redução. Porém, a sequência seguinte traz uma relação de explicação, apontando que a redução pode estar sendo ocasionada pela dificuldade em sair de casa e não pela queda dos casos da violência.

Sdr 10: “É histórico e fático que a **violência** aconteça muito mais quando as pessoas passam mais **tempo em casa**. A probabilidade de que esta **violência** esteja acontecendo é grande, como **sempre aconteceu** — opina a delegada Deise Brancher, da Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher (Deam).”

Também inserida na FD feminina, destaca-se novamente o fato de o isolamento social agir como potencializador da violência, uma vez que intensifica as relações cotidianas e reforça comportamentos já considerados agressivos. Conforme destaca o texto, a violência contra a mulher é recorrente desde o início dos tempos e os homens sempre detiveram o poder concreto em suas mãos (BEAUVOIR, 1967).

Mesmo que as mulheres tenham conquistado novos espaços e reivindicado seus direitos, a sociedade ainda age de acordo com valores predominantemente masculinos. Assim, segue normas preestabelecidas que impõem ao homem um papel de dominância sobre a mulher, conforme elucidada Beauvoir.

Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc., maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens. No momento em que as mulheres começam a tomar parte na elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens (BEAUVOIR, 1967, p. 14-15).

Sdr 11: “Houve **diminuição na procura** pela delegacia, mas ampliamos as informações por telefone. Antes, pedíamos para **(as vítimas)** virem até a delegacia, para ter este “corpo a corpo” e entender o caso. Agora, optamos por fazer por telefone —aponta a delegada Carla Zanetti, que ressalta o **crescimento dos registros on-line no período.**”

Sdr 12: A Coordenadoria da Mulher também aponta **redução nos atendimentos** e em abrigos na Casa Viva Raquel. O fato de os **filhos** também estarem mais em casa pode ser um fator para possíveis **vítimas evitarem procurar ajuda.**

Dando continuidade às sequências anteriores, as sdrs 11 e 12 também estabelecem uma relação entre a dificuldade em denunciar e a queda no registro de ocorrências. Apesar de a procura presencial ter diminuído, os meios para registro online têm sido mais procurados durante esse período. Isso corrobora a hipótese de que o número de vítimas de violência só diminuiu na teoria; na realidade, o número aumentou.

Além disso, a notícia também associa a situação ao fato de os filhos estarem mais presentes no ambiente familiar e, por conta disso, a mulher evitar a denúncia contra o agressor. Com esse discurso, cria-se a imagem da mulher-mãe perfeita, que precisa suportar as mais variadas situações para manter a família estabilizada, ao passo que mostra o homem sendo desassociado da figura de agressor. Diante disso, mais uma vez, a construção da narrativa estabelece a mulher como culpada da situação, uma vez que associá-la à figura materna é depositar nela a responsabilidade da violência, decorrente do fato de ser mulher e mãe.

Sdr 13: Há o **medo de sair de casa e se expor ao vírus**, mas também é um momento em que todos podem estar **mais acomodados**. As crianças estão sem escola, então **as mulheres precisam controlar mais a situação.**

Novamente, a mulher é associada à função de reprodutora e carrega consigo a responsabilidade de manter a união familiar. Ao construir uma narrativa mais velada, que incorpora mais uma vez o

modelo de forma sutil e implícita, a matéria reforça o estereótipo feminino como figura materna, estabelecendo comportamentos similares para a categoria mulher e tornando-a algo específico e padronizado. Apesar da independência da mulher contemporânea, são os valores ultrapassados que ainda a representam na mídia, vendendo sua imagem como bela e sempre feliz e isolando os contextos e as consequências da violência de gênero (MORENO, 2017).

Sdr 14: **Os bares** também estão fechados, afinal, geralmente é **alcoolista** que faz este tipo de **violência**. São vários **fatores sociais e psicológicos** envolvidos — aponta a coordenadora em Caxias do Sul, Vera Lúcia Prá Rech.

Em contrapartida, a sdr 14 representa a FD masculina e traz para a discussão alguns dos fatores que podem desencadear a violência doméstica. Em abril, um mês após decretar a pandemia do coronavírus, a OMS solicitou que os governos adotassem medidas para restringir o consumo de bebidas alcoólicas durante o período. Entre as justificativas, estava a potencialização de comportamentos agressivos após o uso excessivo de álcool, bem como a redução da capacidade cognitiva.

Sdr 15: Em março, **11 mulheres foram assassinadas em razão de gênero** no Rio Grande do Sul. É o **maior número de feminicídios** em um mês deste ano, mas o dado é semelhante à média do ano passado, por isso não é possível relacionar com as restrições do coronavírus.

Sdr 16: Ainda assim, o número preocupa. No ano passado, foram **97 feminicídios no Estado e o primeiro trimestre de 2020 já contabiliza 23 casos**. Foram **dois feminicídios** na Serra em 2020, em Nova Petrópolis e Canela, ambos no mês de janeiro.

Por fim, as sdrs 15 e 16 refletem a presença de valores machistas e conservadores na sociedade, acarretando comportamentos agressivos que podem levar ao feminicídio. Com o isolamento, essa situação acaba sendo agravada pelo maior contato entre vítima e agressor e, conseqüentemente, a dificuldade em efetuar a denúncia de forma segura.

Nesse contexto, Beauvoir (1967) destaca a submissão feminina imposta pelos homens, que ocupam uma posição de poder estabelecida culturalmente. Assim, associam a mulher à categoria do “outro”, que é definida não pela sua singularidade, mas pela relação que compartilha com o homem.

Segundo a pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” (FBSP, 2019), 76,4% das mulheres que sofreram violência em 2018 conheciam o seu agressor. Entre as estatísticas, 23,8% dos homens estavam em um relacionamento com a vítima, enquanto 15,2% representavam ex-cônjuges, ex-namorados ou ex-companheiros. Além disso, 42% das agressões ocorreram na casa da própria vítima. Quando questionadas sobre a denúncia, 52% afirmaram não ter feito nada.

Os índices exibidos acima reforçam o fator destacado pelas sdrs analisadas: o isolamento social age como estimulador da violência doméstica. Se, para a maioria da população, o lar é o local mais apropriado para manter a segurança e preservar a vida, para as vítimas de violência trata-se de um alerta de perigo. Apesar das leis que visam a prevenir e extinguir a violência contra a mulher, essa ainda é uma temática enraizada na sociedade, sendo necessária a implementação de outros mecanismos sociais. De fato, para enfrentar a situação, é necessário romper com barreiras que abrangem tanto os valores machistas impostos socialmente, como a insegurança e o medo das mulheres de denunciar o agressor.

7 Considerações Finais

Com a realização desta análise, foi possível perceber que, durante um período em que se recomenda o isolamento social como forma de prevenção do contágio do coronavírus, mulheres que já se encontravam em situação de violência tornam-se mais vulneráveis por conta do

maior contato com o agressor. Porém, as narrativas analisadas foram construídas visando a imputar parte da culpa à mulher, que não age conforme os padrões impostos socialmente e comporta-se de maneira inapropriada ao seu gênero. Ao abordar o assunto, foram selecionados elementos com vistas a construir uma narrativa com foco na mulher e no seu comportamento, esquecendo parcialmente os fatores que desencadearam a agressão e tratando o caso de forma generalizada.

Assim, ao retratar a mulher como submissa e inferior ao sexo masculino, compactua-se com a banalização da violência e seu conseqüente agravamento. Durante a análise, foi possível observar que, embora de forma sutil, os veículos de notícia ainda utilizam recursos para construir a narrativa da violência como consequência dos comportamentos da mulher. Dessa forma, ocorre a responsabilização da vítima pela sua agressão ou morte, indicada ao tratar o ciúme, por exemplo, como motivação do crime, tentando justificar o feminicídio.

Por fim, embora os registros de denúncia venham diminuindo, os casos de feminicídio no primeiro trimestre de 2020 apresentaram um crescimento em relação aos anos anteriores.

Sendo assim, é importante que a mídia aborde a violência doméstica de forma responsável e destaque os fatores que desencadeiam esses comportamentos, uma vez que diversas mulheres ainda se sentem inseguras e agem de forma errada ao denunciar seu agressor, por falta de informações acessíveis e educativas.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BRASIL. *Decreto nº 1.973, de 1º de agosto de 1996*. Promulga a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, concluída em Belém do Pará, em 9 de junho de 1994. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1996/decreto-1973-1-agosto-1996-435655-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 22 maio 2020.

BRASIL. *Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 22 maio 2020.

BRASIL. *Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015*. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm. Acesso em: 22 maio 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASOS de feminicídio sobem 73% nos primeiros três meses de 2020 em relação ao ano anterior no RS. *G1RS*, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/04/08/casos-de-feminicidio-sobem-73percent-nos-primeiros-tres-meses-de-2020-em-relacao-ao-ano-anterior-no-rs.gh.html>. Acesso em: 22 maio 2020.

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública (org.). Nota técnica: Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 24 jul. 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-ed03-v2.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2020.

FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública (org.) Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. 2ª edição. 2019. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/08/visivel-e-invisivel-a-vitimizacao-de-mulheres-no-brasil-2a-edicao.pdf>.

Violência doméstica e isolamento social

org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf. Acesso em: 22 maio 2020.

LOPES, Leonardo. Durante isolamento, relatos de violência doméstica reduzem no Rio Grande do Sul. *Pioneiro*, RS, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/policia/noticia/2020/04/durante-isolamento-relatos-de-violencia-domestica-reduzem-no-rio-grande-do-sul-12340062.html>. Acesso em: 22 maio 2020.

MORENO, Rachel. *A imagem da mulher na mídia: controle social comparado*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.

Audiodescrição no telejornalismo: uma análise a partir de reportagens do Jornal do Almoço da RBS TV

Daniel Batista de Jesus da Silva

Amanda Freitas Kuhn

Michele Negrini

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo refletir a percepção de pessoas com deficiência visual sobre a audiodescrição (AD), assim como entender como o recurso pode ser utilizado no telejornalismo. A partir das respostas obtidas após a disponibilização de formulário criado especialmente para o estudo, buscou-se obter a frequência e o modo como pessoas com deficiência visual assistem à televisão, assim como o conhecimento acerca da AD e de programação com o recurso, como telejornais. Também foram disponibilizadas duas reportagens veiculadas no Jornal do Almoço, da RBS TV, uma com o recurso e outra sem. Ao final, observou-se que a AD contribuiu para o melhor entendimento e compreensão, pelos participantes, do que estava sendo veiculado nas reportagens.

Palavras-chave: Acessibilidade. Inclusão. Audiodescrição. Telejornalismo.

1 Introdução

Em 2010, o censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estimou que cerca de 45,6 milhões de pessoas tinham algum grau de dificuldade em pelo menos uma das

habilidades que foram investigadas (enxergar, ouvir, caminhar ou subir degraus). Desse total, 12,7 milhões (IBGE, 2018), que representavam 6,7% da população estimada, apresentavam muita ou total dificuldade e, portanto, eram consideradas pessoas com deficiência. Considerando somente a deficiência visual, a estimativa era de que mais de 6,5 milhões de pessoas, ou 3,4% da população, estava nesse grupo (IBGE, [2020?]).

Os números também são refletidos na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2013 (IBGE, 2015), realizada pelo IBGE em convênio com o Ministério da Saúde. Conforme o estudo, 6,2% dos 200,6 milhões de residentes em domicílios particulares permanentes, estimados em 2013, possuíam alguma das deficiências consideradas na PNS (intelectual, física, auditiva e visual). A deficiência visual foi a mais representativa na população, com prevalência de 3,6%. A maior proporção foi na Região Sul, com 5,9% do total. No estudo, foram considerados como deficiência visual casos de “cegueira de ambos os olhos, cegueira de um olho e visão reduzida do outro, cegueira de um olho e visão normal do outro e baixa visão de ambos os olhos” (IBGE, 2015, p.28).

Cabe, ainda, destacar a definição de deficiência que consta na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), presente no artigo 2º do texto:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015, online)

Na lei, as barreiras são definidas como:

[...] qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como

o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança. (BRASIL, 2015, online)

Além disso, considerando especificamente as barreiras relativas à área das comunicações e da informação, o texto segue, em seu artigo 3º, definindo-as como “qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação” (BRASIL, 2015, online).

Tais obstáculos na obtenção de informações e na comunicação podem ser observados diariamente, ao ligar a televisão, por exemplo, aparelho que, em 2019, estava presente em 96,3% dos domicílios particulares brasileiros, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação, do IBGE.¹ Tamanha capilaridade, no entanto, não se reflete na ampliação de acesso à informação para todos. Na programação das emissoras de televisão, recursos que poderiam auxiliar pessoas com deficiência visual à compreensão dos conteúdos, como a audiodescrição (AD), ainda estão pouco presentes.

Na Rede Globo, emissora de TV aberta com maior audiência no país, oito programas contam com o recurso, somando cerca de 22

1 A PNAD Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação realizada pelo IBGE, demonstrou que em 96,3% dos 72,9 milhões de domicílios particulares brasileiros havia televisão. Além disso, 73,9% tinham somente o aparelho com tela fina, 18,4% somente televisão com tubo e 7,6% contavam com ambos. Quanto ao sinal digital de televisão, 89,8% dos domicílios com televisão também tinham conversor digital, enquanto para 2,4% a única alternativa era a televisão analógica aberta (IBGE, 2021).

horas semanais², conforme informado pelo setor de programação da emissora, por e-mail. Nos telejornais, que promovem o contato do cidadão com o que acontece em âmbito local, nacional e internacional, no entanto, o recurso ainda não está disponível³. Conforme Scoralick:

A produção de informação é que torna possível o mundo e o poder político, em particular, visível ao cidadão e permite que ele se situe na sociedade. É, portanto, a comunicação uma das possibilidades para o exercício da cidadania, com a formação ainda de cidadãos críticos, participativos e inseridos em seu meio social (SCORALICK, 2017, p. 48).

Portanto, este estudo tem como objetivo analisar a importância do recurso da audiodescrição como elemento facilitador da compreensão de conteúdos jornalísticos por pessoas com deficiência visual. Para isso, foi disponibilizado um formulário online em que foram obtidas respostas de pessoas cegas referentes ao entendimento acerca de duas reportagens veiculadas no Jornal do Almoço, telejornal veiculado na faixa do meio-dia pela RBS TV, emissora afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul.

2 Foi realizado contato por e-mail, primeiramente, com o setor responsável pela programação da RBS TV, afiliada à Rede Globo no Rio Grande do Sul, em Pelotas. Em seguida, por indicação, o contato seguiu, pelo mesmo meio, com o responsável pela programação em Porto Alegre (RS) (BRAMATTI, 2020), que informou o encaminhamento da solicitação para a TV Globo, mas, em um primeiro momento, adiantou que o conteúdo produzido localmente (Bom Dia RS, Jornal do Almoço, RBS Notícias, Globo Esporte, Galpão Crioulo, Posso Entrar?, ou Destemperados na TV) não contava com o recurso de audiodescrição. Após confirmação com a Globo, foi informado que os seguintes programas possuíam a AD: Sessão da Tarde; Tela Quente; Supercine; Temperatura Máxima; Domingo Maior; Encontro; Como Será? e Esporte Espetacular. O número de 22 horas semanais foi obtido a partir de soma realizada a partir do tempo de exibição dos programas citados, disponível no site da emissora.

3 Em casos esporádicos, os jornalísticos disponibilizam o recurso para os telespectadores, como na ocasião em que o Jornal do Almoço, da RBS TV, exibiu uma série de reportagens sobre o *reality* Desafio Farroupilha com a AD, em alusão à proposta da temporada de abordar a inclusão de pessoas com deficiência visual no tradicionalismo. Também foi disponibilizada a tradução em LIBRAS (RBS..., 2018).

2 Audiodescrição no telejornalismo

Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL):

Audiodescrição: é a narração, em língua portuguesa, integrada ao som original da obra audiovisual, contendo descrições de sons e elementos visuais e quaisquer informações adicionais que sejam relevantes para possibilitar a melhor compreensão desta por pessoas com deficiência visual e intelectual (BRASIL, 2010, online).

Esse recurso é extremamente importante para a total compreensão do conteúdo que está passando na tela, para pessoas com deficiência visual, que representam uma boa parcela da população brasileira.

A Constituição brasileira garante a todos e a todas o direito à cultura e à informação, segundo os artigos:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e difusão das manifestações culturais;

Art 5º. XIV - é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional (BRASIL, 1988, online).

Além disso, o Artigo 67 da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) de 2015, diz que:

Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

I - subtitulação por meio de legenda oculta;

II - janela com intérprete da Libras;

III - audiodescrição. (BRASIL, 2015, online).

A Portaria nº 188, de 24 de março de 2010, do Ministério das Comunicações (BRASIL, 2010), determinou que todas as emissoras de televisão aberta do país deveriam cumprir 20 horas semanais de programação com AD nos horários entre 6 e 2 horas, no prazo de 120 meses, ou seja, até 1º de julho de 2020. E apesar da Constituição garantir o acesso à AD na televisão, isso nem sempre é cumprido pelas emissoras de TV aberta do país⁴ e, quando a emissora cumpre com o número de horas obrigatórias de programação com AD, o recurso não é empregado em programas jornalísticos.

Em 2020, a obrigação das emissoras é de transmitir apenas 20 horas semanais com audiodescrição, o que não é um número de horas satisfatório, como veremos no tópico 3, em que é relatada a disponibilização de um formulário voltado para pessoas com deficiência visual acerca da experiência com o recurso de audiodescrição em telejornais, para avaliar se a quantidade de programação com AD era ideal e se sem o recurso é possível entender todo o conteúdo que está sendo transmitido na TV.

Em outros países, a audiodescrição é mais aplicada que no Brasil. A Inglaterra, por exemplo, é o país mais avançado em relação a AD. Os principais canais de TV têm cerca de 20% da sua programação com audiodescrição, além de contar com o recurso em mais de 300 salas de cinema, museus e teatros. Outros países como Estados Unidos, Espanha, Alemanha e Portugal também possuem o recurso da AD (ADERALDO et al., 2016).

Nos EUA, a audiodescrição está presente desde os anos 70 e, em 2010, o então presidente Barack Obama assinou um projeto de lei que determinava a acessibilidade para pessoas com deficiência visual

4 Conforme a programação da Record TV disponibilizada no site da emissora, são oferecidas cerca de 12 horas de programação com AD com o programa Hoje em Dia e filmes. No SBT, somente o programa Thundermans, com duração de 2h15 min disponibiliza o recurso, de acordo com a programação da emissora. Não foram encontradas informações sobre programação com AD nos sites das emissoras Band e Rede TV!.

e auditiva à internet, a programas televisivos, guias de programação na TV a cabo, menus de DVDs players, telefones inteligentes, entre outros (AUDIODESCRIÇÃO..., 2010) e, em 2011, foi regularizada uma lei que obrigava as emissoras a transmitir, no mínimo, 4 horas por semana da programação com AD nas televisões estadunidenses. Nos teatros e cinemas, a AD está presente desde os anos 90 (ADERALDO et al., 2016)

Na Espanha, a AD está presente desde 1987 e, em 1993, a Organização Nacional dos Cegos Espanhóis (ONCE)⁵ lançou um projeto chamado “Sistema Audesc”, para aplicar AD nas produções cinematográficas. Na televisão, a Espanha foi o primeiro país ocidental a torná-la mais acessível para pessoas com deficiência visual, em 1995. O primeiro museu totalmente acessível do mundo, o Museu Tiflológico está localizado em Madrid, na Espanha, e pertence à ONCE. Em 2005, um consórcio criado pelo Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais, diversas associações voltadas aos cegos e empresas dedicadas à acessibilidade visual produziram uma norma que regulamenta a AD em teatros, cinemas, televisão, espetáculos ao vivo, museus e parques.

Na Alemanha, por lei, a AD é obrigatória para que os filmes consigam incentivo para serem produzidos, no entanto, apesar dos filmes estarem disponíveis com a audiodescrição, eles acabam não sendo exibidos com o recurso nos cinemas. No país, há o Prêmio Alemão para Filmes Audiodescritos, que acontece anualmente, para incentivar a acessibilidade no cinema (GOETHE INSTITUT, [2020?], online).

Segundo a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira”, publicada pela Secretaria de Comunicação (SECOM) da Presidência da República (BRASIL,

5 A Organização Nacional dos Cegos Espanhóis (ONCE) é uma organização espanhola sem fins lucrativos que atua para melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência visual na Espanha. A ONCE existe desde 1928 e desde então, promove a remoção das barreiras impostas na sociedade para pessoas com deficiência visual.

2016), a televisão é o meio de comunicação mais utilizado para acesso à informação, considerando que quase nove de cada 10 entrevistados (89%) mencionaram o aparelho como primeira ou segunda opção para se informar.

No entanto, a maioria dos programas exibidos na televisão, sejam eles de informação, sejam de entretenimento, não possuem o recurso da audiodescrição, o que impossibilita as informações visuais de serem compreendidas pelos telespectadores com deficiência visual, negando-lhes o direito de se informar e entreter-se. O jornalismo tem o dever de comunicar para todos os cidadãos, e as emissoras, ao não oferecerem uma programação acessível (com audiodescrição, libras e legenda oculta), estão deixando uma parcela da população brasileira de lado.

3 Perspectivas metodológicas e analíticas

Como objeto de análise deste estudo serão utilizadas respostas obtidas a partir de um questionário online, aplicado usando a ferramenta *Google Forms*, que ficou aberto de 3 a 17 de novembro e composto por 25 perguntas no total, com quatro sendo para se obter mais detalhes sobre determinadas informações. Como base, foi utilizado o questionário aplicado na tese de Doutorado de Scoralick (2017), intitulada “Por uma TV acessível: a audiodescrição e as pessoas com deficiência visual”, durante a realização de um grupo focal. O questionário foi dividido em duas seções, com a primeira buscando informações sobre o perfil dos entrevistados e a segunda disponibilizando os *links* de dois vídeos: sendo que um contando com o recurso da audiodescrição, com o intuito de compreender se a AD, de fato, contribui para o entendimento de reportagens telejornalísticas.

No total, foram obtidas respostas de três entrevistados, sendo dois homens, com idades de 26 e 29 anos, que moram nas cidades do

Rio de Janeiro (RJ) e Araraquara, no interior do estado de São Paulo, e uma mulher de 23 anos, moradora de Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul. Neste estudo, os participantes, para fins de identificação, serão denominados, respectivamente, de H1, H2 e M1.

O formulário foi divulgado em um grupo informal com alunos, professores, servidores e demais membros da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na rede social *Facebook*, e enviado para conhecidos dos autores deste artigo, que também poderiam responder e divulgar o questionário.

Todos os participantes são cegos, com a deficiência visual congênita e somente H2 mora com companheiro, enquanto os outros dois vivem com os pais. Entre os veículos de comunicação utilizados para se informar, os meios online são os preferidos de H2 e M1, e para H1 é o rádio. No entanto, somente M1 considera o meio utilizado acessível.

Considerando somente a televisão, todos responderam que assistem todos os dias, em períodos de 2 a 3 horas para H2 e M1, e de 6 horas para H1, que costuma assistir sozinho. Por outro lado, H2 e M1 assistem acompanhados, mas somente para M1 há explicação do que está sendo exibido.

Em relação ao canal de televisão favorito, H2 e M1 preferem a Globo, enquanto H1 cita a opção por canais e programas esportivos da TV por assinatura, como Sportv, Fox Sports, Combate, ESPN e canais de documentários. Apenas H2 e M1 citam telejornais como programas que assistem na televisão e, além disso, M1 também afirma assistir aos esportes e a novelas, enquanto H2 costuma assistir a séries.

Tratando mais especificamente sobre a audiodescrição, H1 e H2 afirmam conhecer programas com o recurso, mas os três apontam que não assistem a nenhum conteúdo com AD.

Na segunda seção, foram disponibilizados *links* de dois vídeos com reportagens veiculadas no “Jornal do Almoço”, programa jornalístico

exibido na faixa do meio-dia na RBS TV, emissora afiliada à Rede Globo, no Rio Grande do Sul. Uma das reportagens foi veiculada em novembro de 2018 (CONFIRA..., 2018), tem duração de 11 minutos e 15 segundos e apresenta o terceiro episódio da quinta temporada do *reality* de danças tradicionais “Desafio Farroupilha” (FANTÁSTICO..., 2018, online), cujo tema era a inclusão social e, por isso, contou com a disponibilização de tradução em Libras e a AD. Nesse sentido, a presença dos recursos assistivos foi, justamente, o motivo da escolha dessa reportagem.

O segundo conteúdo disponibilizado para os entrevistados foi referente a uma reportagem do quadro “Natureza dos Gaúchos”, exibida em outubro de 2020. A reportagem “Natureza do Gaúcho desbrava a Lagoa dos Patos, no Sul do Rio Grande do Sul”, tem duração de 7 minutos e 30 segundos e mostra a fauna e a flora presentes na Lagoa dos Patos, com diversas imagens e vídeos sendo mostrados ao longo da matéria. A grande presença de elementos visuais, tais como fotografias e imagens da Lagoa dos Patos com menção em *off*⁶ pela repórter, porém sem descrição do que está propriamente na tela, motivou a escolha desse material.

No formulário disponibilizado para os participantes, foi pedido que eles assistissem aos dois primeiros minutos das duas reportagens e respondessem algumas questões sobre elas. Na primeira pergunta foi questionado se era possível compreender o conteúdo da reportagem sobre o Desafio Farroupilha. Todos os participantes responderam que sim.

Em seguida, foi pedido para os participantes assistirem à reportagem sobre a Lagoa dos Patos e responderem por extenso se notaram alguma diferença entre as reportagens e, em caso afirmativo, quais diferenças foram observadas pelos entrevistados, se a compreensão da

6 Leitura de informações pela repórter durante a exibição de imagens da reportagem na tela.

matéria ficou clara com a audiodescrição e se a falta do recurso comprometeu o entendimento da outra matéria. M1 disse que: “Poderia ser descrito os detalhes das paisagens que acabam ficando somente com as sonoras.”⁷ H1 respondeu que: “Com audiodescrição, fica melhor de compreender o conteúdo.” H2 disse que: “Notei a ausência de audiodescrição, o que dificulta bastante a compreensão da reportagem no geral, embora esteja bastante descritiva ainda assim”.

Na próxima questão, os entrevistados teriam que responder qual das reportagens era melhor, levando-se em consideração o que havia sido abordado anteriormente, como aspectos de compreensão e entendimento em torno do conteúdo. Todos responderam que foi a matéria 1 (Desafio Farroupilha), com AD.

Ao final do formulário, estava a seguinte frase: “A audiodescrição é essencial para o entendimento total do conteúdo apresentado em vídeo, seja em jornais televisivos, propagandas seja entretenimento, como novelas, filmes e desenho. Sobre essa frase, você:” As opções de resposta eram “concordo”, “discordo” ou “indiferente”. Todos os participantes responderam que concordavam.

Portanto, ao final do período de disponibilização e recebimento de respostas do questionário e, por fim, a análise dos resultados, obtivemos que a audiodescrição, do ponto de vista dos entrevistados, contribuiu para o entendimento de informações presentes na reportagem do “Desafio Farroupilha”, como apontado por H1 de forma mais direta. Dessa forma, a resposta foi positiva em relação ao uso da AD, considerando, também, o fato de os participantes afirmarem que não assistem aos programas com o recurso na televisão.

Por outro lado, embora a reportagem do quadro “Natureza dos Gaúchos” não disponibilizasse o recurso, alguns aspectos da paisagem

7 Trecho de uma reportagem onde há a fala de algum entrevistado.

foram compreendidos em alguma medida pelas sonoras⁸ dos entrevistados, como disse M1. Por sua vez, H2 ressalta que apresentou dificuldades para compreender o conteúdo sem a AD, mas que a reportagem, ainda assim, apresentava descrição.

Com isso, podemos depreender que a implementação e disponibilização da AD pode, sim, contribuir para uma melhor compreensão do conteúdo que está sendo exibido. Além disso, a incorporação de aspectos descritivos das imagens durante as etapas de elaboração da reportagem, seja por parte do repórter seja pelos entrevistados, também podem auxiliar o entendimento.

4 Considerações finais

A disponibilização e o acesso à informação devem ser amplos e para todos. Somente com informações corretas e devidamente apuradas, tais como as veiculadas pelo jornalismo profissional, podem fornecer subsídios para que o cidadão seja capaz de entender a realidade em que está inserido e formar uma opinião acerca de determinado assunto que pode ter o potencial de afetá-lo diretamente. No entanto, a realidade é excludente. Na televisão aberta, por exemplo, não há nenhum telejornal que disponibilize o recurso de Audiodescrição, de acordo com a programação divulgada pelas emissoras. Os programas com o recurso consistem em filmes, desenhos, seriados, programas de entretenimento e esportes, novelas, e de outros gêneros.

Como demonstrado a partir deste estudo, com base nas respostas de pessoas com deficiência visual ao questionário disponibilizado, a AD contribuiu para uma melhor compreensão de elementos presentes nas reportagens selecionadas, mesmo que essas já apresentassem algum grau de descrição inserido por meio das sonoras, dos *offs* ou das passagens, estruturas fundamentais em uma reportagem televisiva. Nesse

8 Falas dos entrevistados durante uma reportagem.

sentido, as respostas obtidas também promoveram uma sinalização quanto à relevância de ser considerada, desde a etapa de produção da matéria, graus de descrição ou mesmo de narração do que está sendo exibido na tela, considerando que o telejornalismo se faz a partir da junção entre imagem e som.

Portanto, considera-se que os objetivos deste estudo foram atingidos, tendo em vista a confirmação, a partir das respostas obtidas, de que a AD contribuiu para a compreensão do conteúdo de uma das reportagens, que foi apontada como de melhor entendimento em relação a que não contava com o recurso. Os detalhes das paisagens, por exemplo, só foram percebidos por um dos participantes devido à fala dos entrevistados. Com a AD, no entanto, esse recurso poderia descrever, de forma adequada ao contexto, o que estava presente na imagem, auxiliando na total compreensão do que estava sendo exibido. Dessa forma, cabe destacar que a presença do recurso em telejornais pode funcionar como uma ferramenta de inclusão, de modo que todos os cidadãos possam ter acesso à informação, como prevê a legislação vigente.

Referências

ADERALDO, Marisa Ferreira et al (orgs). Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição. Natal: EDUFRN, 2016. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/comacesso/wp-content/uploads/2019/01/Pesquisas-Teo%CC%81ricas-e-Aplicadas-em-Audiodescri%CC%A7a%CC%83o.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

AUDIODESCRIÇÃO agora é lei nos Estados Unidos. *Blog da Audiodescrição*, 2010. Disponível em: <http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/2010/11/audiodescricao-agora-e-lei-nos-estados.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BRAMATTI, Dariano. Informações para pesquisa acadêmica. Destinatário: Daniel Batista, 23 set. 2020, email.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1 dez. 2020.

BRASIL. Ministério das Comunicações - MC. *Portaria nº 188, de 24 de março de 2010*. Altera a redação da Norma Complementar nº 01/2006 – Recursos de acessibilidade, para pessoas com deficiência, na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão, aprovada pela Portaria nº 310, de 27 de junho de 2006. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/legislacao/normas-do-mc/443-portaria-188>. Acesso em: 14 nov. 2020.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 9 nov. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2016. Disponível em: <http://antigo.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>. Acesso em: 16 nov. 2020.

CONFIRA o 3º episódio do “Desafio Farroupilha 2018” com audiodescrição e libras. Globoplay, 2018. 1 vídeo (11 min 15 s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7173801/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

FANTÁSTICO exhibe “Desafio Farroupilha”. Reveja os episódios. *G1*, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/blog/reporter-farroupilha/post/2018/11/26/fantastico-exibe-desafio-farroupilha.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2020.

Audiodescrição no telejornalismo

GOETHE INSTITUT. Acessibilidade de mídias na Alemanha. [2020?], online. Disponível em: <https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/20770511.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. Acesso em: 9 nov. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Trabalho e Rendimento. *Pesquisa nacional de saúde: 2013: ciclos de vida: Brasil e grandes regiões*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Nota técnica 01/2018: Releitura dos dados de pessoas com deficiência no Censo Demográfico 2010 à luz das recomendações do Grupo de Washington*. IBGE, 31 jul. 2018. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/metodologia/notas_tecnicas/nota_tecnica_2018_01_censo2010.pdf. Acesso em: 8 nov. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pessoas com deficiência*. IBGE Educa, [2020?]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 8 nov. 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101794_informativo.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

KANTAR Ibope Media. Audiência do horário nobre – 15 Mercados – 02/11 a 08/11/2020. [2020?]. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/audiencia-do-horario-nobre-15-mercados-02-11-a-08-11-2020/>. Acesso em: 9 nov. 2020.

NATUREZA do gaúcho desbrava a Lagoa dos Patos, no Sul do Rio Grande do Sul. Globoplay, 2020. 1 vídeo (7 min 30 s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8948682/programa/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

ONCE – ORGANIZACIÓN NACIONAL DE CIEGOS ESPAÑOLES. Museo Tiflológico, c2021. Home. Disponível em: <https://museo.once.es/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

Audiodescrição no telejornalismo

RBS TV exhibe vídeo com audiodescrição para divulgar nova temporada do Desafio Farroupilha. Rede Globo, 22 out. 2018. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/rbs-tv-exibe-video-com-audiodescricao-para-divulgar-nova-temporada-do-desafio-farroupilha.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2020.

RECORD TV. Programação. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/programacao>. Acesso em: 16 nov. 2020.

REDE GLOBO. RBS TV. Programação. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/programacao/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SBT. Programação. Disponível em: <https://www.sbt.com.br/programacao>. Acesso em: 16 nov. 2020.

SCORALICK, Kelly. Por uma TV acessível: a audiodescrição e as pessoas com deficiência visual. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_ksoralick_2017.pdf. Acesso em: 9 de nov. 2020.

PARTE III

Olhares para a extensão

Da pré à pós-produção audiovisual no telejornalismo universitário da UFPel

Gustavo Severo Dalla Costa

RESUMO

O *Em Pauta TV* é um projeto de extensão do curso de Jornalismo da UFPel em vigor desde 2017. O presente artigo tem como objetivo analisar o contexto da prática audiovisual do jornalismo universitário, através de um estudo de caso do projeto. O processo de realização do programa é relatado da pré à pós-produção a fim de descrever suas atividades, centradas no Laboratório de Edição Audiovisual. Em seguida, são feitas algumas reflexões sobre os principais pontos de acerto e de dificuldades encontrados na produção. O artigo encerra enfatizando processos a serem revistos ou reforçados e valorizando a prática audiovisual como ferramenta pedagógica no jornalismo universitário.

Palavras-chave: *Em Pauta TV*. Telejornalismo universitário. Laboratório de Edição Audiovisual.

1 Introdução

A extensão é um dos três pilares do ensino universitário, permitindo estabelecer a ligação do saber acadêmico com o principal destinatário, a comunidade externa. Nesse viés, o Laboratório de Edição Audiovisual do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) destaca-se como um dos principais ambientes ligados à extensão para o curso de Jornalismo. O Laboratório foi criado

em 2012 e, através dos servidores técnicos lotados no setor¹, tem como propósito realizar produções audiovisuais voltadas ao curso de Jornalismo, orientar os alunos nas práticas audiovisuais, zelar pelos equipamentos do Laboratório e disponibilizá-los para os estudantes.

O Laboratório atua junto a diversas disciplinas do curso que possuem elementos audiovisuais, tais quais: Telejornalismo, Radiojornalismo, Web Jornalismo, Fotojornalismo, Fotografia Digital e Práticas Laboratoriais. No entanto, a atuação do setor se amplia através dos cursos de extensão, com o intuito de simular a experiência prática com que os estudantes vão se deparar profissionalmente e provê-los com ferramentas para resolver desafios que possam vir a surgir, promovendo, assim, mais independência em suas atividades.

O fazer prático é fundamental para a formação de um profissional completo dentro do Jornalismo. Segundo Larrosa Bondía (2002, p.27), “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.” Portanto, o saber técnico e a experiência adquirida pelo estudante através das atividades práticas audiovisuais se mostram insubstituíveis. Sem essa ferramenta de aprendizado, os futuros jornalistas podem ter dificuldade de expressão em um ambiente cada vez mais competitivo, com grande ênfase no audiovisual.

Essa necessidade de aperfeiçoamento dos alunos, aliada às atividades do Laboratório, resultou em um projeto de extensão chamado *Em Pauta TV*, iniciado por professoras² do curso de Jornalismo, em 2017, em colaboração com os técnicos do Laboratório e estudantes interessados em telejornalismo. Esse projeto busca contemplar a experiência jornalística televisiva dentro de um contexto universitário ao envolver alunos, professores e técnicos na produção e divulgação de

1 Composto pelos servidores Bruno Añaña (Assistente de Som), Felipe Campal (Operador de Câmera) Gustavo Dalla Costa (Editor de Imagens) e Vladimir Vargas (Técnico em Audiovisual).

2 Professoras Michele Negrini e Marislei Ribeiro.

notícias relativas ao ambiente acadêmico ou com grande relevância social, que constitui a linha editorial e norte para as decisões da equipe.

Dado a esse grande escopo do projeto e sua longevidade, faz-se necessária uma reflexão sobre como o *Em Pauta TV* é realizado, para identificar suas principais etapas, objetivos, sucessos e desafios. Dessa forma, este artigo propõe um estudo de caso³ sobre o projeto de extensão *Em Pauta TV* para ampliar a compreensão sobre a realização do mesmo, propor alternativas e evidenciar a importância da prática no contexto do Jornalismo Universitário. Para atingir esses objetivos, o artigo apresenta o processo integral de realização do programa da pré à pós-produção, seguido por reflexões a respeito das principais práticas adotadas.

2 Pré-produção audiovisual

A pré-produção é fase crucial no desenvolvimento de qualquer projeto, pois é nela que vão ser delineadas as principais estratégias para se cumprir os objetivos. Na produção audiovisual o processo é o mesmo, em suas diferentes vertentes, formatos ou tipologias. Segundo SEBRAE (2008, p.11), “A fase de pré-produção é fundamental para o produto final, pois é nesta fase de concepção de um projeto que se afirmam as questões de tipologia e finalidade para o produto final”. Uma pré-produção bem desenvolvida põe a equipe em sintonia com as tarefas individuais e otimiza processos, enquanto evita erros e retrabalhos.

No caso do *Em Pauta TV*, o principal objetivo é produzir um programa quinzenal, com duração de 15 a 20 minutos, a ser exibido na TV Câmara de Pelotas e nas redes sociais, sendo as principais plataformas o *Facebook* e o *Instagram*. Na internet, o cumprimento das metas de

3 Segundo Ventura (2007, p. 384), um estudo de caso “visa à investigação de um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações.”

postagem e datas visam a principalmente fidelizar os seguidores. Em relação à TV Câmara, a operadora oferece espaço de exibição para o projeto, em datas de entregas previamente acordadas, e fica responsável por adequar sua grade de programação e horários para esse fim. Em contrapartida, a organização do projeto deve cumprir com as datas de entrega e tempo de duração mínimo, para que programas não tenham de ser reprisados a fim de evitar furos na exibição da TV.

A equipe do projeto é constituída pelas duas professoras coordenadoras e por quatro técnicos administrativos com especialidades na área do audiovisual, contando com um Operador de Câmera, um Assistente de Som, um Editor de Imagens e um Técnico em Audiovisual. O restante da equipe é composto por um a dois bolsistas regulares, alunos com interesse na área e que já tenham concluído a matéria de Televisão do segundo semestre e, ocasionalmente, estudantes de Práticas Laboratoriais. Na produção do programa quinzenal, a primeira etapa a ser realizada na pré-produção é a reunião de pauta.

Lage (2010, p. 73) define pauta como “agenda de eventos para serem cobertos para noticiário, indicação do assunto, abordagem, fontes possíveis, equipamentos, deslocamentos e prazo de produção de reportagens.” A pauta mostra a série de atividades que são atribuídas aos repórteres na pré-produção, concretizadas em uma matéria. As reuniões ocorrem semanalmente durante o semestre acadêmico, com duração aproximada de uma hora. A presença principal nessas reuniões é dos estudantes com as coordenadoras, eventualmente com a participação de um técnico para orientações pontuais. Nas reuniões de pauta são levantados temas de interesse em um processo de geração de alternativas.

Geração de alternativas é a técnica usada para desenvolver o maior número possível de opções a fim de identificar diversas abordagens de execução e desenvolvimento do trabalho do projeto. Várias técnicas comuns de gerenciamento podem ser

usadas, tais como brainstorming, pensamento lateral, análise de alternativas, entre outras (PMI, 2013, p. 150).

Após a geração de alternativas, os integrantes discutem se o tema se enquadra no escopo do programa, sua relevância e viabilidade, considerando os fatores que mais possam impactar na produção ou na repercussão da matéria.

Outro ponto de discussão importante em relação aos temas é se as sugestões de pautas são factuais ou não factuais, ou seja, se os temas possuem um contexto temporal, como um evento com data definida, ou se são atemporais, como um projeto de pesquisa. Apesar de não serem excluídas de imediato as sugestões de pauta factuais, opta-se normalmente pela realização de matérias não factuais, pois a produção das matérias se dará apenas na semana seguinte e, futuramente, o programa poderá ser reprisado, fazendo-o perder a relevância na exibição pela TV se apresentar pautas datadas.

Após a discussão, as pautas são distribuídas para duplas de estudantes mais inexperientes, em que eles se dividem em repórter e operador de câmera e se ajudam mutuamente nas tarefas. Os acadêmicos que já possuem suas preferências e habilidades mais definidas têm a opção de atuar como repórter ou cinegrafista de modo individual. Assim, os repórteres têm a responsabilidade de pesquisar a sua pauta, fazer contatos, agendar entrevistas, redigir *offs*⁴ e cabeças⁵. Enquanto isso, os cinegrafistas, geralmente em menor número, são designados para acompanhar e realizar a gravação da matéria dos repórteres, ficando responsáveis por retirar os equipamentos junto ao Laboratório, captar as imagens e o som e baixar os arquivos nos computadores do setor.

4 *Offs*: forma de narrativa sonora onde o repórter não aparece (LAGE, 2010)

5 Cabeças: abertura de matéria, lide de uma notícia (LAGE, 2010), no caso do audiovisual realizado pelos âncoras.

O *Em Pauta* é dividido em dois blocos, o primeiro é composto por diversas matérias curtas e o segundo pode ter matérias, mas necessariamente possui uma entrevista mais longa, realizada pelos âncoras e definida na reunião de pauta. Normalmente formada por uma dupla de acadêmicos mais avançados na graduação, os âncoras se responsabilizam por matérias individuais como os demais repórteres, porém eles fazem a abertura e o encerramento do programa, introduzem as matérias que serão veiculadas ou comentam após a exibição das mesmas e realizam a entrevista do segundo bloco. Na pré-produção, a dupla possui a responsabilidade de definir uma entrevista principal dos programas, entrar em contato com o entrevistado, agendar a entrevista e preparar perguntas. À medida que os repórteres elaboram as cabeças ou pés de suas matérias, eles as enviam aos âncoras, que realizam a revisão e a edição do material.

3 Produção audiovisual

Em produções audiovisuais, a etapa de produção é caracterizada pelo exercício técnico da gravação de som e imagem, em busca de criar o material bruto videográfico que irá compor as matérias. Dessa forma, os integrantes do projeto saem à rua para completar as tarefas designadas na reunião de pauta. Eles devem buscar a coordenação entre si e compor a perspectiva teórica com a prática em forma de um vídeo, pois a produção “ensina a trabalhar em equipe e a importância de ser organizado” (RABIGER, 2007, p. 63). Enquanto os alunos ficam responsáveis pelas matérias, as coordenadoras acompanham o cumprimento de prazos e orientam a respeito de dúvidas sobre a abordagem do conteúdo, construção das passagens, escolha dos entrevistados, ou seja, essencialmente sobre a linguagem jornalística para transmissão da informação.

O Laboratório de Edição Audiovisual conta com diversos equipamentos para a produção em vídeo, adquiridos ao longo dos anos, tendo em vista dispor boa parte do acervo para uso estudantil. A principal ferramenta de trabalho oferecida aos alunos do projeto são câmeras fotográficas DSLR⁶, modelo Canon T3i, com a possibilidade de usar a lente padrão 18-135mm ou uma lente 50mm. Além de tripés, os alunos também podem retirar microfones dinâmicos com cabos adaptados às câmeras, microfones direcionais acoplados à câmera ou gravadores Tascam para a captação de áudio com mais segurança, por serem aparelhos especializados para a tarefa.

A fim de obter uma matéria com mais qualidade e para melhor preservar esses equipamentos, os técnicos instruem os alunos em relação ao seu manuseio previamente à gravação das matérias, especialmente os novos integrantes do projeto. Em relação ao uso de câmeras e de iluminação, Präkel afirma que:

Conhecer as regras simples, a composição e a qualidade da iluminação ajudam o fotógrafo a desenvolver um domínio técnico sobre a luz, evitando erros comuns como flare, perda de detalhes nas sombras e nas altas-luzes ou cores dessaturadas (PRÄKEL, 2015, p.6).

Cuidados como o encaixe adequado da objetiva, a montagem apropriada do tripé, a limpeza da lente e o uso da alça são básicos para a segurança dessas ferramentas, pois se mostram relevantes para estender a vida útil das mesmas. No entanto, a colaboração dos técnicos não se limita a isso, pois orientações importantes também são feitas em relação às escolhas técnicas e construção da linguagem audiovisual, como o enquadramento, balanço de temperatura de cor,

6 DSLR: do inglês “Digital Single Lens Reflex”, tipo de câmera fotográfica que conta com um espelho mecânico para capturar a luz. Muito comum em produções audiovisuais, apesar de ser voltada para fotos.

estabilização de imagem, abertura do diafragma, de acordo com a intenção do estudante e os diferentes contextos abordados.

Essas orientações se dão através de exercícios e tutoriais, porém, por vezes, o atendimento individual se prova necessário. Algumas situações comuns são as dificuldades iniciais dos alunos na gravação dos *offs*, passagens e mesmo na realização de sonoras⁷, devido ao desconforto em frente à câmera, falta de prática na realização audiovisual ou problemas no discurso. No entanto, situações mais graves podem surgir, como entrevistas ou abordagem de reportagens em contextos socialmente delicados. Nessas situações, tanto as coordenadoras quanto os técnicos auxiliam os alunos a comunicarem a notícia de forma a lidar adequadamente com esse tipo de conteúdo através de treinamento e técnicas de entrevista.

Durante a fase de produção, as duplas realizam as matérias de forma independente, contudo os âncoras trabalham colaborativamente com os técnicos do Laboratório que, por sua vez, ficam responsáveis pela gravação da escalada⁸, cabeças e entrevistas. Como a entrevista costuma ter uma duração mais longa, dominando o espaço do segundo bloco, acaba sendo mais aprofundada e contando com mais atenção à execução e à qualidade. Assim, os âncoras fazem uma lista de perguntas e agendam com o entrevistado, preparando-o antes sobre o teor das questões e o tom do programa.

Junto com os âncoras, os técnicos fazem a escolha do cenário de gravação, que antigamente ocorria de maneira improvisada, no espaço de um museu, mas que recentemente passou a se dar, quando possível, ao ar livre, nas dependências do Campus Anglo, à beira do rio São Gonçalo. Nesse local há a disponibilidade de múltiplas escolhas,

7 Sonoras: jargão jornalístico para entrevistas.

8 Escalada: resumo das notícias abordadas no programa que ocorre no início do telejornal.

que combinam a leveza do ambiente externo com as características da estrutura acadêmica.

Após os âncoras realizarem correções ou adequações dos textos das escaladas e das cabeças enviadas pelos colegas que realizaram as matérias, o *set* é montado no local escolhido e a equipe de técnicos e âncoras se prepara para a gravação. No modelo atual, são necessários dois técnicos para operar as câmeras de vídeo, um cobrindo um plano geral e o outro capturando detalhes dos âncoras e entrevistados, um técnico para captação e monitoramento de áudio e um estudante ou coordenadora para dar apoio em termos de discurso dos âncoras e de continuidade dos planos.

Por fim, realiza-se a gravação das escaladas, cabeças e entrevistas, repetindo-se quantas vezes forem necessárias e provendo orientações aos âncoras, a fim de conseguir um produto de qualidade, que represente o trabalho da Universidade e que o processo funcione como ferramenta didática.

4 Pós-produção audiovisual

O vídeo ganha a forma na pós-produção, em que os diferentes conteúdos elaborados na pré-produção e capturados na produção são incorporados em um produto final. Seger e Whetmore exemplificam o processo ao descrever o trabalho do editor: “os editores trabalham com diferentes níveis de expressão, significado, ângulo de câmera, sombras, movimentação de câmera, ênfase e perspectiva. No fim, tudo é combinado numa versão final” (SEGER, WHETMORE, 2009, p. 221). Contudo, a montagem do material e as respectivas escolhas dos vídeos brutos não são as únicas atividades a serem feitas.

Nesse estágio do programa, as matérias, as chamadas dos blocos, as cabeças, as entrevistas e as demais inserções dos âncoras estão gravadas, assim como os *offs*. Além da edição resta então a mixagem

de áudio, que inclui o tratamento, equilíbrio, ajuste do som e a finalização, nas quais correções na imagem e a introdução de grafismos são algumas das operações.

O Laboratório de Edição Audiovisual conta com oito computadores de alta performance com as ferramentas de edição de vídeo, áudio e fotografia, no entanto dois são reservados aos técnicos, deixando os alunos com seis computadores para utilização. Essa escassez de computadores relativa ao tamanho da equipe do projeto, que já contou com mais de 20 alunos, fica evidente nos dias anteriores ao prazo limite de entrega para a TV, em que diversos alunos acabam dividindo o trabalho. Os estudantes que conseguem se organizar com antecedência realizam o trabalho com tranquilidade e com mais assistência dos técnicos.

Como nas demais etapas, os alunos sem conhecimento sobre os *softwares* são instruídos com tutoriais e acompanhados pelos técnicos até se familiarizarem com o processo. No entanto, a utilização de imagens em contextos particulares, que possam levantar questões éticas, é verificada e discutida em grupo, a fim de se tomar a decisão de inseri-las ou não. Apesar dos alunos ficarem responsáveis por suas matérias, com o repórter a cargo de editá-la, a montagem do programa completo é realizada por um técnico, que compila as matérias prontas e as une com os materiais dos âncoras para garantir que o produto seja entregue a tempo e reduzindo problemas técnicos na edição.

Os alunos são livres para editar segundo a criatividade deles, porém são sugeridas estruturas básicas de edição em que se alternam sonoras, passagens e *offs*, de modo a tornar a matéria dinâmica. Outro aspecto ressaltado é a visibilidade e clareza da notícia e se ela tem papel de protagonista, não sendo obscurecida pela trilha sonora ou pela presença em demasia do repórter. Após os estudantes terminarem a edição e a mixagem, as matérias são revisadas pelos técnicos a fim de verificar se há coesão, estrutura e se não há defeitos como

quadros pretos, variações de volume, áudios vazados etc. A partir daí são inseridos créditos às pessoas e legendas nas suas falas, a fim de ampliar a acessibilidade do programa.

Após concluídas e revisadas as matérias, o telejornal completo é montado no *software* de edição e realiza-se a finalização, em que são aplicadas correções de cor e luz e são inseridas legendas e os créditos dos âncoras, entrevistados e equipe para a exportação do vídeo. Se alguma matéria não estiver pronta até a data estipulada ela “cai” do programa e, dependendo se for factual ou não, pode ir ao ar em outra edição ou será veiculada apenas nas redes sociais. Por isso, nesse momento decisivo se faz necessária uma corrida contra o tempo em que a equipe se une para solucionar os obstáculos técnicos que surgem, a fim de que o programa seja entregue da maneira mais próxima a que foi planejado na etapa de pré-produção.

Apesar do trabalho de pós-produção ser mais repartido, a comunicação entre a equipe no ambiente do Laboratório torna-se um instrumento de organização e eficiência essencial, pois possibilita troca rápida de informações e auxílio aos integrantes mais atrasados em suas tarefas. A comunicação bem realizada da pré à pós-produção pode inclusive prevenir erros comuns, como a falta de captura de imagens de cobertura, aquelas responsáveis por aparecer durante os *offs*, que pode ocorrer devido à falta de comunicação do repórter com o cinegrafista. Pelo fato dessas produções poderem representar o início do portfólio dos estudantes, o ambiente de troca colaborativa e a visibilidade do programa estimulam a equipe a terminar os vídeos com mais qualidade e pode ser um dos motivos da relevância e duração do *Em Pauta TV*.

5 Reflexões

A primeira questão que afeta a prática audiovisual como um todo é a estrutura oferecida ao projeto. O Laboratório fornece aos estudantes

equipamentos para a prática audiovisual, mas apesar do setor ter recebido investimentos ao longo do tempo, até o início de 2020 (antes da paralisação das atividades práticas devido à pandemia), a quantidade de ferramentas se mostrava insuficiente. Tanto em relação ao tamanho da equipe do *Em Pauta* quanto pela utilização por outras disciplinas e projetos, com turmas contando com mais de 60 integrantes, os estudantes, muitas vezes, têm que revezar funções ou adiar gravações e edições. Outras dificuldades estruturais nesse período também se destacam, como a falta de estúdio adequado para gravação de *offs*, ou como o desgaste dos equipamentos pela utilização intensa ou incorreta, que também aumentam o número de limitações técnicas, enquanto os estúdios previstos para o curso não são inaugurados.

Outro elemento que desempenha um papel importante no fluxo de trabalho do programa é a padronização e a organização das tarefas, atividades e materiais. As coordenadoras e os técnicos buscam orientar os estudantes em relação à extensão das matérias, inserção de créditos, teor das entrevistas, porém sem parâmetros claros ao grupo. Para esse fim foi iniciada a criação de um manual de práticas para a integralidade do processo, mas não se constituiu como cultura por falta de divulgação e adoção por parte da equipe. A falta da implementação desse tipo de guia leva à qualidade irregular das matérias, com tempos desproporcionais, falta de coesão, além de afetar o prazo de entrega por necessidade de correções.

Um ponto que afeta bastante a dinâmica do projeto, e que pode se relacionar com a carência de parâmetros claros mencionadas anteriormente, é a falta de comprometimento por parte de alguns integrantes. Isso se reflete em abordagens fora do escopo do projeto, descumprimento de prazos, matérias que não vão ao ar e que modificam a estrutura do programa, pois necessitam ser compensadas e, de forma geral, na desmotivação do grupo.

Tendo como origem situações diversas, desde comprometimento com outros projetos, período de provas até problemas na própria gestão do programa, como dificuldade de organização e motivação, esse ponto precisa ser abordado com atenção para evitar a desistência de integrantes. Uma prática que poderia ser reforçada nessas situações dentro dos processos de gestão do programa é o aumento de reforços positivos, como o incentivo à participação de concursos e festivais para motivar e aumentar a adesão dos alunos às suas atividades.

Para o cumprimento das tarefas e o seu acompanhamento, o controle do tempo é fator decisivo no fracasso ou no sucesso das metas de um projeto, incluindo também a comunicação da equipe.

O cronograma do projeto fornece um plano detalhado que representa como e quando o projeto vai entregar os produtos, serviços e resultados definidos no escopo do projeto, e serve como ferramenta de comunicação, gerenciamento de expectativas das partes interessadas e como base para a emissão de relatórios de desempenho (PMI, 2017, p. 175).

Para padronizar a duração do programa, que muitas vezes varia por sofrer com atrasos e matérias fora do padrão de extensão, é necessária a construção de um cronograma. A fim de se corrigir esses problemas e para aprimorar a coordenação das tarefas e gestão do tempo, foi proposta a utilização do aplicativo Trello para controle dos processos presentes na produção do *Em Pauta TV*. A equipe inteira tinha acesso ao sistema, que indicava as atividades que cada um deveria cumprir para a entrega do programa, porém tinha que ser atualizada manualmente a cada etapa concluída. Inicialmente, o aplicativo teve adesão pelos alunos, tendo como consequência a redução de atrasos, erros, e melhora na comunicação do grupo, pois cada um tinha ciência do *status* das tarefas dos outros integrantes. Porém, com o tempo, o sistema foi trocado pelos contatos via redes sociais, encerrando-se a experiência com o aplicativo.

Cada etapa possui sua peculiaridade em relação aos principais desafios e acertos, no entanto, ao obter-se uma visão geral do produto final e de se exercitar a comunicação, é que esses pontos podem ser realçados. Portanto, uma das melhores práticas adotadas pelo projeto é a análise, discussão e autocrítica, realizada na entrega de um programa. Ao fim da reunião de pauta, o programa levado ao ar na semana anterior é assistido e discutido.

Assim, os integrantes do projeto identificam acertos e pontos a serem melhorados na execução do trabalho, a fim de aperfeiçoar a atuação de todos os envolvidos e gerar um programa com mais qualidade na quinzena seguinte. Esse momento torna-se importante para resolver questões fora do que é exibido no vídeo, como a relação pessoal do grupo, sobrecarga de trabalho, ou mesmo para sugestões de reforço técnico ou de novos processos que poderiam ser adotados. Essa análise revela-se especialmente relevante por evidenciar a qualidade na clareza da comunicação de objetivos, a maior causa de sucesso em projetos (SILVA et al. 2017).

6 Considerações finais

O processo de produção audiovisual é caracterizado pela colaboração interpessoal, além dos conhecimentos técnicos e da maneira de usá-los para expressar ideias e sentimentos através da linguagem audiovisual. A prática no vídeo se divide em pré-produção, produção e pós-produção, etapas compostas por diversas atividades que impactam no cronograma e na qualidade do resultado final. Cada etapa tem suas próprias peculiaridades, processos distintos e pessoas responsáveis, o que aumenta a complexidade da produção e da coordenação de um produto audiovisual, como um telejornal.

O projeto de extensão *Em Pauta TV* se caracteriza pelo trabalho colaborativo entre os discentes, docentes e técnicos do curso de

Jornalismo em todas as etapas do processo da realização audiovisual, onde o ambiente de troca é o Laboratório de Edição Audiovisual. Nesse processo, os estudantes podem exercitar a extensão dentro do Jornalismo ao entrar em contato com a comunidade externa da Universidade através de suas matérias. Simultaneamente, proporciona aos acadêmicos o aperfeiçoamento das habilidades técnicas para se expressarem no meio audiovisual e comunicarem a informação jornalística.

O exercício da prática oferece oportunidades de aprendizado em diversos sentidos. A mera presença do repórter e do cinegrafista no ambiente da pauta pode despertar novas reflexões sobre a abordagem do conteúdo ou mesmo propiciar novos encontros ou depoimentos que não foram antecipados. A flexibilidade e a criatividade demandadas por essas situações se estendem até a pós-produção, em que o editor pode enfatizar emoções ou criar significados de acordo com o corte, o ritmo e a justaposição dos *takes*. Afinal, é um conjunto de situações que acaba corroborando a amplitude da pedagogia da prática audiovisual.

Portanto, o fazer prático proporciona esse espaço de desenvolvimento dos estudantes, colaborando com sua formação ética e profissional, enquanto facilita a compreensão sobre a teoria jornalística (MALKOWSKI; BRASIL; CAJAZEIRA, 2017). Brasil e Emerim (2011) são contundentes ao afirmar: “Apenas com a teoria, sem prática, não se consegue aprender, de fato, a produzir telejornalismo”. Além disso, a reflexão e análise sobre o fazer prático e seus processos permitem também identificar diversos pontos de acertos, erros e alternativas nas diferentes etapas da produção do telejornal.

O projeto se iniciou com muitas dificuldades, especialmente de ordem estrutural e organizacional, que foram superadas ao longo das mais de 50 edições do programa. No entanto, o processo de aperfeiçoamento é contínuo, com novos membros se unindo à equipe todo ano e a identificação de novas estratégias para superar os desafios na produção do programa. Dentre elas, a retomada de processos de gestão integral

do projeto, como através da experiência com o Trello, e da organização das atividades e clareza em seus parâmetros, como no manual de orientações práticas, poderiam significar o fortalecimento da gestão do *Em Pauta TV*. Uma maior atenção ao preparo dos alunos antes de iniciarem suas atividades, através de exercícios e tutoriais, consequências ao descumprimento de tarefas, assim como o incentivo na participação dos estudantes em festivais e concursos com suas matérias, são práticas que poderiam incentivar a adesão ao projeto.

A constante reciclagem e autoanálise permitem que o projeto melhore sua qualidade e expanda sua atuação dentro do cenário acadêmico e até regional, tornando possível os planos para uma TV Universitária na UFPel ou a ampliação do escopo do programa. O alcance gerado pelo projeto na comunidade acadêmica e a evolução das habilidades audiovisuais e comunicacionais dos estudantes evidenciam a importância da extensão universitária. Essas consequências, em particular, demonstram o impacto da prática audiovisual na formação de estudantes de Jornalismo em futuros profissionais responsáveis por comunicar ideias e informações nas diversas plataformas e ao vasto público que o meio audiovisual oferece.

Referências

- LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 set. 2021.
- BRASIL, Antonio; EMERIM, Cárlica. Por um modelo de análise para os telejornais universitários. In: *Anais do Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios téóricos-metodológicos*, Salvador/BA, 2011. Disponível em: https://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf. Acesso em: 26 set. 2021.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. Editora Ática: São Paulo, 2010.
- MALKOWSKI, Thiago; BRASIL, Antonio; CAJAZEIRA, Paulo. As rotinas de produção de um telejornal universitário diário no Brasil. In: *Anais do 18º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Intercom, Caxias do Sul/RS, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0705-1.pdf>. Acesso em: 26 set. 2021
- PMI – Project Management Institute. *Um guia do conhecimento em gerenciamento de projetos* (Guia Pmbok). 5. ed. Pensilvânia: PMI, 2013.
- PMI – Project Management Institute. *Um guia do conhecimento em gerenciamento de projetos* (Guia Pmbok). 6. ed. Pensilvânia: PMI, 2017.
- PRÄKEL, David. *Iluminação*. Porto Alegre: Bookman, 2015.
- RABIGER, Michael. *Direção de cinema*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. *Produção audiovisual: estudos de mercado*. SEBRAE/ESPM, 2008. Disponível em: <http://bis.sebrae.com.br/bis/conteudoPublicacao.zhtml?id=2635>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- SEGER, Linda; WHETMORE, Edward. *Do roteiro para a tela*. São Paulo: Bossa Nova, 2009.
- SILVA, Diane et al. Aspectos comportamentais na gestão de projetos: uma análise bibliométrica (1988-2014). *Gestão & Produção*, v. 24, n. 1, p. 178-200, 2017.
- VENTURA, Magda. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Pedagogia Médica Revista da SOCERJ*, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

Em Pauta TV UFPel: uma análise dos bastidores do surgimento e da consolidação do programa a partir das memórias vivenciadas por um apresentador

William Machado da Silva

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo mostrar as rotinas do primeiro programa televisivo universitário da Universidade Federal de Pelotas, revisitando a sua construção nos anos de 2015 e 2016, bem como a sua consolidação no primeiro ano de exibição no canal TV Câmara Pelotas, de 2016 a 2017. Assim, pretende-se analisar como se iniciou a constituição, a montagem e a consolidação do produto audiovisual. Estuda-se como surgiu o *Em Pauta TV UFPel* pelo olhar do primeiro apresentador do informativo, mas também por uma análise de categorias representada pelas respostas das pessoas entrevistadas, com base nas respostas das coordenadoras do projeto, dos técnico-administrativos e dos(as) primeiros(as) apresentadores(as) ao seguinte questionamento: Como você analisa o primeiro ano do programa *Em Pauta TV UFPel*? Dessa forma, como referencial teórico utilizam-se Emerim (2010), Freitas (2007), Costa (2015) e Coutinho (2009). Partindo desses pressupostos, é realizada uma análise de dois programas: o de estreia e o último do primeiro ano de exibição.

Palavras-chave: Televisão. Audiovisual. Programa. UFPel. TV.

1 Introdução

O presente artigo tem o objetivo de apresentar e de contextualizar os bastidores do surgimento do programa *Em Pauta TV UFPel*, por meio da análise do primeiro e do último programa do ano de lançamento, exibidos em 1º de julho de 2016 e em 27 de junho de 2017, respectivamente. Nesse sentido, mostra-se como o pioneiro programa televisivo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), apresentando a consolidação do informativo acerca do cotidiano da comunidade acadêmica, tratando de pesquisa, ensino, extensão e outros assuntos relacionados à cidade e à região.

Adverte-se que o recorte temporal do objeto analisado neste artigo refere-se ao primeiro ano de exibição do programa na televisão. Entende-se que o período mencionado compreende o período estudado com início em julho de 2016 e término em junho de 2017 (somando 12 meses, equivalente a um ano).

Nesse ínterim, apresentam-se as principais dificuldades iniciais que orientaram o audiovisual. Logo, o trabalho busca dialogar junto aos autores Emerim (2010), Freitas (2007), Costa (2015) e Coutinho (2009), os quais dão subsídios para essa articulação acerca de desafios que circulam na produção televisiva. No que tange ao objetivo principal deste artigo, pretende-se analisar como se deu a constituição, a montagem e a consolidação do produto audiovisual, a partir do olhar de um jornalista egresso do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas e, também, o primeiro apresentador do programa.

Dessa forma, rememoram-se desde as primeiras reuniões até a primeira apresentação do informativo na grade de programação da televisão – na TV Câmara Pelotas – e as mídias sociais utilizadas no ano de 2016. Ainda, contempla-se o último programa apresentado no primeiro ano, mostrando as diferenças em relação à linha editorial desde a primeira aparição.

Quanto aos aspectos metodológicos, realiza-se uma análise categorial das manifestações dos principais agentes envolvidos na construção do informativo, por meio de entrevistas abertas, aplicando uma das fases propostas por Bardin (1977). Ressalta-se, pois, a importância de um programa audiovisual feito por docentes, técnico-administrativos e discentes em uma instituição federal de ensino superior.

Portanto, nos tópicos a seguir, apresentam-se a elucidação da narrativa audiovisual, contada pelos principais agentes do processo. Ao final, analisa-se a representatividade do programa para a equipe envolvida na edificação do *Em Pauta TV UFPel*.

2 Dos bastidores à montagem do programa televisivo

Antes de tudo, menciona-se que a Universidade Federal de Pelotas é uma das instituições de ensino superior do Brasil, localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, com diversas unidades nas cidades de Pelotas e Capão do Leão. A Reitoria da Universidade está sediada no Campus Porto (antigo frigorífico Anglo¹). Nesse local funcionam o Centro de Letras e Comunicação e o curso de Jornalismo.

Dessa forma, logo no início da oferta do curso de Jornalismo da UFPel, começou a publicação eletrônica do *Em Pauta*², um informativo com matérias escritas para o portal. Assim, em meados de 2015, um estudante do curso de Jornalismo do quinto semestre e então repórter

1 No local em que está o Campus Porto havia, em meados do século XX, o frigorífico Anglo, importante empreendimento às margens do Canal São Gonçalo e próximo ao Porto de Pelotas. Desativado nos anos 1990, seu espaço passou a ser utilizado pela Reitoria da UFPel em 2008. Anos depois, com a reforma de parte das edificações, diversos cursos foram instalados no local, popularmente conhecido como Campus Anglo.

2 O *Em Pauta UFPel*, a agência de notícias experimental do curso de Jornalismo, publicou sua primeira notícia em 2013 na versão *web* (<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/page/204/>), com a proposta de apresentar notícias da comunidade acadêmica e da região da cidade de Pelotas. A página está distribuída em diferentes sessões: *Podcast*, Geral, Cultura, Esporte, Meio Ambiente, Economia e Política, Crítica e Resenhas, opinião e o *Em Pauta Notícias* – por meio da Rádio Federal FM (<https://wp.ufpel.edu.br/federalfm/>) – em que são realizados boletins pelos estudantes do jornalismo.

na TV Câmara Pelotas apresenta a ideia de ampliar o sítio eletrônico já existente, no formato escrito e digital, para um programa televisivo.

Dessa forma, nos bastidores da redação da TV Câmara Pelotas, o acadêmico solicita uma reunião com o seu chefe, o jornalista Edson Luis Planella, para ajudar no processo de montagem de um programa televisivo na Universidade Federal de Pelotas. Em seguida, o estudante procura a coordenadora do curso de Jornalismo na época, a professora Michele Negrini, para verificar a viabilidade do projeto.

Prontamente, a professora apoia a ideia e, assim, é organizada outra reunião com o coordenador da TV Câmara para planejar como seria a transmissão no canal legislativo. Salienta-se que ao ser transmitido dentro de uma grade, entende-se que existe um público que consome determinadas informações produzidas nesse conteúdo (EMERIM, 2010).

Em seguida, o estudante convida para esse processo a colega de reportagem e estudante Caroline Lemos, também do curso de Jornalismo da Universidade, para se integrar ao grupo. Logo, realizadas essas reuniões, surge no papel o primeiro programa televisivo da UFPel, o *Em Pauta TV UFPel*, aproveitando o nome do veículo da *web* e acrescentando o TV UFPel, até mesmo para consolidação do curso na região. A partir daí, o acadêmico e a docente passam a se reunir e convocar os profissionais que ajudariam na execução do programa. Mostra-se aí que o estudo da televisão se torna relevante nos cursos de Jornalismo, à medida que detém o papel de informar uma sociedade (EMERIM, 2010).

O primeiro a ser convidado para essa empreitada foi o servidor André Luís Barcellos, que se propôs a ajudar na criação da vinheta ainda utilizada. O processo de sua elaboração de abertura levou aproximadamente um ano, sendo a parte mais demorada dessa construção, pois a entrada é composta por vários balões de pensamento criados um a um, em diferentes formatos, acompanhados da trilha. Assim,

(...) as funções básicas da vinheta, podemos afirmar que, em sua adaptação para a televisão, ela se manifesta nas aberturas dos programas, desempenhando a tarefa de enfeitar a figura já pré-estabelecida da atração a ser exibida, demarcando os intervalos comerciais e incrementando esteticamente o logo das emissoras, sobre o qual é aplicado uma animação ou efeito visual e sonoro (FREITAS, 2007, p. 76).

Demonstra-se aí que as vinhetas detêm uma importante tarefa de fazer o chamamento dos programas para que sejam atrativos, sendo capazes de prender a atenção do telespectador. Nesse sentido, começam as primeiras gravações aproximadamente um ano depois da primeira reunião, após uma greve dos docentes e dos técnico-administrativos.

No primeiro momento, não havia sido realizada a seleção de novos membros da equipe do projeto e apenas o estudante William Machado assume a apresentação e as reportagens, tendo como coordenadora a professora Michele Negrini, com o apoio dos servidores do audiovisual na época: nas filmagens Felipe Campal, na edição Gustavo Dalla Costa e no áudio Bruno Añaña.

Destarte, a primeira matéria realizada para o programa foi produzida em meados de junho de 2016 e tinha como entrevistada uma acadêmica ingressante no curso de Letras e a pró-reitora de assuntos estudantis, Ediane Acunha, a qual esclarecia as dúvidas da estudante sobre a instituição.

Percebe-se, pois, que a linha editorial acadêmica adotada pelo programa durante os anos seguintes foi no sentido de evidenciar o tripé que compõe uma universidade: a pesquisa, o ensino e a extensão. A professora Michele necessitou de afastamento para realizar pós-doutorado, ficando a coordenação do projeto a cargo da professora Marislei Ribeiro.

2.1 Do estúdio à primeira transmissão

Para caracterizar o estilo do programa, outro entrave foi a definição do local em que seriam realizadas as gravações das chamadas dos programas. Apesar de serem oferecidos os estúdios da TV Câmara Pelotas, decidiu-se que as mesmas seriam feitas dentro do espaço universitário.

Assim, o Memorial do Anglo, localizado no terceiro andar do bloco B, foi selecionado como local das gravações. Entretanto, no período de 2017, algumas delas foram realizadas no antigo estúdio da Universidade Católica de Pelotas (UCPel), no seu Campus II – prédio que atualmente integra as unidades da UFPel. Segue abaixo a Figura 1, ilustrando um *frame* do primeiro programa.



Figura 1 – O primeiro apresentador e o primeiro programa *Em Pauta UFPel*, indo ao ar pela TV Câmara Pelotas

Fonte: Arquivo pessoal.

Passados alguns meses sob a coordenação da professora Marislei, realizou-se uma seleção para novos membros da equipe que fariam

parte das reportagens dos programas. Assim, foram selecionados os estudantes Alisson Lopes, Ana Maria Fernandes, Laura Marques, Lauren Trindade, Naira Kahastamókia e Ingrid Machado. No dia 1º de julho de 2016, o primeiro programa foi ao ar pela TV Câmara Pelotas, sendo gravado quinzenalmente e com reprises na grade da emissora em horários alternativos.

3 O primeiro programa *Em Pauta TV UFPel*

Antes de tudo, ressalta-se a opção por descrever detalhadamente o primeiro programa para que o leitor possa apropriar-se do que foi apresentado no informativo. Ao dialogar com as memórias, perpassa-se pelo caminho percorrido por meio das imagens reveladas neste tópico, referente ao primeiro programa, e, também, no tópico 4, a seguir. As memórias, pois, detêm o papel de revelar, através do passado, o presente em que são reapresentadas as imagens ressignificadas no contexto social, por meio dos depoimentos (CASTRO, 2007).

O primeiro episódio exibido na grade de programação da TV Câmara Pelotas teve a duração de 12 minutos e 16 segundos. Além disso, também era utilizada a rede social *Facebook* para disponibilização da íntegra dos programas via *web*, ampliando-se o alcance da audiência por meio da internet – atualmente as transmissões na íntegra se dão através do mesmo canal de TV e pelo *YouTube*³, sendo disponibilizados apenas fragmentos no *Facebook*.

Nesse sentido, aduz-se Emerim (2010), segundo o qual a *web* ressignifica os processos comunicacionais, trazendo elementos que denotam a compreensão desse público cada vez mais exigente ao assistir o audiovisual. Assim, ainda nas palavras de Emerim (2010),

3 Durante o período de pandemia do novo coronavírus (covid-19), o programa está sendo disponibilizado em Drops de notícias com a apresentação dos estudantes em suas casas sob a revisão textual e de imagem das coordenadoras do projeto.

(...) a ideia de reportar – contar, relatar – reportagem define-se, de modo mais comum, como o resultado final de uma série de etapas da produção jornalística na televisão: pauta, apuração, produção (gravação e edição), exibição/apresentação, chamada também de matéria (EMERIM, 2010, p. 7-8).

Percebe-se que, ao longo dos programas gravados durante o primeiro ano, foram utilizados esses critérios ao levar a informação para o público. Assim, logo após a apresentação da vinheta elaborada pelos técnicos do audiovisual, com um estilo mais jovem e ao som de um *rock* mais acelerado, o apresentador saúda os telespectadores e apresenta-se anunciando que se trata do primeiro programa do informativo.

Percebe-se, também, que as primeiras gravações no estúdio montando no Memorial do Anglo, com o figurino do apresentador em cores escuras e cenário mais escuro, remetem a um perfil de um telejornal noturno. Notadamente, a escolha da cor para o figurino foi pensada para não chamar mais atenção do que a notícia (AQUINO, 2011). Entretanto, para redução dos ruídos e na falta de um estúdio próprio, aquele espaço mostrou-se como a melhor opção naquele momento.

Nessa época, não havia equipamentos suficientes, principalmente no que se refere à iluminação e à estrutura para o programa. Assim, observa-se, a partir dessa percepção, que entender televisão também passa por analisar o cenário e revelações intrínsecas junto às imagens (COSTA, 2015). A notícia é o foco principal, entretanto as questões técnicas são necessárias para que os conteúdos sejam transmitidos de forma atrativa aos telespectadores.

A proposta inicial foi mostrar grande parte dos acontecimentos acadêmicos da UFPel e no segundo bloco uma entrevista, como se fosse um “falso ao vivo”. Destarte, o projeto é registrado como um projeto de extensão dentro da Universidade Federal de Pelotas, em virtude do foco em ligar a UFPel à comunidade. Já no que se refere aos convidados, decidia-se em reunião de pauta, conforme sugestões de toda a

equipe. Assim, com antecedência e agendamento, realizavam-se as gravações das entrevistas. Ressalta-se que os primeiros entrevistados do informativo foram a então coordenadora professora Marislei Ribeiro e o então coordenador do curso Gilmar Hermes.

Nesse sentido, no programa em análise, o apresentador faz o chamamento da primeira reportagem intitulada “Atividades desenvolvidas na Escola Louis Braille”, realizada pela repórter Lauren Guedes Trindade. Apresenta-se nela um projeto de WebTV e WebRádio, realizado na instituição.

Na primeira entrada da matéria, Lauren realiza um boletim explicando o projeto desenvolvido na Escola Louis Braille, localizada no Centro de Pelotas/RS – a qual oferece apoio educacional a pessoas cegas e com baixa visão. Em seguida, em um *off*, ela continua explicando como funciona o sistema braille naquele ambiente. Destaca-se que o uso do termo “*off*” se refere ao momento em que as imagens são cobertas pelo texto falado pelo repórter, que não está aparecendo na imagem (NODARI, 2014).

Na sequência, a primeira entrevista é com uma senhora de baixa visão que explica o motivo de estar estudando na escola. Em seguida, a repórter continua explicando sobre o funcionamento da instituição, com imagens de apoio exibidas para o telespectador. Logo, mostra-se a sonora de uma professora da instituição explicando como se dá o funcionamento das oficinas no local.

Após, apresenta-se a diretora da escola na época, resgatando as suas memórias dentro da instituição, bem como mencionando a importância da participação da comunidade, professores e estudantes nas oficinas, referindo-se ao desenvolvimento das pessoas com deficiência visual e baixa visão.

Logo, o apresentador chama uma reportagem sobre duas palestras que abordaram os temas sobre “mídia alternativa, política e ética”. Na primeira matéria, realizada pelo apresentador, também é entrevistada

a professora de filosofia Marcia Tiburi, que aborda as questões relacionadas à ética, aludindo ao evento para o qual ela estava na cidade.

Na sequência é realizada uma passagem pela repórter Lauren Trindade, apresentando outra palestra realizada no curso de Jornalismo, que tinha como palestrantes os jornalistas Bibiano Girardi e Eduardo Menezes, os quais abordaram temas relacionados à mídia alternativa pelotense. Logo, percebe-se que há uma incessante busca por consumir os conteúdos locais e regionais, mostrando as suas realidades (EMERIM, 2010).

Ao voltar para o apresentador, a chamada é para matéria do repórter Alisson Lopes, intitulada “Espaço Ágape”, com o viés artístico. Logo no início percebe-se imagens de apoio acompanhadas de um *off* do repórter com uma trilha clássica, num estilo cultural.

Em seguida, uma professora que havia levado os seus estudantes para a exposição no espaço no Centro de Pelotas/RS relata a sua satisfação em poder dialogar com os seus alunos em sala de aula sobre o evento. Ainda, Alisson entrevista a coordenadora do espaço que manifesta a intenção de desenvolver mais projetos artísticos. Por último, exhibe-se a entrevista do artista expositor das obras. Ressalta-se que, ao longo de toda essa matéria, imagens de apoio foram mostradas e foi utilizada uma trilha sonora – *jazz* – em tom baixo, ao fundo, caracterizando o estilo cultural.

Na sequência, ao voltar para o estúdio, o apresentador faz a chamada para a matéria “Extensão na grade curricular dos cursos de graduação” e a repórter Ingrid D’Avila já apresenta em seu boletim a nova proposta da instituição. A entrevista realizada por ela é em um tom de conversa, com um bate-papo descontraído.

Em seguida, retorna-se para o apresentador, que finaliza a primeira parte e convida os telespectadores para o segundo e último bloco. Logo, o intuito da entrevista é realizar um “falso ao vivo”, dando um

sentido àquela transmissão de tempo real para que o telespectador se sinta consumindo uma notícia inédita (EMERIM, 2010).

Assim, propõe-se uma dinâmica maior ao programa com a comunidade acadêmica, sejam eles estudantes, técnico-administrativos, professores ou convidados externos à universidade. Antes de finalizar o bloco, o apresentador usa um bordão que se tornou marca registrada do programa: “Não sai daí, que a gente já volta”.

No primeiro programa decidiu-se convidar uma das coordenadoras do projeto, a professora Marislei Ribeiro, e o coordenador do curso, o professor Gilmar Hermes, que em uma conversa de caráter informal falaram sobre a importância do projeto na universidade.

Em seguida, o apresentador agradece a participação dos convidados e encerra o programa. Em síntese, a primeira exibição teve como objetivo principal colocar o programa no ar, mostrando como seria o ritmo e a linha editorial do informativo com base no tripé da Academia, voltado para o ensino, a pesquisa e a extensão.

4 O último programa do primeiro ano do *Em Pauta TV UFPel*

O último programa exibido ao completar o período de um ano de exibição do *Em Pauta TV UFPel* – no dia 23 de junho de 2017 – foi atípico. Trata-se de uma gravação em edição especial nos pavilhões da Feira Nacional do Doce – Fenadoce, tradicional feira de doces do Brasil, realizada anualmente em Pelotas/RS.

Assim, intitulada *Em Pauta – Fenadoce*, diferentemente do primeiro programa, a equipe já havia sido modificada e ao longo do tempo novos repórteres já integravam a equipe. Havia pouco tempo que a repórter Lauren Trindade havia deixado de ancorar ao lado do William e, naquela exibição, a repórter Roberta Pereira passa a apresentar junto as edições.

Logo, nessa abrangência de diferentes públicos, começa o programa com a duração de aproximadamente 17 minutos, gravado no Centro de Eventos da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Pelotas, no bairro Fragata, na zona Oeste da cidade. Após a vinheta de abertura, o apresentador saúda os telespectadores e anuncia que o programa está sendo gravado externamente. Outro ponto relevante a ser mencionado é a relação com o tempo disponibilizado para cada telejornal, pois ele será o foco central da narrativa audiovisual (COUTINHO, 2009).

Em seguida, a apresentadora Roberta chama a primeira matéria, que aborda as questões das tecnologias expostas na feira. Com o efeito de uma transição, entra o *off* da repórter Mariana Argoud na parte externa do evento, com apoio de imagens. Na sequência, sob a edição do técnico em audiovisual Vladi Vargas, aparece o entrevistado explicando como funciona esse espaço tecnológico, seguindo-se outro *off* com mais imagens.

Ao retornar ao estúdio, o apresentador William faz o chamamento para a segunda matéria do bloco, mostrando algumas das atrações que foram desenvolvidas ao longo da edição, com as imagens de Heitor Araújo e de Roberta Pereira. No término, retorna-se para a apresentadora, que chama uma matéria em tom de bate-papo com as soberanas da feira, com o viés de mostrar o figurino da Rainha e das Princesas da Fenadoce, em matéria realizada pela repórter Fernanda Winck.

Na sequência, volta-se ao estúdio e o apresentador chama uma matéria sobre a feira da agricultura familiar, com a repórter Lenise Slawski, seguida por um jogo de câmeras e o bordão. A repórter entrevista o representante da Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) e uma engenheira agrônoma, que explicam como funciona o projeto no evento, com cobertura de imagens, seguido de um *off*, com as imagens de Otávio Proença, com informações complementares da atividade. Nesse

sentido, percebe-se que há noticiários os quais não aprofundam as notícias, mantendo por vezes a superficialidade, ou mesmo informações incompletas, em face do tempo do programa (COUTINHO, 2009).

Já no estúdio, a apresentadora menciona a próxima matéria, que apresenta o tema da última edição daquele ano. Já com a repórter Bruna Gonçalves dentro do Pavilhão do Espaço do Doce, apresenta-se, em uma narrativa com apoio de imagens, a história das doceiras em Pelotas. Na sequência, aparece no vídeo o boletim sobre a matéria.

Seguido de *off*, com apoio de imagens, mostra-se uma sonora com uma das doceiras no local. Logo após, faz-se uma passagem direta da Biblioteca Pública, com sequência de imagens e entrevistas com os visitantes e a conselheira da CDL, e com imagens de Otávio Proença e de Heitor Araújo. Assim, retorna-se para o estúdio e o apresentador anuncia a entrevista do próximo bloco. Posteriormente, a apresentadora menciona o bordão do programa seguido por um jogo de câmeras.

Ao voltar do intervalo comercial, a sonora começa com o apresentador que chama a matéria “sobre a valorização dos artistas locais”, com a repórter Fernanda Botelho. Ela já aparece no vídeo com um boletim e uma convidada para realização de um *stand up*, mostrando um espaço em que acontece a exposição de artesanatos. Ao finalizar a sonora, Fernanda faz a chamada para a área externa do local, com o repórter Luis Otávio Schebek. Lembra-se que

[...] o *stand up*, caracterizado pela transmissão (gravada ou ao vivo) da notícia por um repórter diretamente onde ocorre o fato, enfatiza e valoriza o efeito da presença e da proximidade com o fato. A reportagem, por sua vez, a “mais completa e mais complexa forma de apresentação da notícia [...]” (LIMA, 2010, p. 59).

Dessa forma, o *stand up* torna-se uma importante ferramenta de dinamismo na sonora, no caso, utilizado pela repórter Fernanda Botelho. Em seguida, acontece a passagem para o repórter Otávio, que

aparece na frente de uma roda gigante e realiza o seu boletim explicando todas as atividades que acontecem na parte externa da feira do doce. Após, chama-se o apresentador, o qual já está com o conceituado diretor de teatro de Pelotas Flávio Dornelles, acompanhado das atrizes que, na animação, interpretam as doceiras da cidade.

Entende-se que, em uma perspectiva acadêmica, a seleção das imagens e seus tempos de inserção ditam o ritmo da produção audiovisual, assim, estabelecendo o que é noticiado (COUTINHO, 2009). Posteriormente, os dois apresentadores, William e Roberta, realizam a entrevista com um formato de *stand up*.

Em seguida, o apresentador vai conduzindo para a finalização da entrevista, agradece os telespectadores e a participação dos convidados, pedindo para que acessem as redes sociais do programa. Após as despedidas, entra a vinheta finalizando o *Em Pauta TV UFPel*.

Percebe-se, pois, que a linguagem utilizada nos textos com o enfoque na televisão é conduzida por narrativas variadas, nas diferentes plataformas que são utilizadas (EMERIM, 2010). Portanto, em síntese, a última edição do primeiro ano do programa teve como objetivo mostrar a consolidação do estilo de apresentação e de matérias disponibilizadas pela atração.

5 A análise dos programas selecionados

Primeiramente, salienta-se que qualquer programa em seu início passa por transformações e ressignificações. Notadamente, percebe-se que ao longo do primeiro ano na grade programação da TV Câmara Pelotas e na *web*, por meio do *Facebook*, utilizado no ano de 2016, demonstrou-se que houve aprimoramento das edições no que refere à construção audiovisual. Assim, entende-se pertinente analisar categoricamente o objeto de estudo, aplicando-se uma das fases da análise proposta por Bardin (1977).

Assim, metodologicamente pautou-se primeiro pela seleção de dois programas, sendo escolhido o pioneiro, em 2016, e o último do primeiro ano, em 2017, para que houvesse o confronto das ideias e das diferenças de cada um deles. Nesse sentido, como forma de complementação do trabalho, ouviram-se os participantes da gênese desse processo, convidando-os para responder a uma questão.

Essa metodologia é utilizada no desmembramento de ideias, para que os principais elementos que orientam os dois programas do *Em Pauta TV UFPel* apresentados, o primeiro informativo de julho de 2016 e o último do primeiro ano em junho 2017, possam ser investigados. Dessa forma, por meio de envio pelas redes sociais *Instagram* e *WhatsApp* para sete pessoas, em março de 2021, questionou-se: Como você analisa o primeiro ano do programa *Em Pauta TV UFPel*?

Elencam-se como respondentes os principais atores que construíram o primeiro informativo televisivo da Universidade: as coordenadoras do projeto, prof.^a dr.^a Michele Negrini e prof.^a dr.^a Marislei Ribeiro; os técnico-administrativos Gustavo Dalla Costa, Bruno Anã e Vladi Vargas; e as primeiras apresentadoras mulheres do programa, Lauren Trindade e Roberta Pereira, então acadêmicas de Jornalismo. Para análise das respostas ao questionamento acima, foram selecionadas as seguintes categorias: “técnicas audiovisuais”, “formação profissional” e “desenvolvimento e consolidação”. A respeito da categoria “técnicas audiovisuais”, veja-se Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 – Categoria “técnicas audiovisuais”

Participantes	Respostas
Bruno Añanã (Técnico em Audiovisual)	Tínhamos pouco equipamento disponível, espaços precaríssimos e improvisados
Vladi Vargas (Técnico em Audiovisual)	[...] trabalhávamos com uma estrutura extremamente enxuta, improvisávamos locações, mudávamos de cenário, usávamos apenas uma câmera e um microfone modelo “boom”. [...] optamos por utilizar uma câmera secundária, principalmente para alterar o enquadramento do entrevistado durante o quadro de entrevistas que continha o programa.
Gustavo Dalla Costa (Técnico em Audiovisual)	Entretanto o contrário, ou seja, uma mudança de percepção para melhor também é possível.
Lauren Guedes Trindade (Primeira apresentadora mulher do programa)	No primeiro ano do Programa eram muitas ideias surgindo, todos superenvolvidos para que desse certo e se solidificasse, servindo de base para os novos jornalistas que também estavam surgindo. [...] Desde a captura da imagem, depois a decupagem para identificar o que vamos utilizar para construir a reportagem.
Roberta Pereira (Segunda apresentadora mulher do programa)	[...] mas ainda precisávamos achar soluções técnicas para entregar um programa de qualidade e também achar a nossa identidade junto ao público.
Michele Negrini (Coordenadora do Projeto)	[...] os desafios foram muitos, desde o delineamento da linha editorial, até escolhas de questões estéticas e de cenário.
Marislei Ribeiro (Coordenadora do Projeto)	[...] pois não tínhamos equipamentos adequados, nem um estúdio para gravação do programa!

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na primeira categoria elencada acima, percebe-se na manifestação dos entrevistados que há uma unanimidade no que se refere às questões técnicas, ao cenário, aos equipamentos e ao próprio estúdio de gravação. Logo, nos processos audiovisuais, questões como essas são primordiais para o desenvolvimento de qualquer programa televisivo.

Destaca-se um trecho da entrevista de uma das coordenadoras, a professora Marislei Ribeiro: “[...] não tínhamos equipamentos adequados, nem um estúdio para gravação do programa!”. Evidencia-se que a utilização dos recursos técnicos audiovisuais se torna elemento fundamental na construção dos saberes, como forma de estratégia de romper com os modelos tradicionais de ensino (BONETTI, 2008). O Quadro 2, abaixo, apresenta as respostas dos entrevistados sobre a categoria “formação profissional”.

Quadro 2 – Categoria “formação profissional”

Participantes	Respostas
Bruno Añanã (Técnico em Audiovisual)	[...] acima de tudo, vontade de fazer material de boa qualidade.
Vladi Vargas (Técnico em Audiovisual)	Acredito que foi nesse momento que o <i>Em Pauta</i> passou a servir também como uma oficina para “garimpar” novos talentos. Dentre tantos que ali passaram. [...] Esse para mim é o projeto <i>Em Pauta</i> , uma convergência de ideias e esforços que promovem o aprendizado e a prática preparatória do discente do curso de Jornalismo da UFPel.
Gustavo Dalla Costa (Técnico em Audiovisual)	Essa etapa serviu para aperfeiçoar a dinâmica da equipe e adaptar a estrutura do curso.

Participantes	Respostas
Lauren Guedes Trindade (Primeira apresentadora mulher do programa)	Também fui bolsista do Projeto de Extensão com a função de atualizar o site e as redes sociais com reportagens e programas na íntegra. [...] Hoje, trabalhando em um Programa na Televisão aberta, posso dizer o quão importante é cada etapa para poder construir um programa que a gente tenha “vontade de assistir”, em um mundo onde as pessoas assistem cada vez menos televisão, já que os <i>smartphones</i> roubaram a cena. [...] Nada é fácil, temos que colocar “alma” em cada reportagem e assim teremos o diferencial. [...] Agradecida, sou filha de uma Universidade pública e de qualidade.
Roberta Pereira (Segunda apresentadora mulher do programa)	Nosso desafio era construir um programa de credibilidade e que falasse com os alunos e professores da UFPel, mas que também trouxesse a comunidade para perto da Universidade.
Marislei Ribeiro (Coordenadora do Projeto)	Precisávamos de um telejornal para a prática dos alunos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na categoria denominada formação profissional, apresentam-se elementos importantes na trajetória dos futuros profissionais, como a jornalista Lauren Trindade, que seguiu na televisão e é repórter de um canal aberto no estado do Rio Grande do Sul: “Hoje trabalhando em um Programa na Televisão aberta posso dizer o quão importante é cada etapa pra poder construir um programa que a gente tenha ‘vontade de assistir’”.

Outro exemplo constata-se na fala da jornalista Roberta Pereira, que hoje atua como chefe de comunicação na cidade de Canguçu/RS, destacando a importância de entender o público para o qual se está comunicando no programa: “Nosso desafio era construir um programa de credibilidade e que falasse com os alunos e professores da UFPel,

mas que também trouxesse a comunidade para perto da Universidade”. Mostra-se aí que, profissionalmente, entende-se ser relevante a formação técnica e teórica, como no caso da criação do programa *Em Pauta TV* (FIGARO, 2014). No Quadro 3 constam as respostas sobre a categoria “desenvolvimento e consolidação”.

Quadro 3 – Categoria “desenvolvimento e consolidação”

Participantes	Respostas
Roberta Pereira (Segunda apresentadora mulher do programa)	Para a equipe que passou por este período no <i>Em Pauta</i> , além de técnicas de televisão, posso dizer que aprendemos a trabalhar como equipe, encontrar soluções para os problemas mais inesperados, lidar com a pressão e a nossa própria cobrança pela excelência de nossos trabalhos.
Michele Negrini (Coordenadora do Projeto)	Integrar a equipe e trabalhar junto para o desenvolvimento do telejornal, procurando melhorar a cada dia. [...] Foi o ano de consolidação.
Marislei Ribeiro (Coordenadora do Projeto)	A parceria firmada com a TV Câmara, na época, foi fundamental para a continuidade do projeto.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa terceira categoria, as respostas das entrevistadas mostram o principal objetivo do projeto: promover a aplicação e o desenvolvimento de um telejornal na Universidade para corresponder aos anseios da comunidade acadêmica.

Nesse sentido, destaca-se o trecho da manifestação de uma das coordenadoras, a professora Michele Negrini: “integrar a equipe e trabalhar junto para o desenvolvimento do telejornal, procurando melhorar a cada dia. [...] Foi o ano de consolidação”. Assim, após o

primeiro ano, em que vários desafios se apresentaram, o programa consolida-se na Universidade e na programação da TV Câmara Pelotas (COUTINHO, 2009), continuando em exibição até o momento, inclusive por outras plataformas (*YouTube* e *Facebook*). A Figura 2, abaixo, mostra bastidores do programa.



Figura 2 – Equipe do *Em Pauta TV UFPel* – 2016 – Câmeras: Vladi Vargas e Gustavo Dalla Rosa. Boom: Bruno Añaña. Apresentadores: William Machado e Lauren Trindade. Imagem no segundo estúdio do programa, Campus II da UCPel.

Fonte: Arquivo pessoal.

A Figura 2, acima, mostra o cotidiano das gravações do programa. Na época, a apresentação contava com os apresentadores William Machado e Lauren Trindade, e pelo restante da equipe. Percebe-se na imagem que o programa já contava com mais equipamentos e estúdio, visto que já estava prestes a completar um ano de exibição. Dessa forma, este tópico de análise teve por objetivo confrontar por meio das categorias a construção inicial do programa pelos principais atores do processo.

6 Considerações finais

O presente artigo buscou dialogar sobre o nascimento do primeiro informativo televisivo da Universidade Federal de Pelotas, sob olhar do primeiro apresentador do *Em Pauta TV UFPel*. Na discussão, rememoraram-se momentos desde as primeiras reuniões junto à coordenação do projeto, bem como com os participantes do audiovisual.

Destarte, relatou-se em detalhes como se deu o primeiro programa do ano de 2016 e também o último programa do primeiro ano em 2017, buscando os elementos utilizados na construção de cenário, o figurino, a imagem e as matérias abordadas nos dois programas selecionados para análise, mostrando a evolução durante o período de um ano.

Nesse sentido, por meio de uma pergunta central, encaminhada aos principais atores do processo, o principal corpo da equipe, os respondentes mostram quais os papéis que o informativo teve na experiência e na formação discente – hoje profissionais da comunicação – docente e técnica, revelando a consonância nas ideias.

Portanto, a partir das três categorias – “técnicas audiovisuais”, “formação profissional” e “desenvolvimento e consolidação” – evidencia-se a urgência do curso ter o seu próprio programa televisivo para servir de apoio principalmente às disciplinas de Televisão, Telejornalismo I e II. Logo, desde o nascimento do *Em Pauta TV UFPel*, há uma mudança no perfil dos acadêmicos que optam pela área televisiva, mostrando para o mercado de trabalho que os estudantes da Universidade Federal de Pelotas são extremamente talentosos no vídeo, agregando valor à já reconhecida qualidade relacionada ao jornalismo da UFPel para meios de comunicação impressos.

Referências

AQUINO, Agda. Moda e telejornalismo: o papel do figurino na construção da imagem de credibilidade do jornalista de televisão. *Revista Temática*, João Pessoa, ano VII, n. 03, p. 1-82, mar. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/30346/16042>. Acesso em: 26 mar. 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 1977.

BONETTI, Marcelo de Carvalho. *A linguagem de vídeos e a natureza da aprendizagem*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) – Ensino de Ciências (Física, Química e Biologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81131/tde-13042015-153733/publico/Marcelo_de_Carvalho_Bonetti.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

CASTRO, Magali de. Memórias e trajetórias docentes: os bastidores de uma pesquisa. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, mar.-ago. 2007. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/10/Documento1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

COSTA, Vânia Maria Torres. Quando a imagem fala e o texto grita: reflexões sobre modos de narrar no jornalismo televisivo. *Culturas Midiáticas*, João Pessoa, v. 8, n. 2, p. 196-210, jul.-dez. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/27208/14509>. Acesso em: 23 mar. 2021.

COUTINHO; Iluska. Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). *Televisão e Realidade*. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/b3jpx/pdf/gomes-9788523208806-08.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

EMERIM, Cárilda. O texto na reportagem de televisão. In: *Anais do 33º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul*, Intercom, 2010. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0879-1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

FIGARO, Roseli. Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. *Revista Parágrafo*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 23-37, jul.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/download/231/261>. Acesso em: 27 mar. 2021.

FREITAS, Leonardo Fialho. A vinheta e sua evolução através da história: da origem do termo até a adaptação para os meios de comunicação. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do

Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4537>. Acesso em: 25 mar. 2021.

LIMA, Luisa Carvalho de Abreu e. Por uma gramática da reportagem: uma proposta de ensino em telejornalismo. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/3219/1/arquivo33_1.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

NODARI, Sandra. *Off* – O mal (des)necessário: a produção de reportagens sem locução. *Dito Efeito – Revista de Comunicação da UTFPR*, Curitiba, v. 5, n. 7, jul.-dez. 2014.

Rotinas do *Em Pauta TV UFPel* durante o período de ensino remoto

Julia Cristina Marques Vilas Boas
Talyssa Machado
Michele Negrini
Marislei Ribeiro

RESUMO

Com a necessidade do distanciamento social devido à pandemia do SARS-Cov-2, conhecido popularmente como coronavírus, a prática telejornalística e o ensino de telejornalismo precisaram de ressignificações. Por isso, o objetivo deste artigo é explicar, demonstrar e comparar o trabalho feito no projeto de extensão *Em Pauta TV UFPel* antes e durante a pandemia de covid-19. Também é importante ressaltar que o telejornal universitário é o local em que o estudante pode realizar novos experimentos de reportagem e que o trabalho remoto exige constante habilidade de reinvenção por parte de todos os envolvidos no processo.

Palavras-chave: *Em Pauta*. Telejornalismo universitário. Ensino de telejornalismo. Telejornalismo em meio ao coronavírus.

1 Introdução

Este artigo tem como foco fazer um relato das rotinas realizadas no projeto *TV UFPel Em Pauta* em meio ao contexto da pandemia do coronavírus e compará-las com as atividades desempenhadas antes da pandemia. Além disso, objetiva refletir sobre as ressignificações no telejornalismo imprimidas pelo contexto de coronavírus.

O projeto *TV UFPel Em Pauta* começou a ser executado no ano de 2016, no âmbito da Universidade Federal de Pelotas, e tem como principal produção o telejornal *Em Pauta TV*, que foi planejado para ser um telejornal quinzenal, produzido pelos alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. O projeto é voltado a levar assuntos relevantes da UFPel até a comunidade pelotense através da divulgação de notícias, reportagens e entrevistas televisivas.

Como a UFPel não possui um canal de televisão, o programa é apresentado na TV Câmara de Pelotas e nas redes sociais. A periodicidade é quinzenal e o delineamento de cada edição conta com o apoio de quatro técnico-administrativos, de duas professoras do curso de jornalismo e de um aluno bolsista. Há, também, voluntários que dão suporte ao desenvolvimento do telejornal.

No ano de 2020, o *Em Pauta* teve adaptações nas condições e nas rotinas de trabalho em meio à pandemia de covid-19. As etapas de produção, como reuniões, pesquisas, entrevistas e edição de conteúdo passaram a ser realizadas de forma remota. O formato do programa também foi modificado, pensando na segurança da equipe e, também, nas possibilidades de cumprimento das recomendações das autoridades em saúde. Passou-se a utilizar o formato Drops, com produção feita de forma remota, com estilo mais informal e buscando mais proximidade com o público. Passaram a ser produzidos três Drops por semana, com veiculação nas redes sociais do projeto. A continuação do projeto, mesmo em um ano de pandemia, foi fundamental para a manutenção de um espaço de práticas telejornalísticas aos alunos do curso de Jornalismo da UFPel.

As rotinas produtivas do *Em Pauta* em tempos de pandemia foram totalmente desempenhadas de forma remota, o que trouxe muitos desafios, reflexões e novos significados para a equipe. As atividades foram respaldadas na possibilidade de divisão de tarefas entre a equipe e, também, na cooperação de todos. Essa separação de tarefas é feita

para que cada etapa de uma produção telejornalística seja desenvolvida e para que o aluno se sinta seguro em realizar as práticas quando não for mais necessário o isolamento social. Como afirma Paulo Freire, em sua obra *Ação cultural para liberdade e outros escritos*,

[...] ninguém pode se inserir no processo de transformar sem ter, no mínimo, uma base inicial de conhecimento para começar. É um movimento dialéctico porque, de um lado, o indivíduo conhece porque pratica e, para praticar ele precisa conhecer um pouco (FREIRE, 1987, p.265).

Por fim, vale ressaltar a significação que as redes sociais assumiram para o *Em Pauta TV*. Mesmo que o foco deste projeto seja a realização de um telejornal em período de pandemia, a mudança principal do formato direcionou as práticas telejornalísticas para a divulgação na *web*. Com a publicação dos conteúdos telejornalísticos nas redes sociais, a sua difusão é mais ampla e atinge um público maior. Além disso, os conteúdos ficam armazenados e podem ser acessados em datas futuras por alunos e professores, ocorrendo a possibilidade de rever falhas, evoluções e experimentações que foram realizadas dentro do ambiente acadêmico.

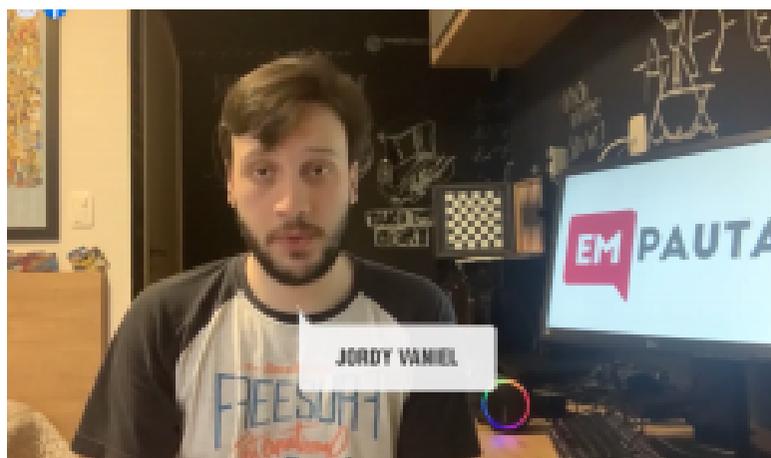


Figura 1 – Jordy Vaniel apresentando o quadro Minuto Cultural, parte da programação remota do *Em Pauta TV*

Fonte: Reprodução, *Em Pauta TV*.



Figura 2 – Gabriele Brittes – repórter do Drops *Em Pauta*, programa principal do período remoto do *Em Pauta TV*

Fonte: Reprodução, *Em Pauta TV*.

Para termos mais respaldo para analisarmos o *Em Pauta*, faz-se primordial apresentar algumas reflexões sobre o telejornalismo universitário e suas características.

2 Telejornalismo universitário

A produção de telejornais universitários vai além da oportunidade de práticas telejornalísticas a acadêmicos de jornalismo das instituições de ensino superior; mostra-se como um espaço voltado à formação de cidadãos engajados com a sociedade e direcionados ao desenvolvimento social como um todo. Para falarmos de telejornais produzidos no âmbito das universidades, cabe convocar as ponderações de Lopes:

(...) um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional (LOPES, 1989, p.50).

Negrini e Roos (2017) apontam que algumas ações no desenvolvimento dos telejornais universitários na seara das instituições de ensino superior possibilitam mudanças no cenário do ensino de telejornalismo. Tais produções podem ser vistas como espaço de aprendizado significativo na vida dos acadêmicos. Sobre a importância dos telejornais universitários na formação dos futuros jornalistas, Negrini e Roos assinalam que

Os telejornais universitários são fundamentais no contexto do ensino de telejornalismo. Eles são ambientes privilegiados de aprendizado acerca das práticas do jornalismo de televisão e de vivência das rotinas cotidianas de uma redação de TV. A formação de um jornalista de TV precisa ir muito além dos espaços teóricos de sala de aula. Faz-se fundamental a conformação entre as rotinas teóricas e as práticas, que têm naturezas complementares (NEGRINI, ROOS, 2017, p. 69).

Cabe apontar também a pertinência do pensamento de Caravetta (2009) quando fala sobre a importância de interação teoria e prática na formação de um profissional de televisão, pois ao mesmo tempo em que a teoria dá bases sobre o suporte televisivo e sobre os modos de fazer para a TV, a prática dá mais respaldo sobre o trabalho cotidiano e dá oportunidade de simulação de uma redação. A autora ainda aponta: “Se, por um lado, as disciplinas teóricas embasam o conhecimento sobre o fazer televisivo, por outro as práticas desenvolvem as competências técnicas e as habilidades que possibilitam os exercícios de produção” (CARRAVETTA, 2009, p.11).

Brasil e Emerim assinalam: “A formação do jornalista televisivo deve ser levada a sério, visto a importância que estes profissionais tendem a assumir na vida social quando se inserem no mercado de trabalho” (BRASIL e EMERIM, 2011, p. 4). As palavras dos autores remetem para a importância do jornalismo universitário e dão bases para pensarmos no trabalho no *Em Pauta TV* em tempos de atividades

remotas, que serve como um espaço de práticas telejornalísticas e como um meio de levar ações da UFPel, em relação ao coronavírus, para a comunidade em geral. Ainda de acordo com o pensamento de Brasil e Emerim (2011), a concretização de prática telejornalística universitária é específica e onerosa, requerendo espaço físico e laboratorial, além de equipamentos e trabalho técnico. As ponderações dos dois autores nos remetem à complexidade de concretização do processo de produção de um telejornal universitário. E, em tempos de pandemia, o acesso dos acadêmicos ao espaço universitário ficou restrito e a prática desses telejornais precisou ser desenvolvida de forma remota, necessitando de reconfigurações. No caso do *Em Pauta TV*, ele perdeu o seu formato hegemônico e passou a ser efetivado em formato de pequenos Drops.

3 Telejornalismo universitário em tempos de pandemia

Conforme mencionado, o telejornalismo universitário tem papel precípuo como espaço complementar às discussões teóricas realizadas em sala de aula, no âmbito das disciplinas de telejornalismo, nos cursos de jornalismo das universidades. No caso da UFPel, o *Em Pauta* se mostra como um local de divulgação das produções realizadas nas aulas de telejornalismo e, também, como um meio para que alunos voluntários possam se integrar mais às rotinas televisivas. Na pandemia, como ocorreu com a prática jornalística, o *Em Pauta* precisou ser ressignificado e as atividades passaram a ser desenvolvidas longe do espaço físico da Universidade.

Em um contexto de pandemia mundial, diversas atividades tiveram suas rotinas mudadas. Nessa seara, é possível visualizar as práticas jornalísticas e, especialmente, o telejornalismo, que tem a imagem como elemento essencial em sua tessitura. Negrini e Dalmaso refletem sobre as mudanças jornalísticas impostas pela pandemia.

As mudanças do cotidiano em razão do coronavírus atingiram a todos, de diferentes formas. Como instituição integrante da sociedade, o jornalismo profissional também foi afetado e se obrigou a alterar práticas, condutas e comportamentos. No telejornalismo, as rotinas produtivas foram amplamente ressignificadas, sempre em busca do cuidado com a saúde da equipe de redação e, também, dos entrevistados (NEGRINI, DALMASO, 2020, p. 2).

A pandemia e os cuidados com a saúde, tanto de jornalistas como das fontes, imprimiram novas formas de agir diante do cotidiano de produção telejornalística. Negrini e Roos assinalam que

o contexto contemporâneo nos impõe mais uma situação que exige rápida adaptação, inclusive, nas práticas que envolvem o telejornalismo e o ensino dele. A pandemia do coronavírus trouxe uma nova realidade, sobretudo às práticas de produção de imagens, contato com as fontes, formas de entrevistar e isso vem ressignificando o fazer (tele)jornalístico e o olhar do telespectador sobre as notícias de TV (NEGRINI, ROOS, 2020, p. 1).

As redações se viram diante da necessidade de mudanças rápidas e efetivas. O site Coletiva.Net, em texto publicado no dia 14 de abril de 2020, trouxe para os leitores informações sobre as transformações realizadas no contexto de emissoras de TV do estado do Rio Grande do Sul, em tempos de pandemia. A reportagem apresentou relatos de pessoas ligadas às emissoras gaúchas e explanou sobre as adaptações realizadas no telejornalismo do estado. Apesar do site se focar nas TVs do RS, as informações são válidas para abordarmos o telejornalismo de forma geral.

Na matéria, o gerente de jornalismo do SBT RS, Danilo Teixeira, assinala que estamos diante de uma nova forma de fazer televisão e que são imprescindíveis as adaptações cotidianas, que afetam funcionários, formatos e o conteúdo exibido. Ele ainda destaca a redução do time presencial das redações e

o uso de máscara por repórteres e equipe. O diretor de Jornalismo da RBS TV, Cezar Freitas, aponta, na reportagem, a diminuição dos trabalhos em âmbito de rua e a preocupação com os entrevistados. Ele assinala que muitas reportagens estão sendo operacionalizadas pelos repórteres em suas próprias casas, com a realização de entrevistas através da internet, utilizando plataformas on-line. E, no caso de o encontro do repórter com a fonte ser imprescindível, estão sendo utilizados recursos como o uso de dois microfones, um para o entrevistador outro para o entrevistado (NEGRINI, DALMASO, 2020, p.6-7).

As informações da reportagem direcionam os olhares para a visualização de mudanças em diversas perspectivas, como a forma de contato com as fontes, que passou, na maioria dos casos, a ser realizada de forma remota; constantes cuidados com a higienização de equipamentos; uso de equipamentos de proteção por parte das equipes; nas entrevistas feitas na rua, uso de um microfone com o repórter e outro com o entrevistado. Cabe salientar também que muitos jornalistas e comentaristas passaram a fazer suas apresentações de casa. Nesse âmbito, vale exemplificar que no Jornal do Almoço, transmitido pela RBS TV, um ano depois do início da pandemia, alguns comentaristas ainda estão fazendo trabalho remoto.

No contexto de pandemia, cabe apontar a visualização de imagens com menor qualidade na TV. Muitas imagens mandadas por espectadores acabam sendo levadas ao ar e até mesmo as imagens das sonoras, feitas pelos próprios entrevistados, fogem aos padrões normalmente vistos no telejornalismo. No *Em Pauta TV* não foi diferente, as dificuldades encontradas por alunos e professores no trabalho remoto foram diversas e as transformações foram muitas. Assim, vamos apresentar pontos importantes do *Em Pauta* em tempos normais e fazer uma comparação com as formas assumidas em tempos pandêmicos.

4 Metodologia

Para dar conta dos objetivos e dos procedimentos, primeiramente a metodologia acionada foi uma pesquisa qualitativa. Conforme Minayo, ela trabalha com um universo de significados, crenças, valores e atitudes, respondendo questões muito particulares. Desse modo, a pesquisa qualitativa não pode ser reduzida “à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 22).

Para obter resultados mais socialmente relevantes, visto que se trata de um telejornal universitário, estruturado e organizado totalmente de forma remota em 2020, devido à pandemia do novo coronavírus, também foi utilizado a pesquisa participante. Conforme Gil, a pesquisa participante se caracteriza pelo “envolvimentos dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa” (GIL, 1999, p. 47). Nesse sentido, não são adotados os princípios da pesquisa científica.

A partir dessa base, como este trabalho reflete as experiências das autoras desse artigo, que estiveram presentes em duas fases do projeto, antes e durante a pandemia, no que tange aos desafios de produzir reportagem telejornalística, não tendo a estrutura necessária, outro exemplo de pesquisado adotado foi a experimental. Para Gil (1999), pode ser identificado diferentes tipos de delineamento experimental. No caso, na produção das reportagens, os grupos envolvidos possuem características semelhantes, sendo adotados ajustes, conforme o perfil de cada um. Assim, para desenvolver este estudo, primeiramente será realizada a descrição das experiências das autoras como bolsistas do projeto de extensão, antes e depois da pandemia.

O *Em Pauta TV*, no formato tradicional, era totalmente presencial. Os alunos utilizavam equipamentos que fazem parte do laboratório audiovisual, como computadores, câmeras, tripés e gravadores, por exemplo. Além de realizar as etapas de edição e gravação nesse espaço disponibilizado para os alunos do jornalismo, os técnicos que ocupam o espaço auxiliavam na prática a qualquer aluno que tivesse dúvidas sobre

os processos de produção. A equipe saía a campo para captar imagens, gravar entrevistas e procurar lugares pelo Campus Anglo, onde está o curso de Jornalismo, vinculado ao Centro de Letras e Comunicação, para realizar as gravações dos programas quinzenais, que em tempos de pandemia foram cancelados.

Com o novo formato Drops, o *Em Pauta TV* é realizado totalmente de forma remota, para a segurança dos alunos, bolsistas e docentes envolvidos no projeto. Para garantir um cronograma atualizado, as reuniões ocorrem através da plataforma de Webconferências da UFPel. Por videochamada, semanalmente, toda a equipe discute as pautas que serão produzidas ao longo das semanas seguintes e, assim, é organizado o que cada membro do projeto irá produzir durante o período determinado na reunião.

Após cada tarefa ser direcionada, os alunos buscam informações e fontes por meio de plataformas digitais. As entrevistas também são realizadas por videochamadas ou por gravação feita pela fonte, por meio do próprio *smartphone*. Nesse último caso, o vídeo gravado é encaminhado de forma digital para o aluno responsável pela entrevista.

Na atividade voltada para a construção da reportagem, após reunir todos os materiais necessários para a produção, os alunos selecionam as falas e informações que são relevantes para a montagem do material e, com isso, é feita a lauda, texto escrito para estruturar o esqueleto da reportagem. Após a finalização da lauda¹, essa é corrigida por uma das docentes coordenadoras do projeto e, após a correção, o aluno dá seguimento ao trabalho. Após esse processo, é realizada a edição, uma das últimas atividades realizadas antes do fechamento da matéria. É nessa parte que o aluno faz o recorte final do que irá para a

1 Segundo o site Casa dos Focas (online): “**Lauda:** é a página usada pelo jornalista para escrever e fazer marcações técnicas”.

reportagem, e também encaixa o texto da lauda em formato *off*², pelo qual o aluno transforma o texto em áudio, para ser encaixado com as entrevistas realizadas sobre o assunto.

Logo após a edição, a matéria é finalizada e entregue ao bolsista encarregado de revisar o material e publicar nas redes sociais do *Em Pauta TV*. A proposta do conteúdo em formato Drops é informar, de forma direta e acessível ao público que acompanha o projeto, sempre com o objetivo de ressaltar as atividades e o cotidiano da Universidade Federal de Pelotas para a comunidade acadêmica e para a comunidade de Pelotas e região. Mesmo com a reconfiguração do formato telejornalístico em meio à pandemia, Negrini e Roos confirmam que

A presença de materiais provindos de vídeos amadores se mostra como uma alternativa na ausência do registro profissional de um fato e aponta para a existência de tensionamentos nas lógicas referenciais de composição do telejornal de referência. Mas, o uso destes materiais não pode comprometer a qualidade da reportagem e diminuir as possibilidades de entendimento do conteúdo por parte do público. Isso precisa ser refletido no âmbito universitário e em sala de aula quando se trata do ensino de telejornalismo. Não há uma receita de como compor uma reportagem, mas há parâmetros que precisam ser seguidos (NEGRINI, ROOS, 2020, p.5).

Tendo já descrito o formato de realização deste projeto de extensão em tempos normais e em tempos de pandemia, seguiremos para a discussão e comparação entre as práticas de aprendizagem presenciais e remotas, analisando suas diferenças, pontos positivos e negativos de cada modalidade. Tomando sempre como parâmetro os segmentos necessários para que haja o pleno entendimento do conteúdo que está sendo noticiado pelo repórter, mesmo com a utilização de materiais alternativos (NEGRINI, ROOS, 2020).

²² “A fala do repórter acontece em *off*, quando a voz está ilustrada com imagens, e em passagens, quando a figura do repórter está na tela” (CARVALHO, 2010, p.45).

Levando-se em conta o formato atual do programa, buscou-se utilizar todos os recursos tecnológicos disponíveis, tais como dispositivos móveis e plataformas digitais, sempre buscando, como princípio, realizar uma produção jornalística de forma ética e responsável. Vale destacar que a união de toda equipe, mais uma programação educativa, informativa e temática, permitiu o incentivo e a reflexão de todos os participantes.

5 As experiências pioneiras do *Drops Em Pauta TV*

Nesta terceira parte do presente artigo, serão discutidos desafios gerais e específicos para as atividades remotas do telejornalismo, em especial o *Em Pauta TV*, como telejornal universitário, que está passando por grandes reformulações. Antes de dar início às comparações, deve-se deixar explícito que as mudanças no formato do programa foram feitas sempre pensando na máxima autonomia possível para que o aluno pudesse realizar a atividade em casa. Dessa forma, algumas ações, blocos e modalidades de reportagem tiveram de ser extintas, como, por exemplo, os programas tiveram que deixar de ser legendados durante a edição, e quadros de entrevistas deixaram de existir, uma vez que sem os técnicos do laboratório seria de imensa dificuldade a realização. A explicação para que essas práticas tenham sido temporariamente extintas é que seria muito trabalhoso para aqueles que se encarregam de editar ter que fazer legendas e sincronizá-las, já que todos editam as reportagens com o auxílio da bolsista. Porém, o *Facebook* - ferramenta que está sendo mais utilizada para a postagem das reportagens - possui ferramenta de legenda automática, que está substituindo a ausência dessas. Sobre os quadros de entrevistas, foram temporariamente descartados devido à possibilidade de instabilidade de conexão, ou do repórter ou do entrevistado, podendo prejudicar o entendimento do conteúdo pelo espectador.

Para dar continuidade ao projeto *Em Pauta TV*, diferentes aspectos foram reformulados e adaptados para garantir a produção de conteúdo durante o período de pandemia da covid-19. Desde o ano de criação do projeto até o ano de 2019, o formato do *Em Pauta TV* era voltado para a realização de programas quinzenais produzidos por alunos voluntários e bolsistas de forma presencial. O cronograma para discutir o andamento do projeto era realizado em reuniões presenciais, em que as tarefas eram divididas entre os alunos presentes. Após definir as pautas, os alunos saíam a campo para buscar informações, realizar entrevistas, captar imagens de apoio. As atividades de finalização das matérias eram todas feitas no laboratório audiovisual.

Depois das novas ressignificações do projeto, todas as atividades destacadas no parágrafo acima são realizadas de forma remota, através da internet e de plataformas que permitem a produção e captação do conteúdo que é disponibilizado de forma online. Mesmo com a variedade de plataformas para efetuar as gravações necessárias, a falta de alguns aspectos habituais do telejornalismo aumentam a dificuldade de produção. Os alunos que compõem a equipe do projeto passam por novas experiências, que antes da pandemia do Novo Coronavírus não eram exploradas. O que era ensinado em aula sobre as práticas de telejornalismo agora é ampliado para diferentes técnicas. Os novos formatos de produção eram pouco explorados ou usados apenas em casos específicos, quando a entrevista precisava ser realizada com uma pessoa que mora em outro país, por exemplo. No modo virtual, os alunos buscam explorar meios para dar seguimento a uma produção de qualidade. Mesmo com o suporte de ferramentas online de videochamadas e gravador de tela, equipamentos como câmera, tripé, microfone e gravador, por exemplo, fazem falta na rotina de produção remota. Esses equipamentos são fundamentais na hora de produzir o material necessário para a montagem da matéria.

Outro ponto em questão se encontra no momento da captação de imagens pela internet ou ajustes necessários para garantir a qualidade do material. Nesses casos, são necessárias plataformas virtuais para realizar a captação e os ajustes. Os alunos precisam testar e entender quais melhores métodos funcionam em relação à demanda do material coletado. Outra ferramenta que armazena imagens antigas, e que é utilizada pelos alunos, é o banco de arquivos do *Em Pauta TV*, que auxilia na utilização de imagens de apoio para as reportagens. Além de não ser possível dispor dos equipamentos adequados para realizar as etapas de produção audiovisual, utilizar com potencial os equipamentos disponíveis em casa é um desafio para quem pratica a arte do telejornalismo.

6 Como driblar a falta de imagens?

Em 2010, no livro *Os Televisionários*, de Walmor Bergesch, o autor já chamava atenção para a captação de cenas através do celular por telespectadores. Na época, essa prática era totalmente nova no conceito jornalístico de produção de imagens. Mesmo apresentando uma estética inferior a de uma captação profissional realizada por cinegrafistas, a prática não desmerece o conteúdo.

Esse tipo de formato cria uma conexão maior entre quem produz o telejornal e o telespectador, o que resulta em uma troca de informações atualizadas de fatos que, muitas vezes, não têm o alcance imediato do profissional da área de telejornalismo, facilitando a agilidade do acesso à informação (BERGESCH, 2010). Outro ponto interessante nessa prática é que pouco antes da pandemia já se observava o uso de imagens feitas através do celular por telejornais de referência, como, por exemplo, pela RBS TV, na qual foi possível observar repórteres utilizando o formato de *selfie*. No *Em Pauta TV*, algumas filmagens do formato Drops foram feitas da mesma forma, porém as motivações que levaram os repórteres do projeto a gravarem desse modo ficam por conta da falta de um tripé, por exemplo, ou pelo repórter não estar

em um local adequado para gravação, como pode ser evidenciado na figura 4.

Uma das consequências negativas da atividade remota do telejornalismo universitário no *Em Pauta TV* é a falta de imagens de apoio, recurso muito utilizado para cobrir *offs* em reportagens jornalísticas, que acaba por ser mais complicado de realizar a captação durante as atividades remotas, uma vez que gravar imagens em casa ou em lugares públicos, em meio à pandemia, é limitado e, muitas vezes, inviável. Dessa forma, muitos dos alunos resolveram usar imagens de sites e páginas de fontes oficiais como saída para esse problema, evitando que a reportagem fique cansativa e com pouca diversidade de imagens (Figura 5). O uso dessas imagens dá base para comprovar a veracidade da informação, já que o conteúdo da fonte oficial está disponível no ciberespaço para que todos tenham acesso.

Essa é uma forma interessante que os repórteres encontraram para vencer esse obstáculo, porém pode-se analisar a importância desse movimento não apenas para a dinâmica da reportagem, mas também para informar o espectador de onde vem a informação, elevando a credibilidade do jornalista em formação para com o público. Um facilitador dessa prática acontece uma vez que as informações publicadas por fontes oficiais, tais como sites governamentais, perfis em redes sociais de pessoas públicas ou instituições socialmente representativas ficam gravadas e podem ter livre acesso, tanto pelos jornalistas quanto pelo público leigo (LEITE, PEREIRA, 2019).

No artigo intitulado *Fontes do Ciberespaço na Produção Jornalística*, as autoras Silvia Leite e Julia Pereira destacam que a consulta do jornalista, ao pesquisar um portal de notícias, é diferente de um leigo.

Se com a Internet todos podem publicar e consultar diferentes conteúdos, entende-se que o diferencial do jornalismo está no processo de produção da informação, o que contempla saber trabalhar com as fontes a partir de uma perspectiva

técnica e ética. Junto a isso, são apresentados ao jornalismo diferentes elementos que possibilitam examinar as informações mais variadas. Destaca-se que essas informações estão em constante transformação, pois podem ser editadas e seu conteúdo atualizado, complementado ou alterado (LEITE, PEREIRA, 2019, p.114).

Sendo assim, é notável a diferença entre a apuração de um jornalista (ou estudante de jornalismo) para uma pessoa leiga na área, sendo essencial o exercício prático de apuração e busca de fontes durante a formação de um profissional do jornalismo. E, portanto, a construção de elementos que compõe a fonte, o assunto e sua relevância é de extrema importância, pois, quando uma composição de áudio é complementada por uma composição de imagens, a demonstração das palavras que se ouve no áudio é muito melhor, uma vez que a utilização dessas imagens auxilia na interpretação de signos, se pensarmos em análises semióticas (PEIRCE apud CHIACHIRI, 2004).



Figura 3 – Julia Vilas Boas - Repórter e bolsista do projeto, utilizando um enquadramento típico de redes sociais para reportagem.

Fonte: Reprodução, *Em Pauta TV*.

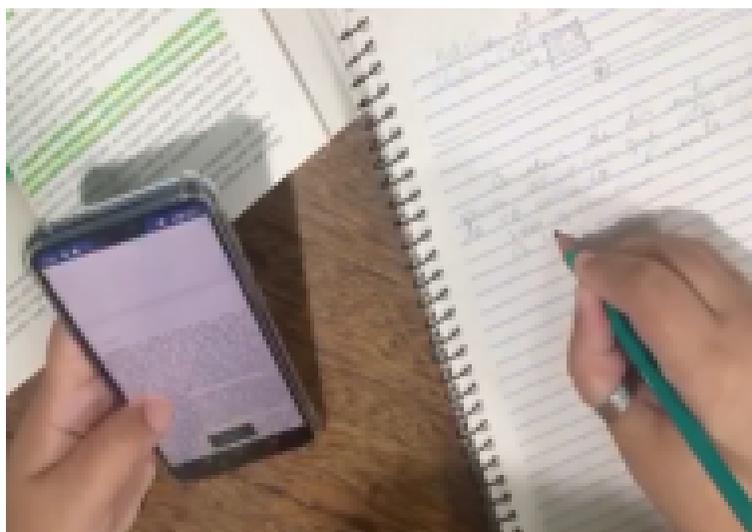


Figura 4 – Gravação de imagem de apoio feita com as mãos de uma das repórteres para ilustrar um *off*

Fonte: Reprodução, *Em Pauta TV*.

7 Em tempos de pandemia, como conciliar afazeres com as responsabilidades do projeto?

Além das mudanças necessárias no ambiente de trabalho, nas escolas e universidades, a rotina das pessoas em casa mudou radicalmente. Antes da pandemia, as pessoas passavam pouco tempo em casa ou até mesmo iam apenas para descansar; agora transformou-se no local de trabalho e estudos. Com a pandemia, o distanciamento social é essencial para garantir a segurança diante de um vírus ainda pouco conhecido. Realizar tarefas em casa, que normalmente são efetuadas em locais direcionados para isso, gera uma maior demanda de espaço e tempo para quem precisa praticar *home office*.

Mesmo no conforto de casa, a carga produtiva aumenta por conta das atividades que precisam ser concluídas em todas as áreas em que cada aluno atua, mesmo como estudante de uma universidade, como estagiário de uma empresa e, principalmente, como um aluno que desempenha afazeres pessoais em sua rotina. Para desempenhar todas

as funções dentro do prazo, os alunos que participam do *Em Pauta TV* dividem pautas entre duplas ou grupos para que cada um execute as tarefas de modo compartilhado. Com isso, os integrantes do projeto dividem etapas como marcar e realizar entrevistas com as fontes, captar e selecionar o material necessário para a reportagem, gravar *offs* e passagens e editar o material coletado por meio de programas de edição. Com as tarefas divididas, os alunos conseguem produzir um material de qualidade, mesmo com os obstáculos de trabalhar os conteúdos em casa.

8 Considerações finais

Após todo o processo de remodelar o projeto *Em Pauta TV* e recolocá-lo em prática, notou-se que, mesmo diante das dificuldades encontradas, a equipe esteve disposta a produzir e testar novos formatos para dar continuidade ao projeto. Mesmo com a falta de equipamentos adequados para realizar captação de imagens e sons, os alunos colocaram-se à prova para buscar novos meios de produção e inovação de técnicas e práticas diferentes, como forma de manter, mesmo que sem a duração de tempo, uma prática semelhante ao presencial.

Também é notório o empenho da equipe para organizar o grupo de alunos, cuidando prazos e cronogramas. É importante a ressalva de que, mesmo com tantas vitórias na prática remota, a prioridade do projeto é voltar para a rotina presencial, podendo praticar o mais próximo possível do jornalismo profissional, ético e com qualidade.

É necessário utilizar este espaço para exaltar a Universidade Federal de Pelotas que, através dos servidores públicos, técnicos e professores que compõem a instituição, busca diferentes formas para auxiliar os alunos quando necessário, mesmo em tempos difíceis. A instituição buscou sanar as dificuldades e promover aos discentes em geral, e também aos participantes do projeto *Em Pauta TV*, opções

alternativas de ensino para que fosse permitida a escolha e atendida a necessidade de cada estudante em formação.

Dentro desse contexto, acredita-se que as experiências do *Em Pauta TV*, formato *web*, mesmo com as dificuldades enfrentadas - falta de equipamentos tecnológicos, recursos humanos e formato presencial - propiciaram elementos de vivências acadêmicas, quando se falou de assuntos importantes, como pandemia, educação, violência doméstica, pesquisa científica, depressão, entre outros. Os jovens acadêmicos, participantes do projeto, enquanto sujeitos em formação, conseguiram agir como atores sociais, dentro de um processo transformador. Foram criativos, abertos ao diálogo, à integração e à reinvenção de novas formas de participação na sociedade.

Referências

- BERGESCH, Walmor. *Os televisionários*. Porto Alegre: Ardotempo, 2010.
- BRASIL, Antônio; EMERIM, Cárlica. Por um modelo de análise para os telejornais universitários. In: *Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teóricometodológicos*, Salvador, 2011. Disponível em: analisedetelejournalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf. Acesso em: 25 jun. 2016.
- CARRAVETTA, Luiza Maria Cezar. *Construindo o telejornal*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.
- CARVALHO, Alexandre. *Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHIACHIRI, Roberto. As estratégias para a produção de efeitos sugestivos. IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://silo.tips/download/prof-ms-antonio-roberto-chiachiri-filho-docente-na-faculdade-casper-libero-e-cen>. Acesso em: 23 set. 2021.
- COMO o novo coronavírus mudou a forma de fazer telejornalismo no RS? *Coletiva.net*, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://coletiva.net/comunicacao/como-o-novo-coronavirus-mudou-a-forma-de-fazer-telejornalismo-no-rs,355535.jhtml?fbclid=IwAR1GFsZqzpb4KSE01dB1Rm0r6PlrBJG9is nAJQo0tftiYXCWQ-1Dz8--Hui-0>. Acesso em: 21 maio 2020.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GIL, Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- LAUDA. In: *Casa dos Focas: mini-glossário do telejornalismo*. Disponível em: <http://www.casadosfocas.com.br/mini-glossario-do-telejornalismo/>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- LEITE, Silvia; PEREIRA, Julia. Fontes jornalísticas do ciberespaço: possibilidades e características. In: LEITE, Silvia Porto Meirelles; RIBEIRO, Marislei da Silveira (org.). *Jornalismo, cultura e tecnologia: estudos sobre práticas midiáticas contemporâneas*. Florianópolis: Insular, 2019. p. 109-128.
- LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo: Summus, 1989.
- MINAYO, Maria Cecilia de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Rotinas do Em Pauta TV UFPel durante o período de ensino remoto

NEGRINI, Michele; ROOS, Robeerta. Tecnologias comunicacionais e telejornalismo universitário: um caminho de transformações. *Revista Alterjor*, v. 16, p. 67-80, 2017.

NEGRINI, Michele; DALMASO, Silvana. Coronavírus e telejornalismo: as diferentes temporalidades que perpassam as rotinas do fantástico. In: Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020. p. 1-15.

NEGRINI, Michele; ROOS, Roberta. Covid-19 e a ressignificação do ensino telejornalístico: novas experiências e desafios. In: Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020. p. 1-13.

Inclusão e acessibilidade no contexto da Escola Louis Braille de Pelotas na pandemia da covid-19: experiências sobre a produção de programas de rádio e de *podcasts*¹

Marislei da Silveira Ribeiro
Michele Negrini
Mariah Coelho Coi

RESUMO

Em tempos da pandemia pelo novo coronavírus, diversas atividades precisaram passar por ressignificações e a necessidade do distanciamento social fez com que a forma das pessoas se relacionarem fosse reconfigurada. Nesse âmbito, cabe situar que ações educativas e a realização de projetos deslocaram-se para a forma remota, como foi o caso das práticas do *Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*, que passaram a ser virtuais, levando em conta os interesses dos alunos, pais e professores da escola parceira. Sendo assim, este artigo tem como foco a realização de reflexões sobre as atividades do projeto em tempos de pandemia, bem como fazer um relato das experiências obtidas com suas práticas, de forma dialógica e participativa. Como pressuposto teórico-metodológico, optou-se pela pesquisa participante (GIL, 2002), que parte das observações da Educomunicação.

Palavras-chave: Inclusão. Alunos com deficiência visual. Escola Louis Braille. Educomunicação. Programas de Rádio.

1 Artigo publicado anteriormente na obra *Conexões para um tempo suspenso: Extensão universitária na pandemia*, organizada por Francisca Ferreira Michelin, Ana da Rosa Bandeira, Paula Garcia Lima e Letícia Silva Dutra Zimmermann, publicada pela Editora da UFPel em 2020.

1 Introdução

O Projeto de Extensão *Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais - Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*, ligado à Universidade Federal de Pelotas, atua desde 2014 de forma presencial, visando à promoção do diálogo entre a comunidade e o ambiente de pesquisa acadêmica, através da inclusão digital, na Associação Escola Louis Braille. As atividades do projeto são voltadas para a solidificação da inclusão, para o fomento de direitos sociais e para a promoção de uma sociedade mais igualitária.

Entre as ações realizadas na Louis Braille, pode-se destacar a realização de programas em formato de rádio, semanais, no âmbito da escola, que são uma atividade de comunicação de cunho participativo e educativo. Os programas são delineados e apresentados pelos próprios alunos, com suporte de bolsistas do projeto, coordenadoras do projeto, professoras da escola e de discentes da UFPel.

Além de conhecer-se a importância da inclusão de deficientes visuais em projetos de extensão da Universidade, percebe-se constantes melhorias ligadas à desenvoltura e participação dos alunos e um engajamento familiar maior. Em relação ao efeito que vem produzindo, o modelo utilizado vem provocando novas formas de comunicação, interativas e transformadoras, mais próximas da realidade dos sujeitos integrantes do projeto.

Devido ao presente cenário ocasionado pela pandemia da covid-19, tem-se a necessidade de adaptação e da utilização de novas maneiras para seguir ofertando à comunidade os serviços extensionistas, com modelos de ações que utilizam do ambiente virtual para execução de atividades que recorrem a subterfúgios audiovisuais no ensino e aprendizado de alunos deficientes visuais, em uma ótica inclusiva, interativa e dinâmica.

O desenvolvimento de plataformas digitais, com novos recursos tecnológicos, deu respaldo para o processo de inclusão. É também pertinente apontar que a inclusão escolar de indivíduos, com qualquer tipo de deficiência, apresenta diversos desafios e complexidades. Inclusão, como aponta Carvalho (2009), é a possibilidade de acesso, de ingresso e de permanência de um aluno com aprendizagem real, resultando, portanto, em atribuições de conhecimento e desenvolvimento de habilidades.

Diante da complexidade do processo de inclusão e das dificuldades de realizações de ações no período de pandemia, cabe apontar que o projeto piloto, sendo executado em período remoto, com a participação de alunos com deficiência visual da Escola Louis Braille, vem integrando educação, informação, comunicação, cultura e intercâmbio de experiências durante a covid-19. A escola parceira deu continuidade a suas atividades nesse período, sendo executadas de maneira remota e, integrando o calendário escolar, o projeto de extensão em foco optou por prosseguir desenvolvendo suas atividades, para além de levar o conhecimento de práticas jornalísticas e suas diversas áreas, sobretudo seguir com ações que promovem a interação, participação e inclusão de alunos deficientes visuais ao ambiente acadêmico. A experiência até aqui relatada permite afirmar que ações, oficinas e programas radiofônicos, neste período de isolamento social, têm propiciado um ambiente virtual estimulante, socializador e, sobretudo, afetivo.

A partir do cenário de realização de atividades em contexto de pandemia, este trabalho tem como foco apresentar reflexões sobre as atividades realizadas no projeto *Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*, na escola Louis Braille de Pelotas, em tempos de pandemia do coronavírus.

2 Educomunicação – a constituição dos sujeitos fundamentada a partir da mídia

A área de educomunicação é desafiante pelo imbricamento dos termos mídia-educação. Surge das demandas formativas dos sujeitos envolvidos e suas realidades. Conforme afirma Setton, “as mídias são responsáveis pela produção de uma série de informações e valores que ajudam os indivíduos a organizar suas vidas e suas ideias” (SETTON, 2011, p. 9). Colaboram, também, para nossa compreensão e mediação dos acontecimentos mundiais.

Por essa linha de pensamento, Peruzzo aponta que as experiências comunicativas estudadas e discutidas no ambiente escolar contribuem para “o fortalecimento de vínculos identitários e comunitários por meio de canais de comunicação” (PERUZZO, 2015, p. 14). Essa ligação contribui para os procedimentos dialógicos da educação. Logo, tanto as mídias como a práxis pedagógica não perdurariam sem o intercâmbio de sentidos, pela proximidade e compreensão dos sujeitos envolvidos. Vale mencionar que devido ao momento que estamos vivendo por conta da pandemia da covid-19, não é possível fechar os olhos para essa realidade. É necessário estarmos preparados para a reflexão e a compreensão desse fenômeno que diz respeito a todos nós.

Com isso, a partir da mídia, estabelece-se um debate acerca da acessibilidade da informação para pessoas com deficiência visual. “A cultura da comunicação é tomada como processo para coordenar as ações e se realiza mediante o diálogo” (GONZÁLEZ apud PERUZZO, 2015, p. 15). Outro elemento citado por Peruzzo (2015) é a cultura da informação, que estimula a conectividade, a consistência e a escuta. A conectividade se refere ao processo da comunicação, iniciado a partir da estimulação e continuado a partir do estabelecimento de vínculos entre todos. Já a relação de consistência e escuta acontece devido ao espírito coletivo, construído a partir do “nós”, em detrimento do individualismo. Assim, a partir da construção de um sentido, renovado

a partir do “nós”, surge a identidade de um grupo e a sua capacidade para processar a informação, selecionar os problemas e elucidá-los de forma coletiva (PERUZZO, 2015).

De maneira geral, é fundamental que pensemos sobre a mídia e sua relação com a educação. Como afirma Guareschi, “a universidade, como instituição superior, não pode ser reduzida a um local apenas de transmissão de saberes, mas de reflexão e criatividade” (GUARESCHI apud COSTA E TEIXEIRA, 2008). Sobre esse fato, considerando que estamos rodeados pela mídia eletrônica e pela mídia impressa, existe um espaço também para questionamentos. Logo, refletindo sobre o aspecto positivo da mídia, considerando o seu conteúdo informativo, considera-se relevante que a mesma faça parte das discussões e reflexões acerca do comportamento das pessoas.

De certa forma, diante de tantas funções da comunicação, como afirma Martín-Barbero, é importante pensar no seu papel estratégico na “configuração dos novos modelos de sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.13). Por isso, novas práticas comunicativas, como rádios comunitárias, *podcast*, projetos pilotos de comunicação e outros canais criados, por intermédio de experiências educativas, comprovam que a comunicação, enquanto instrumento de formação contínua, fornece subsídios para uma ação conjunta, mobilização dos sujeitos e troca de experiências. “São novas maneira de estar juntos pelas quais se recria a cidadania e se reconstitui a sociedade” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 21).

A partir daí, a área da Educomunicação se fundamenta, sobretudo, na interface dos campos da comunicação-educação. Conforme destaca Soares (2011), é uma forma processual, interdisciplinar e interdiscursiva, vivenciada na prática dos atores sociais, por meio de modelos concretos de intervenção social. Implica, todavia, pensar na mediação tecnológica, na gestão da comunicação e na reflexão epistemológica.

Segundo Lopes e Miani (2015), a inter-relação entre mídia-educação é constituída como a norteadora do processo de recepção, cuja esfera e discussão são permanentes, visto que respeita a formação cidadã dos sujeitos envolvidos. Partindo desse pressuposto, a questão das mídias é uma pauta para os educadores. Primeiramente, as autoras relatam que o termo surgiu nos encontros da UNESCO, em 1973, referindo-se à capacidade de ensinar o uso dos meios de comunicação na esfera escolar. Em decorrência disso, outras dimensões foram tratadas enquanto um campo interdisciplinar e como prática social. Nessa mesma linha propositiva, a premissa consiste em propor a formação de sujeitos críticos e ativos diante da mídia.

Tal busca pressupõe o entendimento do receptor enquanto ser histórico e culturalmente inserido em um grupo social, que participa de diversos processos comunicativos e é dotado de uma visão de mundo. Sua posição é ativa na sua relação com mensagens midiáticas, podendo inclusive reelaborá-las e confrontá-las (LOPES, MIANI, 2015, p. 561).

Articular a prática no processo ensino-aprendizagem aproxima alunos, professores e familiares e suas relações com o mundo. Com grande poder de inserção, as mídias desenvolvem estratégias educativas subliminares, constituindo-se em importantes parceiras da família e da escola na atualidade (MARTÍN-BARBERO, 2003). Assim, o pensamento sobre essas questões é desafiador e dá respaldo à inclusão de pessoas com deficiência visual.

3 Podcasts e a divulgação de conteúdo em tempos de pandemia

Como uma das ações do projeto *Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*, temos a produção de *podcast*. Assim,

após apresentarmos ponderações sobre a Educomunicação, vamos discutir sobre *podcasts* e suas relações com a inclusão, com a reconfiguração da divulgação de saberes e com a divulgação de informações em tempos de pandemia.

É importante salientar que diversas mídias têm potencial para dar suportes à disseminação de informações e podem dar respaldo ao processo de aprendizado de alunos em formação, mas, neste contexto de pandemia do coronavírus, que transformou as rotinas e as formas de realização das atividades cotidianas da maior parte das pessoas, inclusive as formas de produção e divulgação midiática, o *podcast* mostra-se como um recurso tecnológico, didático-pedagógico. Também uma experiência para a continuidade do projeto de WebRádio e WebTV junto à Escola Louis Braille. Como a produção de *podcast* tem sido um dos focos do projeto em tempos de pandemia, é importante apresentarmos uma definição mais técnica para o termo.

PodCast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor (BARROS, MENTA, 2007, p. 2-3).

Como assinalam Barros e Menta (2007), o *podcast* é uma forma de divulgação radiofônica personalizada e com divulgação na internet. No contexto de isolamento social, imposto pelo coronavírus, ele se torna elemento de socialização e transmissão de conhecimentos sobre determinados assuntos e como um meio de aprendizado para quem escuta.

Ribeiro (2020) apresenta informações sobre o consumo de *podcast* no Brasil. Ela aponta que o país, desde 2019, tornou-se o segundo país que mais consome tal formato, ficando atrás somente dos Estados Unidos². E ainda situa o mercado do formato no país em relação à pandemia ao dizer que “Durante a pandemia da covid-19, o mercado de conteúdo de áudio deu um salto ainda maior no país, impulsionado pela diversificação dos programas disponibilizados, entre eles, novelas, séries e humorísticos” (RIBEIRO, 2020, online). Ainda sobre o consumo de *podcast* no cenário brasileiro, reportagem do Portal Terra situa que, mesmo tendo sido amplamente afetado pela covid-19, o Brasil está em primeiro lugar no *ranking* que aponta os países em que a produção do formato mais cresceu desde o início do ano de 2020³.

Como apontou Ribeiro (2020), o formato ganhou espaço nas mais diversas áreas. Passou a ser comum a divulgação de *podcasts* de esportes, política, economia, etc., o que fez com que houvesse a consolidação de um espaço informativo de fácil acesso, inclusive pelo celular, e com amplo caráter informativo. Abud, Ishikawa e Gonzaga (2019) exemplificam *podcast* citando que uma parceria entre *Spotify* e o Grupo Folha desenvolveu o “Café da Manhã”, que é um *podcast* de divulgação diária, que apresenta assuntos relacionados à política e à economia no mundo. O exemplo dado por Abud, Ishikawa e Gonzaga (2019) mostra que grandes grupos de comunicação adentraram na produção desses materiais sonoros.

Jesus analisa o *podcast* na seara do ensino e do aprendizado, dizendo que esse formato pode ser uma forma potencializadora da construção de conhecimento pelos próprios alunos ou pelos docentes. “[...] sendo que a sua criação, no âmbito da realização de trabalhos, pode vir a proporcionar uma experiência interessante” (JESUS, 2014, p.34). O

2 Ribeiro (2020) diz que as informações são da pesquisa *Podcast Stats Soundbites*.

3 A informação apresentada pelo Portal Terra tem como base informações do relatório de *State of the Podcast Universe*, publicado pela Voxnest.

processo de produção de *podcasts*, segundo o autor, pode representar uma forma de interação entre os membros da equipe de produção, além de instigar diferentes reflexões sobre assuntos diversos. Sobre o público do *podcast*, Jesus aponta que

[...] o conteúdo produzido pode ser citado ou debatido em outras formas de micromídia digital, como o blog, ou na sala de aula. Em vez de uma distribuição simultânea para milhares ou milhões de pessoas sintonizadas ao mesmo tempo, os Podcasts atingem públicos pequenos, mas que são interconectados entre si (JESUS, 2014, p.34).

Os pontos apresentados por Jesus podem ser observados em relação à produção de *podcasts* no projeto de WebRádio e WebTV, no qual alunos da Escola Louis Braille têm a oportunidade de trabalhar com pontos relacionados à produção de textos em nível verbal, além de buscarem informações sobre os conteúdos que serão transmitidos. Eles podem, também, produzir conteúdo sonoros que serão escutados pelos que convivem em suas relações e pelo público em geral.

A produção de *podcasts*, no âmbito da Louis Braille de Pelotas, aparece como uma forma motivadora e de integração dos envolvidos no projeto, que mesmo estando distantes uns dos outros fisicamente trabalham para a produção e divulgação de conteúdo. Trata-se, portanto, de uma forma de continuar com o projeto em atividade mesmo em tempos de pandemia. Mesmo a distância a produção de conteúdo em áudio se mostra como uma alternativa de manutenção dos trabalhos que são feitos há vários anos. No próximo tópico, vamos apresentar reflexões sobre os trabalhos realizados no projeto desenvolvido na Louis Braille e suas ações, como a produção de *podcasts*.

4 Cenário de pesquisa: Contextualização do ambiente escolar e apontamentos metodológicos

Para continuação do desenvolvimento do projeto no período de isolamento social, foram executadas atividades na área da Educomunicação, por meio de redes sociais, utilizando-se de ferramentas radiofônicas na escola Louis Braille, que atende pessoas com deficiências visuais. Nesse contexto, busca-se enfrentar os novos desafios que a pandemia da covid-19 impôs, em vista de um ambiente virtual e educacional inclusivo.

4.1 Contexto da Escola Louis Braille

Idealizada pelo Dr. Guilherme Echenique Filho, juntamente com a ajuda da deficiente visual Lori Huber, a Associação Escola Louis Braille foi fundada no dia 10 de junho de 1952, contando com apenas seis alunos. O intuito foi promover uma integração social das pessoas com deficiência visual, por meio de ações socioeducativas para possibilitar um maior desenvolvimento na sociedade.

Atualmente, cerca de 163 alunos frequentam a escola de forma presencial. O estabelecimento oferta, além das aulas das séries iniciais, a educação para jovens e adultos (EJA). Também conta com projetos de atletismo, aulas de informática adaptadas para o Braille, grupos de música e teatro, reforço escolar, tratamento terapêutico especializado e acompanhamento oftalmológico.

Em contrapartida, com o período de isolamento social, houve uma modificação em seu calendário escolar, adaptando-se às plataformas digitais, transformando as aulas semanais e as demais atividades já citadas em modo remoto. Isso vem permitindo uma interação maior, também o aprimoramento da fala e uso da linguagem corporal. Dessa forma, o projeto de WebRádio, WebTV e Inclusão Social junta-se à

escola Louis Braille, integrando educação, informação, comunicação, cultura e intercâmbio de experiências.

Mesmo neste momento de incertezas, a escola Louis Braille continua por ter grande importância nos serviços prestados ao município de Pelotas e Região Sul. Diante disso, no dia 29 de julho de 2020, foi aprovada pela Câmara de Vereadores de Pelotas a emenda do vereador Fabricio Tavares (PSD), que, se aprovada pelo Executivo, declara a Associação Escola Louis Braille de Utilidade Pública, nos termos da Lei nº 1.804, de 09 de janeiro de 1970, do município. De acordo, com o artigo 4 da lei em questão, a entidade gozará dos seguintes benefícios: a) preferência para receber a verba pessoal distribuída pelos vereadores; b) preferência no âmbito da concessão e do pagamento de auxílios concedidos pelo Poder Executivo. Em vista disso, a lei acaba por facilitar a entrada e saída de verbas na escola em questão, que, por vezes, tem seus recursos oriundos de convênios e doações de *telemarketing*. Por fim, esse passo demonstra, com uma nova ótica, a importância da relação da Universidade com essa instituição.

5 Metodologia

Para a realização do estudo, optou-se pelo modo “Pesquisa Participante” que, segundo Gil (2002), está solidificada pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. A pesquisa participante se solidifica pela ligação dos pesquisadores e pesquisados no procedimento da pesquisa

[...] que responde especialmente às necessidades de populações que compreendem operários, camponeses, agricultores e índios - as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas - levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. E a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a

partir das bases e uma relativa independência do exterior (FALS BORDA apud GIL, 2002, p.31).

Em vista disso, de acordo com Gajardo (1984) e Lê Boterf (1984), a construção desse método se dá: a) pela montagem institucional e metodológica; b) pelo estudo preliminar e também provisório da região e da população pesquisadas; c) peça análise crítica dos problemas; e d) pelo programa-ação e aplicação de um plano de ação. Logo, na primeira fase os membros do projeto de extensão WebRádio, WebTV e Inclusão Social, juntamente com os representantes da Associação Escola Louis Braille, realizaram o estudo preliminar e provisório, organizando e elaborando um cronograma de atividades a serem realizadas. O estudo preliminar, conforme comenta Lê Boterf (1984), é caracterizado pela identificação da estrutura social da população, assim como a descoberta do universo vivido por ela e o recenseamento dos dados socioeconômicos e tecnológicos. Convém ressaltar que a pesquisa participante tem como base colocar-se a serviço dos oprimidos, necessitando identificar com clareza quem são eles, no âmbito de uma determinada comunidade.

Por essa linha de pensamento, os dados obtidos nas duas fases anteriores ajudam na terceira fase, a análise crítica dos problemas, visto que esses dados conduzem à formulação de problemas que passam a ser discutidos por todos os participantes da pesquisa. Já na última fase, denominada elaboração do plano de ação, é elencado por intermédio de hipóteses um plano de ações que permitam tanto a análise mais adequada do problema estudado quanto a melhoria instantânea da situação em nível local, além de ações que possibilitam melhorias a médio e/ou longo prazo, em nível local ou mais amplo.

Em suma, desde o trabalho presencial que era desenvolvido até o dado momento com as atividades remotas, com os membros do projeto de extensão WebRádio, Web TV e Inclusão Social, juntamente com os representantes da Associação Escola Louis Braille, foi realizada

uma análise preliminar, organizando e elaborando um cronograma de atividades, como forma de contribuir, ajudar e adaptar-se às dificuldades de cada um dos sujeitos envolvidos no referido projeto (alunos e familiares).

6 A experiência na esfera digital

Os espaços virtuais são utilizados para se reinventar e realizar práticas pedagógicas, recorrendo a subterfúgios audiovisuais no ensino e aprendizado de alunos deficientes visuais. Mediante o cenário atual via *web*, o projeto é responsável por trazer, a cada semana, temas diversificados, que agregam valores aos conteúdos trabalhados nos bancos acadêmicos, e uma prática que oportuniza não apenas aos alunos conhecer mais sobre os assuntos que permeiam os ambientes acadêmicos, mas também aos envolvidos na aplicação do projeto a conhecer realidades distintas e as problemáticas que os sujeitos enfrentam, contudo, oportunizando aos alunos também uma compreensão da Internet como mídia eminentemente interativa.

Diante disso, a realização das atividades se dá através de um grupo, na rede social *WhatsApp*, tendo um dia fixo da semana, na sexta-feira, dia que já era o habitual para as atividades presenciais do projeto. O modelo enviado é o de áudio, com audiodescrição e explicação de um tema abordado no jornalismo.

Nesse período, alguns temas já foram trabalhados, destacando-se “acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais”. A primeira atividade foi uma tarefa em áudio, abordando alguns temas para se entender o público que iria ser estudado, com dados e relatos; foi questionado como se dá o acesso de informação aos deficientes visuais, baseando-se na pergunta: “O jornalismo que você consome/produz é inclusivo?”.

Os alunos enviaram áudios e vídeos, respondendo ao questionamento. Em relação às respostas, foi possível perceber que, em sua maioria, eram negativas. Na semana seguinte, foi apresentado um trabalho mais prático e divertido para eles, abordando a notícia, algo tão característico do jornalismo e que tem grande importância para o dia a dia de todos. Sugerindo-se que eles fossem repórteres por um dia e fizessem o trabalho de escolher alguma notícia que eles escutassem naquela semana para, posteriormente, socializar com o grande grupo. O trabalho foi positivo, os alunos apresentaram notícias sobre a pandemia na cidade e sobre o esporte. Também foi abordado o surgimento do rádio, sua história e o atual cenário do rádio no Brasil, através da realização de questionamentos aos alunos acerca da sua relação com o veículo, sobre gostos e preferências. Naquela semana, trouxeram como respostas ponderações sobre emissoras de rádio e programas vinculados ao rádio das quais eles mais gostavam. Na quarta semana, foi realizada uma oficina sobre a televisão. Abordou-se, em especial, a TV no Brasil, seu surgimento e crescimento. E, outra vez, pode-se conhecer os programas que fazem parte do dia a dia deles.

A fotografia foi a temática da quinta semana, quando foi apresentado um breve histórico de seu surgimento, e foi proposta uma atividade um pouco diferente, mas que tinha um grande envolvimento familiar. Com a ajuda de um familiar ou responsável, eles deveriam tentar fazer um registro fotográfico de algo que faz parte do seu dia a dia e, na medida do possível, com suas particularidades, foi possível ver os registros dos alunos.

O surgimento do jornal impresso foi tema da sexta semana, mas através de uma ótica diferente e inclusiva, com isso, foi levado para os alunos o caso do primeiro jornal impresso em Braille do Brasil, numa tentativa de agregar os alunos a um âmbito que por muito tempo não os incluía.

No decorrer desse tempo, o projeto em questão passou a integrar o projeto *Educomunicação em Foco*, que engloba alguns projetos de extensão do curso de Jornalismo e consiste no desenvolvimento de *podcasts* através da educação. Tendo em vista isso, as repostas obtidas pelos alunos na atividade da primeira semana mostraram-se um debate necessário. Assim, de maneira conjunta, os projetos *Educomunicação em Foco* e WebRádio e WebTV produziram o primeiro episódio do *podcast* sobre o tema “a acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais”, contando com a participação de alunos e mães da escola Louis Braille.

Consequentemente, a cada semana que passa, percebe-se que os resultados obtidos ao longo desse período de atividades remotas foram positivos. Os alunos participam e interagem, notando-se uma presença familiar muito importante na realização e no prosseguimento das atividades. Abaixo, são expostos alguns depoimentos de envolvidos nas práticas do projeto, que confirmam os apontamentos evidenciados. Como forma de preservar as identidades dos sujeitos, os respectivos nomes foram alterados, pois cabe demarcar que o propósito deste estudo é compartilhar a importância do projeto para os entrevistados.

Acho que as atividades estão boas! Eu não participava no ano passado, pois ele ficava na escola com o rapaz e os colegas da web e lá ele se envolvia no projeto. Mas como esse ano mudou tudo, por causa da pandemia, tento fazer com que ele responda conforme o assunto. Estou achando bem legal os temas que estão sendo abordados (Dona Ana, mãe de um dos alunos).

Desde o início das atividades do projeto, dá pra ver uma evolução na comunicação e desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Tem sido desafiador seguir com as atividades nesse tempo de pandemia. Nós temos algumas dificuldades, mas, o trabalho tem sido de grande importância para a escola. Essas informações que estão sendo solicitadas são importantes para a reflexão de tudo que vem acontecendo. Assim, essa

parceria é extremamente importante e tem dado grandes frutos (Professora Sandra).

Eu gosto das atividades de web, pena que não é mais presencial (aluno Rodrigo).

Portanto, a realização do projeto de extensão, neste momento, tem promovido não só um ambiente virtual estimulante e inclusivo, mas, também, afetuoso, proporcionando um crescimento no envolvimento familiar ao ambiente escolar. Os *links* das atividades já mencionadas podem ser acessados na seção de Referências. A seguir, seguem imagens de um integrante do projeto.



Figura 1 – Aluno do projeto em oficina sobre jornalismo impresso.

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Carmem Andrades.



Figura 2 – Aluno do projeto.

Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia de Micael Machado

7 Considerações finais

Na contemporaneidade, falarmos em acessibilidade e inclusão é fazermos remissão a assuntos de grande importância e que são voltados à consolidação de uma sociedade mais justa e igualitária. Nas práticas educativas, a efetivação de inclusão é fundamental para ampliarmos o acesso de pessoas com deficiência a conteúdos das mais diversas áreas, que são fundamentais para a sua formação e para a construção da cidadania.

Para formarmos cidadãos participantes e atuantes no contexto social, temos que dar respaldo para a ocorrência de uma formação massiva e igualitária, e precisamos dar condições para a efetivação de práticas educativas e inclusivas. É com foco na inclusão que o projeto

Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade é voltado a desenvolver práticas educativas e inclusivas na Escola Louis Braille, em Pelotas. A instituição, que desenvolve a formação de alunos com deficiência visual ou com baixa visão, na cidade de Pelotas, é berço do projeto e dá subsídios para o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas na área de Educomunicação, com o uso de dispositivos tecnológicos, calcados no diálogo, na interface comunicação/educação, na formação e ressignificação dos sujeitos envolvidos (alunos, professores, familiares e equipe do programa em foco).

Por essa linha de pensamento, em decorrência da pandemia do coronavírus, as atividades nos mais diversos setores precisaram de reconfigurações. Os meios de comunicação passaram a ter suas rotinas alteradas; atividades simples, como ir a um local público, passaram a ser realizadas com cautela; escolas e universidades transferiram suas atividades para o modo remoto. Em relação à escola Louis Braille de Pelotas, diversas atividades moveram-se para o nível remoto. Assim, as ações do projeto de extensão- *Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais – Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade* também decorreram nesse modelo.

Dessa forma, a interação entre os agentes do projeto e os membros da escola passaram a ser efetivadas através de ações online e de grupos de *WhatsApp*, dando continuidade à formação, mesmo em tempos de coronavírus. As ações do projeto perpassaram o entendimento dos alunos da escola em relação aos meios de comunicação e ao mundo, resultando em produção de *podcast* através da Educomunicação. O primeiro *podcast* teve como tema “a acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais”. Nesse contexto, com o desenvolvimento do projeto como um todo e do *podcast*, cabe destacar que se tem observado uma formação continuada dos alunos da escola e o seu

desenvolvimento. Também está sendo possível visualizar a formação de uma sociedade que busca a igualdade através da inclusão de todos.

No entanto, o desafio continua persistindo, pois tornar o campo de estudo da Educomunicação uma forma de reunir os saberes da comunicação e os da educação continua sendo a vertente dos participantes do projeto. Enfim, compete lembrar que as ações estão em constante mudanças e aprimoramento. De modo geral, espera-se, cada vez mais, o engajamento e participação de todos, e que funcione de modo bastante articulado, para favorecer o diálogo, possibilitar a interação, a multiplicação de experiências, a liberdade de expressão, o respeito, a ética e a democratização da mídia.

Referências

- ABUD, Marcelo; ISHIKAWA, Cesar Yuji; GONZAGA, Luiz Dias. *Tendências do podcast no Brasil: formatos e demandas*. Fundação Armando Alvares Penteado, ago. 2019. Disponível em: http://faap.br/nimd/pdf/2019-08_podcast_REV.pdf. Acesso em: 9 de agosto de 2020.
- BARROS, Gilian. C.; MENTA, Eziquiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Eptic On-Line (UFS)*, v. IX, p. 74-89, 2007.
- CARVALHO, Rosita. *Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- COSTA, Giseli Paim; TEIXEIRA, Lezilda Maria. *Educação e mídia*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 2008.
- GAJARDO, Marcela. Pesquisa participante, propostas e projetos. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JESUS, Wagner Brito de. *Podcast e educação: um estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.
- LÊ BOTERF, Guy. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LOPES, Mariana Ferreira; MIANI, Rozinaldo Antônio. Mídia-educação e histórias em quadrinhos: uma proposta de alfabetização crítica e criativa na linguagem das HQ com estudantes de 5 ano. In: PERUZZO, Cicilia. *Comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- PELOTAS. Câmara Municipal. *Projeto de Lei Ordinária nº 1302/2020*. Declara de utilidade pública nos termos da Lei n. 1804, de 9 de janeiro de 1970, a Associação Louis Braille de Pelotas. Disponível em <https://sapl.pelotas.rs.leg.br/materia/35078>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- PELOTAS. *Lei n. 1.804*. Prescreve normas pelas quais as sociedades são declaradas de utilidade pública. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/>

lei-ordinaria/1970/180/1804/lei-ordinaria-n-1804-1970-prescreve-normas-pelas-quais-as-socied Acesso em: 10 ago. 2020.

PERUZZO, Cicilia. (org). *Comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015

PRODUÇÃO de podcasts no Brasil cresce durante a pandemia. Terra, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/producao-de-podcasts-no-brasil-cresce-durante-a-pandemia,7025d9c72eed3c2d8e639197fbffd56ahvas6cj.html>. Acesso em: 9 ago. 2020.

PROJETO Web Rádio & Web TV. Facebook: @webradiowebtv. Disponível em: <https://www.facebook.com/webradiowebtv>. Acesso em: 22 set. 2021.

RÁDIO Braille. A acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais: educomunicação em foco. Programa *Ligado na LB*, jul. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6dhuPymLfKebjTJKTuGKCh?si=TBqLL-0qxQp-g2ZB0-TcOXg>. Acesso em: 22 set. 2021.

RIBEIRO, Raquel Martins. Em alta na pandemia, podcasts apostam em novelas e séries de ficção. *Metrópoles*, 8 ago. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/em-alta-na-pandemia-podcasts-apostam-em-novelas-e-series-de-ficcao>. Acesso em: 9 ago. 2020.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e educação*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Edições Paulinas, 2011.

PARTE IV

*Experiências em
produção de podcast*

Projeto *Rádio na Mão*: uma experiência com a produção de *podcasts* durante a pandemia de covid-19

Andréa Cardoso da Silva
Maria Rita da Costa Rolim
Lisandra Roldão Miranda
Marislei Ribeiro
Michele Negrini

RESUMO:

O projeto de extensão *Rádio na Mão* faz parte do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Tem como objetivo integrar alunos, professores e toda a comunidade do IFRS por meio de oficinas de técnicas jornalísticas para a produção de *podcasts*. Devido à pandemia de covid-19, o desenvolvimento do projeto precisou ser modificado, sendo realizado inteiramente de maneira remota. Nesse período, foram produzidos cinco episódios que debatem assuntos do cotidiano para promover o pensamento crítico dos ouvintes. Os episódios tiveram, em média, 41 ouvintes. As propostas educativas, por meio dos programas de *podcasts* ao longo do período de isolamento social, possibilitou a ressignificação dos *podcasts*, para continuar trazendo conteúdos informativos durante a pandemia.

Palavras-chave: *Podcast*. Produção radiofônica. Jornalismo.

1 Introdução

O presente artigo apresenta o desenvolvimento do projeto *Rádio na Mão* em meio à pandemia de covid-19, em 2020. O *Rádio na Mão* é um

projeto de extensão vigente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Rio Grande, e na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em parceria com o Curso de Jornalismo. Além disso, dentro da Universidade, o *Rádio na Mão* faz parte do projeto *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts*.

O objetivo do projeto é integrar alunos da comunidade, professores e integrantes do mesmo por meio de oficinas de técnicas jornalísticas para a produção de conteúdo radiofônico, mais especificamente *podcasts*¹. Com o crescimento dos serviços de *streaming*², percebe-se entre os jovens um aumento no consumo dessa mídia³, possibilitando o acesso à informação de forma mais simples e rápida. Essas demandas requerem a elaboração de oficinas que promovam a capacitação do público, tornando-os aptos a criar conteúdo dessa natureza.

A qualificação da comunidade acadêmica é uma forma de aplicar a Educomunicação, que, para Marques e Borges (2016), “se define como uma área de conhecimento transdisciplinar e interdiscursiva, a qual tem como base o diálogo entre os campos da comunicação e educação, porém não se limita a eles” (BORGES, 2016, p. 2).

Na proposta metodológica inicial foram escolhidos os métodos de pesquisa-ação e pesquisa-participante, que, segundo Gil (2017), apesar de terem algumas diferenças, são semelhantes, pois “caracterizam-se pela interação entre os pesquisadores e as pessoas envolvidas nas situações

1 *Podcast* é um arquivo digital de áudio transmitido através da internet, cujo conteúdo pode ser variado, normalmente com o propósito de transmitir informações. No item 3.2 apresentamos uma definição mais completa sobre *podcast*.

2 Serviços de *streaming* são um tipo de tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo sendo acessado de forma online. Por exemplo, como a *Netflix*, o *Spotify*, o *Amazon Prime Video*, entre outros.

3 Segundo a pesquisa TIC Domicílios 2019, realizada pelo Centro Regional para o Desenvolvimento de Estudos sobre a Sociedade da Informação (Cetic.br), o consumo de áudio e vídeo online aumentou entre os usuários da Internet, em que 74% assistiram produtos audiovisuais e 72% ouviram música online ano passado.

investigadas” (GIL, 2017). Porém, devido à pandemia de covid-19, a metodologia pensada precisou ser modificada, levando em conta que a produção do *podcast* foi feita inteiramente de maneira remota.

Até o momento foram produzidos cinco episódios, intitulados: “Ansiedade em tempos de pandemia”, “Educação a distância e ensino remoto emergencial”, “A pandemia e as produções acadêmicas femininas”, “Eleições 2020 - candidatas mulheres na época da desinformação e *fake news*” e “A importância das plataformas de *streaming* no isolamento social”. As produções tiveram, em média, 41 ouvintes, sendo o primeiro episódio, sobre ansiedade, o mais ouvido.

Sendo assim, ao compreender de forma introdutória o projeto *Rádio na Mão*, seu objetivo e desenvolvimento de forma remota, também é necessário apresentar o cenário de estudo em que o projeto atua: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Rio Grande.

1.1 Cenário de estudo

O projeto *Rádio na Mão* surgiu em 2019, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Rio Grande. Em 2020, o *Rádio na Mão* foi oficializado como um projeto de extensão dentro da instituição. Além disso, dentro da UFPel, o projeto faz parte do projeto de extensão chamado *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts*. Dessa forma, para o sucesso do projeto *Rádio na Mão*, foi proposto pela equipe do projeto de extensão do curso de Jornalismo da UFPel uma nova atividade pedagógica, visando à integração e a um olhar interdisciplinar.

Apesar do projeto *Rádio na Mão* ser uma parceria entre as duas instituições, o IFRS Campus Rio Grande e a UFPel, o cenário de estudo deste trabalho é o IFRS Campus Rio Grande. O Governo Federal oferta, através da instituição, ensino público, gratuito e de qualidade. A escola

oferece cursos técnicos integrados ao ensino médio, que permitem a formação do ensino médio e técnico ao mesmo tempo, além de cursos técnicos subsequentes ao ensino médio e cursos superiores.

São seis cursos integrados ao ensino médio: Automação Industrial, Eletrotécnica, Fabricação Mecânica, Geoprocessamento, Informática para Internet e Refrigeração e Climatização. Os cursos subsequentes ao ensino médio também são seis, porém o Curso de Informática para Internet não é ofertado, mas, em contrapartida, é oferecido o Curso de Enfermagem. Já os cursos superiores são Engenharia Mecânica, Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e Curso Superior de Tecnologia em Construção de Edifícios.

Antes de ser integrado à rede IFRS, a instituição se chamava Colégio Técnico Industrial (CTI). O CTI foi criado em 1964, junto à Escola de Engenharia Industrial, fundada em 1956, que mais tarde se tornou a Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Em 2009, o colégio se desvinculou da Furg e passou a fazer parte dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

Atualmente, a reitoria do IFRS se localiza em Bento Gonçalves e a instituição possui diversos campi espalhados pelo estado, como o Campus Caxias do Sul, Campus Porto Alegre, Campus Rio Grande, entre outros. Segundo o portal da instituição na internet, o Ministério da Educação (MEC) divulgou, em dezembro de 2018, que IFRS possui conceito quatro no Índice Geral de Cursos (IGC), em uma escala crescente que vai até cinco. Esse dado é referente à avaliação de 2017.

Devido à pandemia de covid-19, em 2020, infelizmente o espaço físico da instituição não pode ser usado para a realização do projeto *Rádio na Mão*. Dessa forma, reuniões e oficinas que deveriam ter ocorrido na escola aconteceram de forma totalmente online. Entretanto, o cenário de estudo permaneceu inalterado, pois o projeto continuou buscando por pautas e fontes relacionadas à instituição, entre alunos e professores.

Por ser uma instituição muito grande e com uma pluralidade de estudantes, professores e situações, o IFRS Campus Rio Grande ofereceu um leque de pautas a serem abordadas pelo *podcast Rádio na Mão*. A situação atual, de pandemia, também possibilitou que diversos assuntos fossem tratados através de um olhar nunca antes visto, como as produções acadêmicas e o ensino remoto emergencial, neste período de isolamento e distanciamento social.

2 Referencial teórico

2.1 Educomunicação

A Educomunicação é uma forma de educar que abrange as áreas da educação e da comunicação, sendo um conceito complexo de ser definido de maneira única. De acordo com Soares, a Educomunicação pode ser definida como “uma perspectiva de análise e de articulação em permanente construção, levando-se em conta contínuo processo de mudanças sociais e de avanços tecnológicos pelos quais passa o mundo” (SOARES, 2002, p. 10).

Soares (2002) complementa afirmando que a Educomunicação absorve seus fundamentos dos campos da educação e da comunicação, mas também de outros campos das ciências sociais em constantes mudanças sociais. Assim como o autor Soares, Marques e Borges (2016) afirmam que a “Educomunicação se define como uma área de conhecimento transdisciplinar e interdiscursiva, a qual tem como base o diálogo entre os campos da comunicação e educação, porém não se limita a eles” (MARQUES, BORGES, 2016, p. 2).

Muitas pessoas, inclusive aquelas que trabalham com educação, desconhecem a Educomunicação ou pensam que é apenas o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para a produção de conteúdo, porém Marques e Borges deixam claro que a Educomunicação é muito mais que isso, sendo uma “forma participativa, dialógica

e crítica” (MARQUES, BORGES, 2016, p.11) de desenvolvimento de uma comunidade.

O processo de educar através da Educomunicação vai além de usar essas tecnologias, pois não basta apenas colocar computadores dentro da sala de aula, é preciso fazer com que os alunos os utilizem para a produção de conteúdos que os façam refletirem sobre diversos assuntos, inclusive sobre a realidade em que estão inseridos. Esses conteúdos podem ser dos mais diversos, desde que sejam da área da comunicação, como programas de rádio, de televisão, jornais, conteúdos para blog, entre outros.

Dentro desse processo de produção, nós temos a importante função do Educomunicador, que segundo Soares (2011) é um novo profissional, que atua no campo da educação e da comunicação, na busca por formar cidadãos críticos, participativos e inseridos no seu meio social. Como seguimos na proposta do projeto *Rádio na Mão* em 2019, atuamos com os estudantes, e continuamos em 2020 de forma remota, aproximando os estudantes e professores do IFRS Campus Rio Grande para a construção dos episódios.

No artigo “Educação e Comunicação no Interior de Rondônia: Possibilidades e Reflexões sobre Produções Radiofônicas Escolares”, Silva et al. apontam que:

[...] não se trata de fazer um programa de rádio bacana ou uma publicidade de TV engraçada, mas, como é realizado o processo de elaboração, como estimular a preocupação com o coletivo na pauta, a colaboração entre os sujeitos envolvidos na produção e, sobretudo, como podemos ativar a percepção sobre relevância do que o outro percebe do conteúdo apreendido. Esses elementos nos motivam a acreditar na efetiva aliança da comunicação com a educação (SILVA et al., 2018, p. 2).

No caso da aplicação de projetos, como o *Rádio na Mão*, a Educação se torna uma forma de relacionar os conteúdos que os alunos já aprendem dentro da sala de aula com a produção de conteúdos audiovisuais. Dessa forma, eles aprendem a trabalhar em grupo, refletem sobre o ambiente que estudam e vivem e sobre problemas enfrentados em sua comunidade. Silva et al. (2018) afirmam que a elaboração desses conteúdos faz com que os estudantes passem de receptores para emissores. Dessa forma, eles se tornam responsáveis por essas informações que transmitem, e é assim que eles se tornam protagonistas da comunicação.

2.2 Rádio e *podcast*

Apesar de o projeto *Rádio na Mão* receber esse nome, o programa é feito e disponibilizado em formato de *podcast*. Mas, mesmo assim, é preciso compreender um pouco sobre o rádio. Segundo Meneguel e Oliveira (2008), foi em 1923 que se instalou a primeira emissora no Brasil, mas até 1930, o rádio foi de caráter experimental. Apenas quando foram permitidas propagandas comerciais que o mercado começou a ser disputado e, a partir daí, o rádio começou a exercer influência sobre a população.

Segundo os autores,

Além da divulgação de manifestações artísticas, mantinha as pessoas informadas e integradas, superando os limites físicos. O rádio trazia o mundo para dentro de casa. Após o seu lançamento, o rádio passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, tornando-se um companheiro de todas as horas e um importante meio de informação e entretenimento. E continua presente em todos os meios, nas mais diversas situações. É utilizado como veículo de informação, lazer, denúncias e difusão de uma ideologia formadora de opiniões. Desde os primeiros tempos, a radiodifusão apresentou-se como algo

de fundamental importância em relação à comunicação a distância (MENEGUEL, OLIVEIRA, 2008 p. 2).

Renato Vaisbih (2006) afirma que a partir de 1960 o rádio enfrentou a concorrência da televisão, mas conseguiu se renovar, principalmente por causa das inovações tecnológicas, que possibilitaram que aparelhos portáteis fossem comercializados. Dessa forma, o “radinho de pilha” se popularizou, permitindo que a população tivesse acesso a informações e entretenimento a qualquer hora e momento, seja trabalhando, praticando exercícios, seja no banho ou no carro.

O autor ainda cita os telefones celulares como um dos trunfos da radiodifusão, levando em consideração o ano em que seu trabalho foi publicado. Ele reflete que

Com isso, o ouvinte pode sair de casa somente com o celular e ainda assim acompanhar a programação jornalística, mantendo a característica da portabilidade. Nos telefones celulares que oferecem mais recursos também já é possível ter acesso à internet, inclusive com a programação de áudio e imagem de diversas empresas de rádio e televisão (VAISBIH, 2006, p.18).

Dessa forma, o rádio continuou evoluindo e se adaptando até os dias atuais, como afirmam Moraes et al., “o rádio é um instrumento muito particular de difusão do conhecimento, pois, até mesmo com a implantação de altas tecnologias, essas caminham ao seu favor” (MORAES et al., 2018, p. 7). Os autores ressaltam também como esse meio de comunicação pode ser democrático, por ser de fácil acesso por todas as classes sociais, e como atualmente pode-se ouvir rádio pelo celular, tablet ou computador.

Os autores também abordam a importância do rádio na educação, de forma a tornar o processo educativo participativo, transformando o aluno em emissor da mensagem.

O rádio escolar humaniza o processo de aprendizagem, pois sua ação o torna coletivo, amplo e dinâmico, coloca o ensino como uma estrada longa e grande, mas permeada por muitos caminhos e possibilidades. Acrescenta credibilidade e ação ao processo de educação, tornando esse cidadão, colaborativo e opinativo. O aluno recebe informações, mas também a produz e emite aos demais por um canal importante de difusão de conhecimento (MORAES et al., 2018, p. 8).

Através dessa evolução da radiodifusão, surgiram os *podcasts*, que são definidos como um arquivo de áudio transmitido através de plataformas na internet, que possui um tempo específico e permite a difusão de informações e conteúdos de entretenimento. Além disso, o *podcast* pode ser considerado um programa de rádio e também pode ser veiculado a rádio. De acordo com Moura e Carvalho (2006), o termo *podcast* é o resultado da combinação das palavras “*Ipod*”, dispositivos portáteis de reprodução de áudios e vídeos, e “*Broadcast*”, método de transmissão de sons e imagens por meio do rádio ou da televisão.

Conforme o pensamento das autoras acima citadas, elas também definem essa ferramenta como um grande potencial na sua forma de propagação de informações e conhecimentos, sendo possível seu uso no contexto educacional. Outro potencial do *podcast* é apresentado pelos autores Bottentuit Junior e Coutinho (2007), que o veem como uma ferramenta possível de ser usada nos mais variados contextos, tanto em aula quanto para o entretenimento, pela possibilidade e característica de abordar diversos temas. Dessa forma, é possível encontrar esses conteúdos facilmente na internet, pois podem ser inseridos em plataformas, como *Spotify* e *Sound Cloud*, e também compartilhados em sites de redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*.

Ao pensar no *podcast* como uma ferramenta educacional, como citaram as autoras Moura e Carvalho (2006), também é importante ressaltar as vantagens nas características e modos de utilização do *podcast* dentro das instituições de ensino. Através da ferramenta, é possível aumentar

o interesse do aluno a partir da aprendizagem, de formas diferentes, pois ao gravar um episódio, gera-se a preocupação de preparar um texto coerente para apresentar no *podcast*. A atividade de falar e ouvir também estimula a aprendizagem, sendo mais significativa do que simplesmente escrever (BOTTENTUIT JUNIOR & COUTINHO, 2007).

Outra vantagem de fazer trabalhos usando o *podcast* como ferramenta de ensino é a possibilidade de realizar atividades em grupos, para que aconteça a troca entre os alunos durante a construção do programa, como aconteceu no caso do projeto *Rádio na Mão*, tanto em 2019, quando foi possível aplicar oficinas para os alunos do IFRS Campus Rio Grande, como agora em 2020, em que o projeto precisou ser modificado, e foi produzido pelos estudantes de Jornalismo da UFPel em parceria de alguns estudantes do IFRS Campus Rio Grande, com coordenação das professoras orientadoras de ambas as instituições.

2.3 Comunicação comunitária

A Educomunicação relaciona-se diretamente com a comunicação comunitária, pois, através do que aprendem dentro de oficinas, comunidades inteiras podem desenvolver canais de comunicação. Comunicação comunitária pode ser definida, de acordo com Peruzzo, como “Canal de expressão de uma comunidade (independente de seu nível socioeconômico e território), por meio do qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes” (PERUZZO, 2008, p. 374). Além disso, segundo Amarante relata em seu livro “Rádio comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã”, a comunicação comunitária é um meio de repensar a produção cultural das classes populares, em que os indivíduos de uma comunidade se entendem como agentes sociais. Não sendo somente consumidores e reprodutores de uma indústria

cultural, que não pauta a sua realidade e interesses sociais, mas sim como um grupo de produtores de bens culturais (AMARANTE, 2012).

De acordo com Peruzzo (2007a), a comunicação comunitária é um direito humano, um direito de cidadania. Para promover esse direito, como ressalta Amarante (2012), “são muitos caminhos para que eles se tornem sujeitos de sua própria transformação, rompendo a barreira há tanto tempo imposta para a mudança deste quadro” (AMARANTE, 2012, p. 45), como através da televisão e da internet.

Mas uma das formas de comunicação mais expressivas no Brasil são as rádios e, segundo Peruzzo ((2007b), muitas dessas emissoras entraram no ar antes mesmo de ter uma lei que as regulamentassem, pois “são cerca de 15 mil emissoras em funcionamento no país, a maioria das quais opera no formato de rádio livre, sem autorização legal para operar, em grande parte em decorrência dos entraves de natureza política” (PERUZZO, 2008, p.371).

As rádios foram de grande ajuda para a comunicação comunitária e foram se aperfeiçoando com o tempo. Dessa forma representam uma conquista à democratização da comunicação para as comunidades, como ressalta Peruzzo (2007b). De acordo com Amarante, a rádio é uma das formas para que todos da comunidade tenham “a possibilidade de intervir, participar, gerir, produzir e transmitir” (AMARANTE, 2012, p.47), fazendo parte das etapas da produção e construção de uma comunicação cidadã, sendo uma verdadeira forma para a comunicação permitir o desenvolvimento dos atores sociais envolvidos.

As comunidades têm a possibilidade de terem suas pautas ouvidas e seu protagonismo na produção da informação ampliado, assim como os alunos do IFRS Campus Rio Grande tiveram a oportunidade de fazer o mesmo em 2019, abordando temas pertinentes à comunidade, como racismo e os campeonatos esportivos da escola, através de um *podcast*. Apesar das dificuldades e do isolamento social, em 2020 também foi possível pôr em prática essa democratização da informação, já que

pautas que não seriam abordadas por outros veículos de comunicação puderam ser retratadas no *Rádio na Mão*.

3 Metodologia

O *Rádio na Mão* surgiu em 2019, antes da pandemia de covid-19 e, devido a isso, a metodologia do projeto precisou ser modificada. O projeto surgiu na disciplina de Educomunicação do Curso de Jornalismo da UFPel, ministrada pela professora Marislei Ribeiro, em que foi preciso aplicar a teoria aprendida na sala de aula em uma comunidade, e o IFRS Campus Rio Grande foi escolhido como cenário de estudo. Dessa forma, foi ofertada uma oficina em que os alunos aprenderam técnicas jornalísticas básicas e produziram um episódio piloto do *podcast Rádio na Mão*, com o auxílio dos estudantes do Curso de Jornalismo da UFPel. Em 2020, o projeto se tornou oficialmente um projeto de extensão na instituição e, pela UFPel, começou a fazer parte de um projeto de extensão maior, chamado *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts*. Dessa forma, pretendia-se usar os mesmos métodos que foram executados no projeto no ano anterior, que foram a pesquisa-ação⁴ e a pesquisa-participante⁵.

Entretanto, devido ao isolamento e ao distanciamento social, as aulas foram suspensas em 2020, tanto no IFRS Campus Rio Grande quanto na UFPel, inviabilizando encontros presenciais, que possibilitam

4 De acordo com Gil (2017) a pesquisa-ação vem sendo muito utilizada na extensão universitária, e se caracteriza pela “intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos, organizações e comunidades”. Dessa forma, os pesquisadores e os participantes, nesse caso os alunos da escola, se envolvem de modo cooperativo e participativo. Gil também define a pesquisa-ação como condutora de ações sociais, e não apenas para a produção de livros.

5 Segundo Gil (2017), a pesquisa-participante é semelhante a pesquisa-ação, mas “a principal diferença está no caráter emancipador da pesquisa-participante”. Além disso, a população é considerada como sujeitos ativos, são eles que se encarregam do planejamento e condução das ações, não os pesquisadores. Ademais, a seleção dos problemas a serem tratados também são escolhidos por eles.

pôr em prática os métodos de pesquisa-ação e pesquisa-participante. Em princípio, as oficinas seriam optativas, presenciais e quinzenais, e os alunos da instituição iriam produzir os episódios de podcast, com o auxílio dos estudantes do Curso de Jornalismo da UFPel.

Em vista dessa situação, utilizamos o método de pesquisa *ex-post-facto*, definido por Gil (2008) como um processo em que o pesquisador não tem controle sobre as variáveis independentes, já que elas chegam ao pesquisador já tendo exercido seus efeitos. No caso do projeto *Rádio na Mão*, as variáveis independentes são os entrevistados, e não há como exercer controle sobre suas falas. É possível direcionar o que a fonte irá responder dependendo da pergunta feita, mas é impossível controlar como a pessoa irá responder, como os exemplos, nomes, instituições, críticas, entre outros, que irá abordar.

Devido a esses fatores, a produção dos episódios do *podcast* foi feita inteiramente de maneira remota, através de aplicativos de videoconferência, como o *Zoom* e o *Google Meet*, pelos integrantes do projeto, que incluía estudantes tanto da UFPel quanto do IFRS Campus Rio Grande, e as professoras coordenadoras dos projetos. Para isso, foram realizadas reuniões semanais para a discussão das pautas a serem abordadas. Apesar de não poder atuar dentro da escola, todos os temas dos episódios foram relacionados com a instituição, de forma a manter o propósito inicial do projeto, de discutir e expor para a comunidade situações referentes ao âmbito escolar.

Além das pautas, as fontes entrevistadas para os episódios foram preferencialmente professores e alunos do IFRS Campus Rio Grande. Devido a isso, foi muito importante ter estudantes da instituição participando do projeto, pois facilitou a identificação das fontes e o contato com elas. Após definidos a pauta e os entrevistados, o grupo determinava os questionamentos a serem feitos aos entrevistados, e assim os integrantes ficavam responsáveis por entrar em contato

com as fontes, através de aplicativos de mensagens como o *WhatsApp* e *Messenger*, ou por e-mail, que permitem o envio de áudios gravados.

Os episódios do *podcast*, em sua maioria, foram estruturados em duas partes, sendo a primeira uma conversa, geralmente entre os próprios produtores do *podcast*, e a segunda parte com a fala dos entrevistados. O que seria debatido na conversa também era definido nessas reuniões semanais, e então era estruturado um roteiro e um dia específico era marcado para a gravação dessa parte, com a participação de alguns integrantes do grupo. Esses encontros se deram pelo *Zoom*, que disponibiliza uma ferramenta de gravação.

Assim que todas as fontes enviavam suas respostas através dos aplicativos de mensagens ou e-mail, alguns dos integrantes se responsabilizavam por fazer a transcrição das entrevistas, de forma a facilitar a criação do roteiro. Dessa forma, não era necessário que todos ouvissem os áudios por inteiro, bastava ler as transcrições dos entrevistados e elencar quais falas eram mais relevantes para entrarem na versão final do episódio. Feito isso, o grupo se reunia novamente para a construção do roteiro, para redigir as locuções, escolher as falas dos entrevistados e estruturar em que ordem estariam os áudios.

Após o roteiro ser aprovado pelas professoras orientadoras, eram feitos pequenos ajustes e as locuções eram gravadas em seguida, pelos integrantes que escolhiam fazê-las. Por último, era realizado o processo de edição, feito sempre pelo mesmo integrante do grupo, que utilizou dois aplicativos diferentes, o *Ocenaudio* e o *Audacity*, programas gratuitos de edição de áudio. A trilha sonora usada nos episódios também é gratuita, feita pelo artista Biz Baz Studio, que recebeu os devidos créditos em todos os episódios.

Dessa forma, foi possível produzir todos os episódios de maneira remota e segura, através de aparelhos celulares e computadores. Até o momento foram produzidos cinco episódios, intitulados: “Ansiedade em tempos de pandemia”, “Educação a distância e ensino remoto

emergencial”, “A pandemia e as produções acadêmicas femininas”, “Eleições 2020 - candidatas mulheres na época da desinformação e *fake news*” e “A importância das plataformas de *streaming* no isolamento social”. As produções foram disponibilizadas primeiramente na plataforma *Anchor*, ferramenta de criação de *podcast*, que também distribui para outros serviços de *streaming*, como o *Spotify*, *Google Podcast*, *Overcast*, entre outros. As produções tiveram, em média, 41 ouvintes, sendo o primeiro episódio sobre ansiedade o mais ouvido.

4 Resultados e discussão

O presente trabalho discute os episódios produzidos durante a pandemia de covid-19. A ferramenta utilizada como meio de disseminação do conteúdo produzido no projeto é o *podcast*, que pode ser definido como um programa de rádio acessado em plataformas na internet. Segundo Freire (2012), o *podcast* possui maior facilidade de produção e distribuição, por necessitar de equipamentos mais baratos e pode ser distribuído diretamente ao ouvinte, sem necessitar de intermediários.

Em tese, basta um computador ou dispositivo de gravação de áudio digital, como um telefone celular, microfone e acesso à internet. Além disso, Moura e Carvalho (2006) definem o *podcast* como uma ferramenta com grande potencial para uso no contexto educacional pela forma de disseminação da informação.

Como mostra a Figura 1, foram produzidos sete episódios no total e seis em período remoto, intitulados: “Ansiedade em tempos de pandemia”, “Educação a distância e ensino remoto emergencial”, “A pandemia e as produções acadêmicas femininas”, “Eleições 2020 - candidatas mulheres na época da desinformação e *fake news*” e “A importância das plataformas de *streaming* no isolamento social” e “A resistência do cinema latino-americano no extremo sul do Brasil”.

Projeto Rádio na Mão

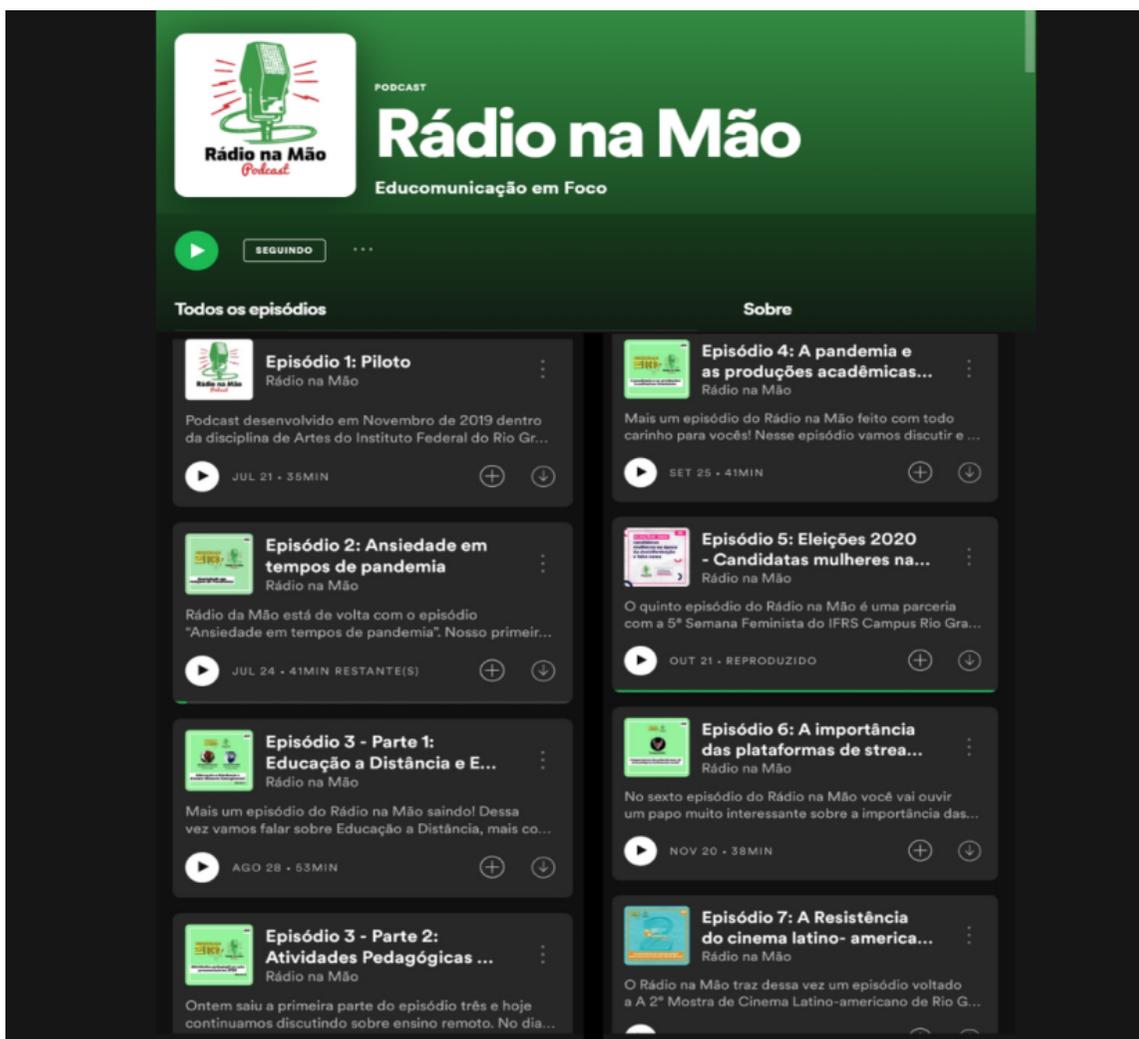


Figura 1 – Episódios na plataforma *Spotify*

Fonte: *Spotify*.

A partir dos dados fornecidos pela plataforma *Anchor*, ferramenta gratuita que possibilita criar, gravar, editar, publicar e distribuir *podcasts* para outros serviços de *streaming*, como o *Spotify*, *Google Podcast*, *Overcast*, entre outros, podemos fazer uma análise quantitativa dos resultados obtidos até o presente momento (Figura 2). Porém, antes de iniciarmos a análise, é necessário ressaltar que na plataforma temos sete episódios postados e, como citado ao longo do artigo, foram produzidos seis episódios nesse período.

Essa diferença numérica acontece em razão de o primeiro episódio postado na retomada do projeto, em 2020, foi o episódio piloto, produzido em 2019, com os estudantes do segundo ano do Curso de Refrigeração e Climatização do IFRS Campus Rio Grande, com cerca de 35 minutos e com reportagens radiofônicas produzidas pelos seis grupos da turma. A opção de postar esse episódio é para marcar a primeira produção do projeto *Rádio na Mão*, que desenvolveu toda a proposta do projeto apresentada em 2020, baseada na experiência adquirida ao ministrar aulas na instituição.

Além disso, o episódio sobre educação a distância e ensino remoto emergencial foi dividido em duas partes. A primeira parte conta com uma entrevista com representantes dos Diretórios Acadêmicos (DCE) da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e da UFPel sobre o tema. Enquanto a segunda parte discute sobre as aulas remotas no IFRS Campus Rio Grande, com entrevistas de alunos e professores da instituição, sendo considerado como um episódio único.

Por isso consideramos que o *podcast Rádio na Mão* produziu cinco episódios durante esse ano no período remoto, em que obteve um total de 221 *plays*⁶, ou seja, 194 pessoas começaram a escutar os episódios disponíveis. Dentro dos dados disponíveis no *Anchor*, como mostra a Figura 2 abaixo, o episódio com maior número de visualizações foi o episódio de estreia do *podcast* no período remoto intitulado “Ansiedade em tempos de pandemia”, com um total de 62 *plays*⁷.

O episódio sobre as “Eleições 2020 - candidatas mulheres na época da desinformação e *fake news*” foi o segundo mais escutado com 63 *plays* (Figura 1), essa produção fez parte da 5ª Semana Feminista do IFRS Campus Rio Grande, com o tema “Mulheres na pandemia: desafios e perspectivas”, que aconteceu online, através das redes sociais, nos dias

6 Em tradução livre *plays* pode obter o significado de tocam.

7 Todos os dados apresentados foram obtidos na plataforma *Anchor* em 28 de novembro.

Projeto Rádio na Mão

19 a 23 de outubro. O episódio fez parte da programação do evento, sendo postado no dia 21 de outubro. Em discussão com os organizadores do evento sobre o tema da semana e o foco da produção, foi definida a proposta de discutir desinformação e *fake news* dentro da realidade de candidatas mulheres, pois, mesmo em pandemia, as eleições municipais aconteceram em todo o país, em 2020. Ao total, as produções obtiveram em média 63 ouvintes.

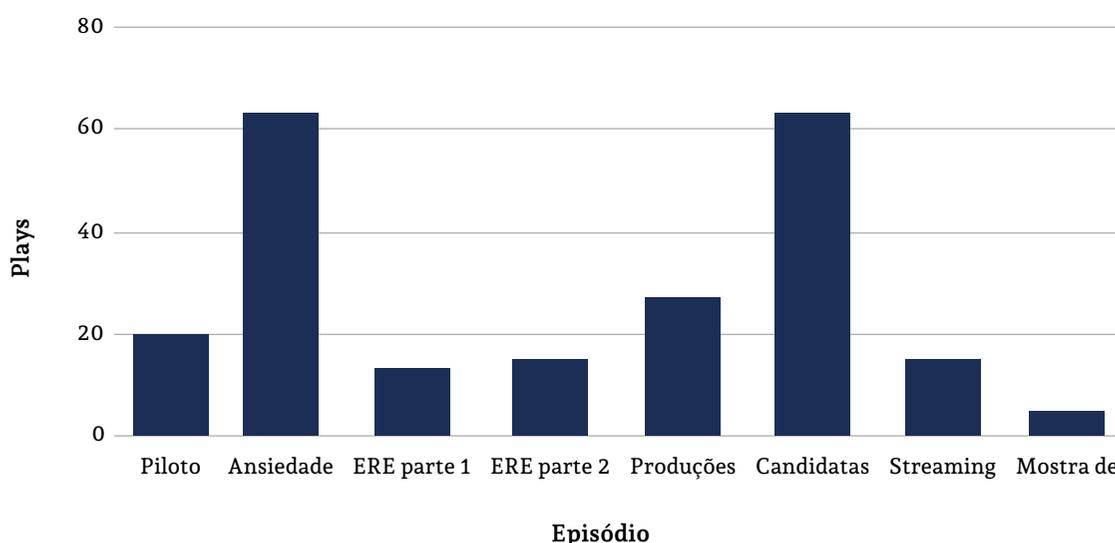


Figura 2 - Gráfico de alcance dos episódios

Fonte: Dados da plataforma *Anchor*. Adaptado por Angélica Knuth.

E o último episódio de 2020 do *podcast Rádio na Mão* foi o especial para a 2ª Mostra de Cinema Latino-americano, que aconteceu nos dias 9 a 13 de dezembro, em que o *podcast* atuou como apoiador do evento promovido pelo IFRS campus Rio Grande, fazendo a assessoria de imprensa do evento e a produção do conteúdo radiofônico. Publicado no dia 15 de dezembro, o episódio foi dividido em dois blocos, o primeiro foi uma roda de conversa entre as integrantes do *podcast*,

Projeto Rádio na Mão

abordando o evento de abertura da Mostra que promoveu o primeiro Cine Drive-in na cidade de Rio Grande, e o segundo bloco trata de entrevistas com os idealizadores da amostra.

O canal de divulgação dos episódios do *podcast* nas mídias sociais como o *Instagram* e o *Facebook* é o *Educomunicação em Foco*, como mostra na Figura 3, que atua como o “produtor” de três *podcasts* vinculados ao projeto de extensão *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts* que são os *podcasts*: *Se liga na LB*, com parceria com a Escola Louis Braille de Pelotas, *Educomunicação em Foco podcast*, que produz pautas sobre temáticas gerais e é um meio de produção com toda a equipe do projeto, e por fim o *Rádio na Mão*. Cabe ressaltar que a frequência das postagens de cada episódio lançado é quinzenal, para cada equipe ter tempo para produzir com qualidade o roteiro, as entrevistas e a edição.

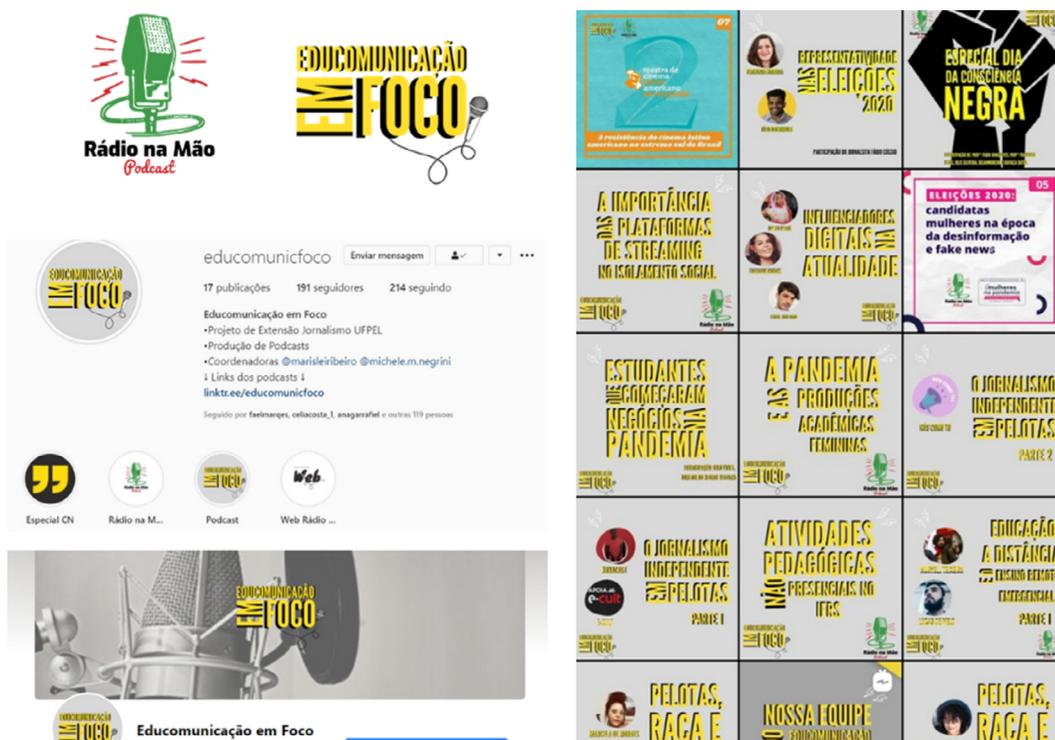


Figura 3 – Divulgação canal *Educomunicação em Foco*

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Projeto Rádio na Mão

Além disso, seguindo a definição de Peruzzo (2007a) sobre a comunicação comunitária ser um direito humano, um direito de cidadania, o projeto *Rádio na Mão* escolheu a comunidade acadêmica do IFRS campus Rio Grande para atuar em temas pertinentes e de interesse da comunidade.

Porém, com a pandemia da covid-19 e, principalmente e como citado anteriormente, com o auxílio do canal de integração e distribuição dos conteúdos produzidos, o *Educomunicação em Foco*, através das redes sociais como *Instagram* e *Facebook*, foi possível ter um alcance maior que somente a comunidade acadêmica do Instituto. Assim como mostra a Figura 4, o *podcast* possui ouvinte de todas as faixas etárias de zero a mais de 60 anos, e tem como público mais ativo, como ouvintes do *podcast*, pessoas na faixa etária entre 18-22 anos.

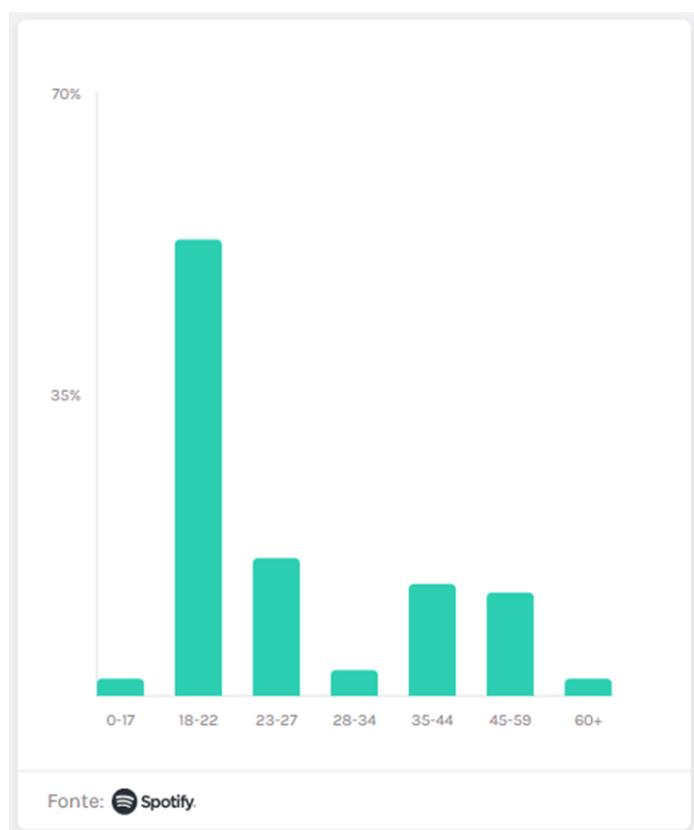


Figura 4 - Público alcançado
Fonte: Dados da plataforma Anchor.

Destacamos que não realizamos uma avaliação do projeto *Rádio na Mão*, como em 2019, quando os próprios estudantes avaliaram, dando suas contribuições para melhorar o projeto, seus elogios e críticas - uma parte que consideramos essencial, mas em vista de não termos alunos fixos, optamos em não realizar, sendo um dos pontos negativos que todos pesquisadores e extensionistas viveram a partir do distanciamento social de não estarmos atuando no dia a dia da comunidade.

5 Considerações finais

O presente artigo abordou o desenvolvimento do projeto *Rádio na Mão*, atualmente como projeto de extensão, em meio à pandemia de covid-19. Apesar das dificuldades enfrentadas, como a necessidade da conexão com a internet entre o nosso grupo de trabalho e também dos entrevistados, acreditamos que o projeto possui a capacidade de incentivar a comunicação comunitária. Ao escolher o *podcast* como ferramenta, foi possível perceber o potencial educativo latente desse tipo de produção, tanto a partir da experiência em 2019, como também em 2020.

Logo, concluímos que o projeto está crescendo cada vez mais, sendo importante para a difusão de conhecimento e informações. A partir das adversidades que a pandemia de covid-19 proporcionou neste ano, tivemos a oportunidade de ressignificar o projeto *Rádio na Mão* para continuar trazendo a comunicação e a educação como uma só, manter o vínculo com a comunidade acadêmica do IFRS Campus Rio Grande e discutir assuntos gerais e pertinentes para a sociedade atual.

O *Rádio na Mão*, embora limitado, devido ao isolamento social e às atividades pedagógicas nas instituições acontecendo de forma remota, não foi isolado do contexto cultural da vida urbana. Houve um engajamento e entusiasmo por parte dos alunos e integrantes do projeto, de ambas as instituições, tanto do IFRS Campus Rio Grande

Projeto Rádio na Mão

quanto da UFPel. A comunicação foi reinventada, abrindo espaço para um novo diálogo. Levou-se em conta a interação com outras mídias, o estímulo à construção coletiva do conhecimento, a produção de mensagens, o planejamento e a produção de programas. Dentro desse contexto, acredita-se que o desenvolvimento de *podcasts* como meio de comunicação e as experiências comunitárias e educativas possibilitou o engajamento e a democratização da comunicação.

Referências

AMARANTE, Maria. *Rádio comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã*. São Paulo: Intermeios, 2012.

CETIC – Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. TIC Domicílios 2019: principais resultados. 26 maio 2020. Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/>. Acesso em: 2 dez. 2020.

EDUCOMUNICAÇÃO em foco. *Facebook*: @educomunicfoco. Disponível em: <https://www.facebook.com/educomunicfoco>. Acesso em: 1 dez. 2020.

EDUCOMUNICAÇÃO em foco. *Instagram*: @educomunicfoco. Disponível em: <https://www.instagram.com/educomunicfoco/>. Acesso em: 1 dez. 2020.

EDUCOMUNICAÇÃO em foco. *Podcast Rádio na mão*. Anchor. Disponível em: <https://anchor.fm/radio-na-mao>. Acesso em: 1 dez 2020.

FREIRE, Eugênio. Distinções educativas entre rádio e podcast. *Revista Prisma.com*, n. 18, p. 66-88, 2012.

GIL, Antônio. *Método e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

IFRS – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Rio Grande do Sul. Indicadores obtidos por meio do Enade confirmam a qualidade dos cursos do IFRS. Bento Gonçalves, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/indicadores-obtidos-por-meio-do-enade-confirmam-a-qualidade-dos-cursos-do-ifrs/>. Acesso em: 1 dez. 2020.

BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Pereira Coutinho. Podcast em educação: um contributo para o estado da arte. *Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, p. 837-846, 2007.

MARQUES, Paulo César; BORGES, João José. Educomunicação: origens e conexões de uma nova área de conhecimento. *Anais do 3º Congresso Nacional de Educação*, Natal, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/edicao/anais-iii-conedu/pesquisa?autor=&titulo=EDUCOMUNICA%C3%87%C3%83O&modalidade=&at=>. Acesso em: 1 dez. 2020.

MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.

Projeto Rádio na Mão

MORAES, Pâmela; THESING, Nelson; ZENI, Lauriane. Nas ondas do rádio: a educomunicação como uma prática para a cidadania. *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria, v. 22, n.1, p.14-31, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/29099/pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.

MOURA, Adelina; CARVALHO, Ana Amélia. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade de Minho, 2006. Disponível em: https://www.inf.ufpr.br/alex/d/ARTIGOS_MOBILIDADE/Moura_Carvalho_2006_resumido.pdf. Acesso em: 1 dez. 2020.

PERUZZO, Cicilia. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. *Revista Lumina*, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 1-29, jun. 2007a. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20989>. Acesso em: 1 dez 2020.

PERUZZO, Cicilia. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. In: PAIVA, Raquel. *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b. p. 69-74.

PERUZZO, Cicilia. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. *Revista Palavra Clave*, Bogotá, vol. 11, n. 2, dez. 2008.

SILVA, Jamille; MAIA, Maíra; CONDE Evelyn. Educação e comunicação no interior de Rondônia: possibilidades e reflexões sobre produções radiofônicas escolares. *Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Joinville, 2018. Disponível em: <http://docplayer.com.br/133903389-Educacao-e-comunicacao-no-interior-de-rondonia-possibilidades-e-reflexoes-sobre-producoes-radiofonicas-escolares-1.html>. Acesso em: 1 dez. 2020.

SOARES, Ismar. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. *Revista Comunicação & Educação*, n. 23, p. 16-25, 2002.

SOARES, Ismar. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VAISBIH, Renato. Ganhos e perdas de uma renovada linguagem radiofônica jornalística, via podcast. *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 5, p. 13-25, 2006.

Teorias e práticas da produção remota do *podcast Educomunicação em Foco*

Julia Cristina Marques Vilas Boas
Mariah Coelho Coi
Maria Rita da Costa Rolim
Samira Lucas Silveira
Michele Negrini
Marislei Ribeiro

RESUMO

Com o distanciamento social, foi necessária uma ressignificação nas maneiras de produzir conteúdo. Dessa forma, este artigo tem como objetivo apresentar as produções radiofônicas desenvolvidas no projeto de extensão *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts*, executado pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, juntamente com a Escola Louis Braille, de Pelotas¹, Marte, a Agência de conteúdo², e o IFRS³. A criação de *podcasts* sob aspectos relacionados à pandemia e a sua presença na sociedade norteou as atividades do projeto em questão. A realização dos programas começa com aprofundamentos sobre os assuntos em reflexão e abarca também a realização de entrevistas, realização de roteiro de cada programa, edição, finalização e divulgação de cada edição. Cabe salientar também que tomamos a perspectiva descritiva (GIL, 1999) como norteadora do trabalho.

Palavras – chave: Educomunicação. *Podcast*. Jornalismo.

1 Escola situada no município de Pelotas - RS voltada a pessoas com deficiência visual.

2 Empresa júnior vinculada ao curso de Jornalismo no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas

3 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul.

1 Introdução

Vive-se um tempo em que tudo ao redor está em constante adaptações e ressignificações. A cada dia é mais comum a união de diversas áreas de conhecimento e um exemplo de tal fato é a Educomunicação, que é a união da educação e da comunicação, e que no momento se torna diariamente aliada de outras extensões do conhecimento ou da sociedade, como pode ser entendido na definição de Citelli e Orofino (2014), que discorrem sobre o conceito de educomunicação.

Entenda-se por Educomunicação um conceito mais abrangente para pensar os fenômenos de ensino-aprendizagem sob as circunstâncias que matizam a vida contemporânea em sua pluralidade de dispositivos técnicos, estímulos à visualidade, desafios suscitados pelos circuitos digitais, instigações provocadas pelas estratégias de produção, circulação e distribuição da informação e do conhecimento (CITELLI & OROFINO, 2014 apud PINHEIRO & PEREIRA, 2018, p. 87-88).

A partir do pensamento de Citelli e Orofino, entende-se que a Educomunicação é dotada de uma pluralidade que permite abranger diversos vieses, como o *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts*. O projeto de extensão, vinculado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, começou a desenvolver seus trabalhos no primeiro semestre de 2020. Ele parte da premissa da educomunicação no desenvolvimento de *podcasts* e aborda temáticas de cunho social e de interesse da comunidade acadêmica. Também é um espaço de práticas dos conteúdos sobre rádio aprendidos em sala de aula. Atrelado a isso, trabalha com a integração de três projetos também vinculados à Universidade Federal de Pelotas, sendo eles: *A Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts*, *Inclusão Digital e promoção de direitos sociais: Utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade* e *Marte agência de conteúdo*. Através da junção desses três projetos, são realizados programas de *podcasts*, além do

programa intitulado *Educomunicação em foco*. Há, também, os programas *Rádio na mão*, que tem parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, de Rio Grande, e o *Ligado na LB*, programa que tem parceria com a Escola Louis Braille, de Pelotas.

Entre as atividades realizadas no projeto, destacam-se os programas radiofônicos, abordando diversas temáticas, disponibilizados para a comunidade em redes sociais e plataformas digitais⁴. Diante do atual cenário ocasionado pela pandemia da covid-19, há a necessidade de adaptações das rotinas de produção e da utilização de novas maneiras para seguir oferecendo à comunidade pautas consideradas de interesse público e social, com modelos de ações que utilizam o ambiente virtual para sua execução. Dessa forma, os programas são produzidos completamente de forma remota.

Assim, o desenvolvimento das tecnologias e das plataformas digitais permitiu que os projetos de extensão seguissem ofertando suas atividades e conhecimentos através das mídias sociais. Além disso, o projeto tem em seus princípios a Educomunicação, que será refletida no próximo tópico.

1.2 A Educomunicação e o campo universitário

Para Freire (1979), a Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Em vista disso, a educação está sempre em busca de encontros que possam aprimorar o ato de lecionar. Um desses encontros é o da Educomunicação, um campo de estudos que surge através da junção da Educação com a Comunicação, e que tem como proposta utilizar a comunicação como

⁴ Utiliza-se o *Instagram* e o *Facebook* para divulgação dos programas e a plataforma *Spotify* para a postagem dos episódios.

auxílio das práticas educativas. Borges e Marques (2016) a definem como uma área de conhecimento transdisciplinar e interdiscursiva, a qual tem como base o diálogo entre os campos da comunicação e da educação, porém não se limita a eles. Já Soares define Educomunicação como:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p. 115).

Relacionado ao tema que é abordado neste artigo, Peruzzo (2015) aponta que as experiências comunicativas estudadas e discutidas no ambiente escolar contribuem para “o fortalecimento de vínculos identitários e comunitários por meio de canais de comunicação” (PERUZZO, 2015, p. 14). Dessa maneira, Peruzzo (2015) comenta que o rádio possibilita uma participação popular e comunitária ao dar voz aos sujeitos, no que tange às suas expectativas, anseios e sentimentos, além de proporcionar o desenvolvimento do senso crítico e o uso democrático da palavra. Sendo assim, colocar em prática as temáticas aprendidas em aulas através de programas radiofônicos se torna um grande fortalecedor da educomunicação.

Dando respaldo ao que já foi dito, a Universidade vem sendo um ambiente de troca direta com a comunidade e um dos frutos dessa perspectiva é a troca de informações, seja em formato de texto, vídeo ou seja em áudio. Vale lembrar que falar de comunicação na atualidade é falar de uma prática que também é digital. Setton (2011) aponta a presença das tecnologias digitais nas sociedades: “As novas tecnologias não só estão presentes em todas as atividades práticas do mundo do trabalho, como também se tornam vetores de experiências do cotidiano”

(SETTON, 2011, p.91). Dessa forma, sabe-se que a tecnologia já faz parte da vida das pessoas e, conseqüentemente, com o atual cenário, torna-se um processo natural que atividades educacionais sejam realizadas a distância.

1.3 O *podcast* na atualidade

Como já citado, o projeto em questão tem como atividade central a produção de *podcast*. Após uma breve contextualização acerca da Educomunicação, nesse momento, vamos falar sobre os *podcasts* na atualidade. No atual contexto de pandemia do coronavírus, uma das medidas adotadas para evitar o contágio é o distanciamento social, com ele, a comunidade passou a ficar mais tempo em seus lares. Com isso, o consumo de diversos tipos de serviços cresceu, como os serviços de *streaming*, lojas online e plataformas de *podcasts*. Para dar bases a este estudo, cabe ressaltar o significado do termo Podcast:

Podcast é uma palavra que vem do laço criado entre Ipod – aparelho produzido pela Apple que reproduz mp3 e Broadcast (transmissão), podendo defini-lo como sendo um programa de rádio personalizado gravado nas extensões mp3, ogg ou mp4, que são formatos digitais que permitem armazenar músicas e arquivos de áudio em um espaço relativamente pequeno, podendo ser armazenados no computador e/ou disponibilizados na Internet, vinculado a um arquivo de informação (feed) que permite que se assine os programas recebendo as informações sem precisar ir ao site do produtor (BARROS e MENTA, 2007, p. 2-3).

Diante do exposto, o *podcast* é um programa de rádio que aborda uma gama de assuntos disponibilizados na internet. Ao longo dos anos, esse formato ganhou espaço e, de acordo com Ribeiro (2020), com base no relatório ‘*State of the Podcast Universe*’, publicado pela Voxnest, o Brasil é o terceiro país que mais consome *podcasts*. Como já citado, o distanciamento social gerou impactos no consumo dessas produções

no atual momento. De acordo com o Portal Terra (PRODUÇÃO..., 2020, online), apesar de outros setores terem sido amplamente afetados pela covid-19, o Brasil está em primeiro lugar no *ranking* que aponta os países em que o formato de produção mais cresceu desde o início do ano de 2020.

No viés do tema abordado, o *podcast* surgiu como uma oportunidade de levar informação e debate para a comunidade em geral. Através de programas de 30 minutos, são levadas temáticas de relevância e cunho social ao público. Segundo Júnior e Coutinho (2007), em um mundo globalizado e limitado pelo tempo, o *podcast* está emergindo como uma tecnologia alternativa poderosa, que pode ser usada no ensino e na aprendizagem em qualquer formato de ensino.

De acordo com Freire (2013), o *podcast* é caracterizado não como uma tecnologia de áudio, mas de oralidade. Com isso, as produções de *podcasts* não são apenas sinal da tecnologia e inovação, mas também da possibilidade de utilizar das diversas vertentes da comunicação para seguir transmitindo saberes através da voz.

1.4 Cenário de estudo

A proposta metodológica do desenvolvimento dos *podcasts* começa com aprofundamentos sobre os assuntos em reflexão, por meio das reuniões de pauta, e abrangem também: a realização de entrevistas, produção de roteiro de cada programa, além da edição, finalização e divulgação de cada episódio.

A prática da educomunicação atua por meio das parcerias que o projeto abrange, voltadas a integrar a comunicação e a educação em forma de assuntos e pautas do interesse do seu público-alvo. A amplitude das produções por ele abarcadas permite alcançar uma grande diversidade de público, o que permite que a *Educomunicação no Desenvolvimento de Podcasts* inclua outros subprojetos, tais como: o *Rádio*

na mão, que tem parceria com IFRS, campus Rio Grande, o *Ligado na LB*, em parceria com a Escola Louis Braille de Pelotas, e o programa *Educomunicação em Foco*, *podcast* que traz pautas de contextos gerais. Com a realização do projeto e com a extensão da Universidade para os diversos campos da comunidade, nota-se o engajamento dos acadêmicos - fato que Adeve (2012) define como forma de contribuição para mudar situações adversas, por meio de atividades lúdicas, inclusivas e integradoras, através de ações que promovam práticas inovadoras na sociedade.

O projeto *A Educomunicação no Desenvolvimento de podcasts* foi idealizado com o objetivo de levar aos alunos das instituições parceiras a aprendizagem de técnicas jornalísticas para a produção de conteúdos radiofônicos. Com a pandemia de covid-19, o projeto foi ressignificado para produzir conteúdos informativos e de entretenimento para os alunos e para a comunidade externa.

1.4.1 Escola Louis Braille

O projeto em questão realizou de forma conjunta ao projeto de “Web Rádio e Web TV”, que tem parceria com a Associação Escola Louis Braille, o episódio “A acessibilidade de informações jornalísticas para deficientes visuais”, que contou com a participação de alunos e mães da escola. No *podcast*, os agentes da escola expuseram a realidade e as dificuldades para o encontro de informações acessíveis e inclusivas. Por essa ótica, cabe ressaltar as ações do projeto de *Inclusão digital e promoção dos direitos sociais - com utilização de Web Rádio e Web TV*, que seguiu ofertando suas atividades extensionistas neste período e que integra o *Educomunicação em foco*.

Dividida em duas etapas, as atividades foram realizadas de maneira remota. Na primeira etapa, a equipe do projeto era responsável por levar, a cada semana, diversas temáticas da esfera jornalística, sendo trabalhados assuntos como: o surgimento da televisão no Brasil, radiojornalismo,

a fotografia e o jornalismo impresso. Na segunda etapa, optou-se por trabalhar com atividades mais práticas, seguindo as preferências dos alunos. Assim, surgiu o *Braille na Bola*, programa de esporte feito pelos alunos da Escola Louis Braille. Até o momento, o programa já chegou a sua décima edição, sendo postado na plataforma de *streaming*⁵ *Spotify*.

1.4.2 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Rio Grande (IFRS)

A partir da iniciativa de duas alunas do curso de jornalismo da UFPel e ex-alunas do IFRS Campus Rio Grande, o *podcast Rádio na Mão* foi criado para a disciplina de Educomunicação, pelo qual, através de oficinas, os alunos do ensino médio eram conectados e estimulados a produzirem conteúdos do seu cotidiano em forma de *podcast*. Com a pandemia de covid-19, a dinâmica do projeto foi ressignificada; hoje as produções são feitas de forma remota, em conjunto com alunos da UFPel e do IFRS⁶.

2 Perspectivas metodológicas

A metodologia utilizada para este trabalho tem como objetivo relatar as experiências de pesquisa e realização de episódios de *podcast*. Dessa forma, o desenvolvimento descritivo (GIL, 1999) é o que mais se encaixa nesta pesquisa, uma vez que a seguir serão descritas de forma detalhada as atividades conforme são exercidas e como essas dependem do meio social para sua existência; ou seja, para o sucesso

5 *Streaming* é uma tecnologia de transmissão de dados pela internet, pode ser tanto áudio quanto vídeo, e é possível acessá-lo online.

6 O Instituto Federal possui seis cursos técnicos que são: Geoprocessamento, Informática, Fabricação Mecânica, Automação Industrial, Eletrotécnica e Refrigeração e Climatização. Possui também o curso subsequente técnico de Enfermagem e os cursos superiores que são: Engenharia Mecânica, curso superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (TADS) e curso superior de Tecnologia em Construção de Edifícios (TCE).

do episódio. Assim, são relacionadas etapas de construção do episódio e suas importâncias, tal qual a fundamentação teórica e prática e, conseqüentemente, seus resultados.

Para a realização deste artigo, serão levados em consideração os estudos em educomunicação, rádio e web. É importante ressaltar que todo processo descrito no texto é feito de forma remota. O *podcast*, produto final do trabalho, também é realizado de forma remota devido à pandemia de covid-19, respeitando o distanciamento social proposto pelas autoridades sanitárias. Para que esse projeto aconteça de forma efetiva, a equipe se reúne em média duas vezes por semana, por meio de reuniões no *Google Meet*, que permite interações síncronas. As reuniões têm como pauta as melhores formas de realização dos *podcasts*.

A experiência remota de se criar um *podcast* quinzenal pode ser descrita em etapas, que embora tenham sofrido mudanças - devido ao período remoto - são igualmente fundamentais para a construção de um conteúdo com qualidade. Entretanto, houve dificuldades e essas serão evidenciadas conforme o detalhamento das atividades metodológicas a seguir.

Para descrição detalhada da metodologia de criação desse *podcast*, pode-se citar Felipe Pena: “Jornalismo digital, então, pode ser precariamente definido como a disponibilização de informações jornalísticas em ambiente virtual” (PENA, 2015, p. 176). Essa definição de jornalismo digital abrange de forma breve e concisa exatamente o conceito e a aplicação do *podcast Educomunicação Em Foco*, em que colocamos nos meios digitais conteúdos jornalísticos com intuito de informar, entreter e gerar conhecimento sobre assuntos que envolvem questões sociais atuais, mídias e educação, sempre respeitando a ética e o formato de um programa jornalístico. Com o decorrer deste trabalho, serão detalhados os passos para a criação do episódio.

Antes de qualquer passo, o grupo se reúne e avalia o tema do episódio, abordagens e focos. Essa conversa é feita de forma síncrona,

utilizando-se da plataforma *WebConf*, da Universidade Federal de Pelotas, e tem a presença das orientadoras do projeto. Após essa decisão, o grupo se reúne novamente, sem as orientadoras, para definir especificidades do episódio, como função que cada integrante exercerá, prazos para criação de roteiro e seleção de entrevistados, contato com as fontes selecionadas para a participação, uma das etapas fundamentais para a criação de um programa de qualidade.

Esse processo é fundamental, já que, segundo Felipe Pena, a fonte pode ser considerada os olhos de um fato, por isso leva-se em consideração a relevância da fonte e qual tema, em específico, será abordado durante a entrevista, uma vez que a fonte, quando não é oficial, vai dizer ao jornalista apenas o que acha ser importante para o assunto (PENA, 2015). Já a fonte oficial emite uma informação conforme as diretrizes do que representa, e mesmo que haja um filtro de seleção, é uma declaração independente da entrevista, em especial, quando esse conteúdo se encontra em sites ou redes sociais de órgãos governamentais, entidades sociais, e demais esferas sociais ou pessoas públicas (LEITE, PEREIRA, 2019). As entrevistas podem ser realizadas de duas formas: assíncronas ou síncronas, ambas são eficientes, o que as diferencia e pode ser o critério para escolha de uma abordagem ou outra é a conexão com a internet ou a possibilidade de entrar em contato com mais de uma fonte ao mesmo tempo, gerando uma decisão que pode ser baseada na preferência da fonte ou por condições estruturais já citadas.

A partir do momento em que já foram realizadas as entrevistas, é possível montar o roteiro completo, com locuções, trechos selecionados das fontes e tempo aproximado de duração do programa. Essa é mais uma etapa construída de forma dinâmica por meio do Google Docs, plataforma que permite a edição e montagem simultânea entre todas as pessoas envolvidas na criação do episódio; importante ressaltar que dados e fontes oficiais geralmente estão inseridos nas locuções e não na fala das fontes oficiais. Com a montagem do roteiro pronta,

as orientadoras já estão livres para adicionar comentários a respeito da produção, visando à melhoria técnica da mesma.

Quanto à edição dos episódios, que é feita remotamente pelas participantes do projeto, a escolha da editora é feita de forma predefinida na reunião. São utilizados programas de edição profissionais e semiprofissionais para adicionar trilhas, cortar falas, organizar locuções, retirar ruído e balancear o volume de diferentes gravações, uma vez que devido à realização do trabalho em casa a gravação é feita de forma amadora, pois as integrantes não possuem material profissional, como microfones e estúdio.

Após a edição, o episódio encontra-se pronto e já pode ser postado no *Spotify*. Para isso, cria-se uma arte de postagem para o *Instagram* e capa do episódio contendo o título, participantes e *slogan* do programa. A divulgação do episódio é realizada no *Instagram Educomunicação Em Foco* e conta com texto acessível da imagem e uma breve descrição do tema abordado.

Por isso, é de extrema necessidade a inclusão de informações sobre os textos de descrição de imagens, que são adicionados nas publicações do *Instagram*, para que pessoas cegas ou com baixa visão possam acessar o conteúdo daquela postagem de forma integral. A acessibilidade é feita por meio da hashtag *#pracegoler*⁷, inserida abaixo da legenda da imagem, seguida de um texto com a descrição detalhada da figura e seus elementos visuais.

3 Experiência na esfera digital

É realizada a integração e a divulgação das ações dos *podcasts* produzidos nas mídias sociais do projeto com o nome *Educomunicação em Foco*, sendo essa a ferramenta que leva as produções radiofônicas

7 Hashtag comumente utilizada no *Instagram* e *Facebook* para apontar linguagem acessível tem outras variações como: *#pracegover*, *#pratodoslerem* e *#linguagemacessível*.

produzidas até a comunidade. Conforme destaca Soares (2002), Educomunicação é um procedimento interdisciplinar e interdiscursivo, vivenciado na prática dos sujeitos sociais, através de meios precisos de intervenção social.

Segundo os dados disponibilizados pela plataforma Anchor, a qual é responsável por distribuir os episódios por todas as plataformas *streaming*, como está na tabela 1, em sete episódios produzidos, temos o total de 180 *plays* (quantidade de vezes que colocaram o episódio para tocar), apenas no *Educomunicação em Foco* podcast.

Tabela 1– Resultado de alcance *podcast Educomunicação em Foco*

Episódios	Plays	Data de Publicação
Episódio 1: Pelotas, raça e meios acadêmicos. Parte 1	55	07/08/2020
Episódio 2: Pelotas, raça e meios acadêmicos. Parte 2	41	14/08/2020
Episódio 3: Jornalismo Independente em Pelotas. Parte 1	18	11/09/2020
Episódio 4: Jornalismo Independente em Pelotas. Parte 2	29	17/09/2020
Episódio 5: Estudantes que começaram negócios em meio à pandemia	12	16/10/2020
Episódio 6: Influenciadores digitais na atualidade	9	06/11/2020
Episódio 7: Especial Consciência Negra	16	20/11/2020

Fonte: Dados da plataforma *Anchor*, 2020.

Teorias e práticas da produção remota do podcast *Educomunicação em Foco*

Foram criadas como meio de conexão com a comunidade e modo de divulgação dos episódios produzidos contas no *Instagram* e no *Facebook*, como mostra a Figura 1, onde encontram-se em constante crescimento, tendo uma média 190 e 130 seguidores nas contas, respectivamente. O episódio que teve mais alcance nas redes sociais foi “Pelotas, Raça e meios acadêmicos parte 1”, no qual é posta em discussão a influência do racismo estrutural na Universidade, chegando até 1.402 pessoas alcançadas e 12 compartilhamentos.

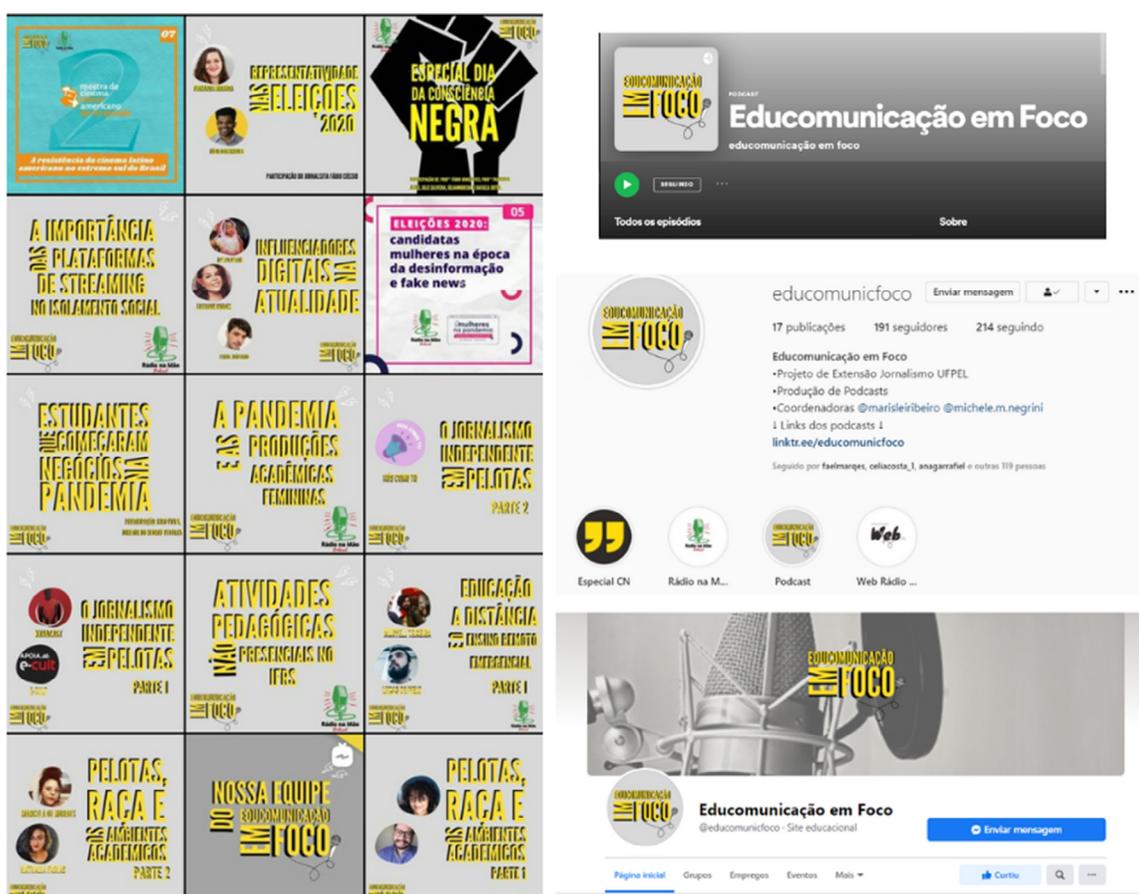


Figura 1 – Divulgação dos episódios nas mídias sociais

Fonte: Elaborado pelas autoras.

3.1 Alcance nas mídias e perfil do ouvinte

A amplitude das produções permite alcançar uma grande diversidade de público; através da plataforma Anchor foi possível saber algumas informações sobre os programas postados e até traçar o perfil dos ouvintes do presente *podcast*. Até o momento, foram postados sete episódios do *podcast Educomunicação em foco*, que contam com mais de 180 reproduções, no qual é possível ver, como mostra a Figura 2, que 72% dos ouvintes são mulheres, e 56% estão na faixa etária de 18 a 22 anos.

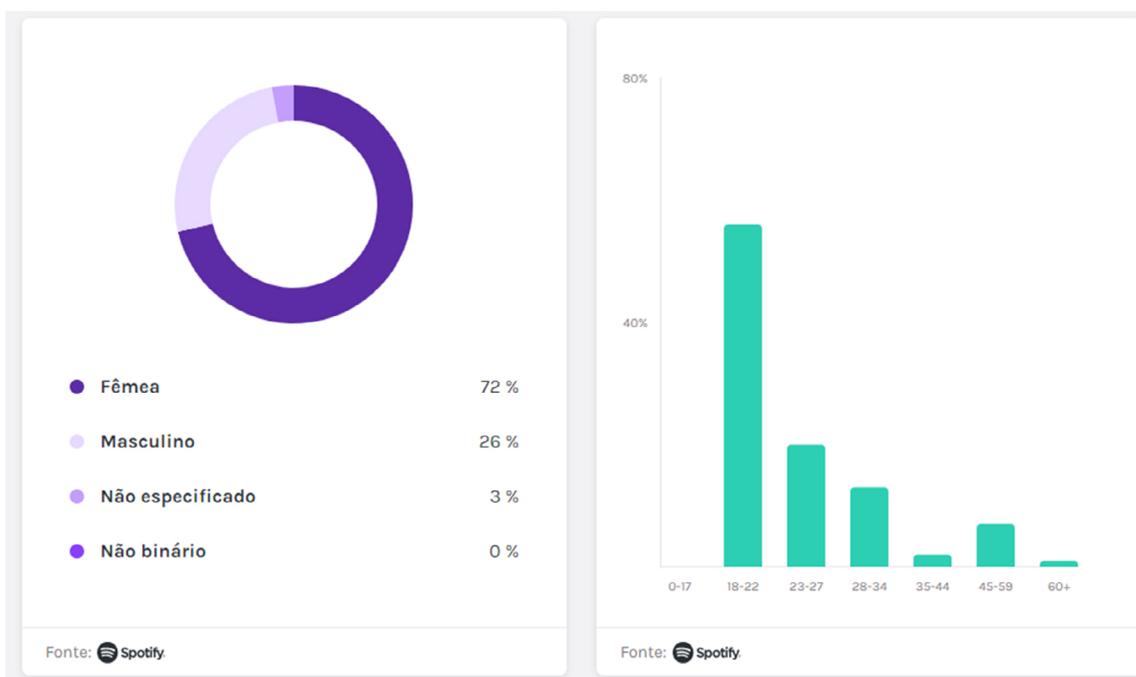


Figura 2 – Análise do perfil do ouvinte

Fonte: Dados da plataforma Anchor, 2020.

Para Marteleto (2001), nas redes sociais há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas. Logo, a procura pelos conteúdos produzidos irão variar por fatores de: idade, sexo e até mesmo contexto social inserido. Hoje, o trabalho informal em rede é uma forma de organização humana presente

em nossa vida cotidiana e nos mais diferentes níveis de estrutura das instituições modernas (MARTELETO, 2001).

3.2 Diversidade de fontes e inserção digital

No projeto *Educomunicação Em Foco* é importante se pensar na inclusão dos ouvintes e fontes, sendo assim, para atingir mais identificação entre os ouvintes do *podcast* com a informação trazida para a reportagem, utilizam-se de fontes diversificadas, que além de servirem tradicionalmente para trazer veracidade à informação (LAGE, 2011 *apud* LEITE, PEREIRA, 2019, p.110), também podem servir para aproximar o interesse do ouvinte por meio da proximidade de relatos entre as características semelhantes e representação.

Dessa forma, as fontes escolhidas para participar do episódio devem ser selecionadas de forma responsável. Segundo Felipe Pena, “No jornalismo, não há fibrose” (PENA, 2015), ou seja, a escolha da fonte é fundamental para o grau de veracidade da informação e também a forma como é anexada à produção jornalística é o ponto principal do produto final; a escolha de palavras ou trechos de entrevistas incompletos podem causar um efeito semiótico⁸ desagradável e com impacto direto na reportagem, podendo configurar-se até como *fake news*⁹.

Assim, para uma escolha de fontes adequadas, durante a produção do *podcast*, leva-se em consideração a confiabilidade da fonte, identificação do público e relevância da fala no assunto. Além disso, também é priorizada a pluralidade de vozes, como, por exemplo,

8 Estudo fundamentado pelo teórico Charles Sanders Peirce, que abrange muitas áreas do conhecimento. A semiótica estuda basicamente o sentido das coisas, provando que palavras, ícones, fotografias podem carregar outros significados (signos) além do óbvio, e mudar o teor de informações.

9 Conceito que se refere a uma notícia falsa com intenção de enganar, fazendo uso de aspectos característicos do jornalismo para produzir uma sensação de credibilidade e veracidade de uma informação mentirosa (TANDOC JR, WEI LIM & LING, 2018 *apud* RECUERO & GRUZD, 2019, p. 32).

fontes de diferentes profissões que abordam o mesmo assunto, diferentes pessoas que possam comentar sobre um tema, acontecimento ou fato, ou por serem especialistas ou por estarem vivenciando. A pluralidade de fontes, além de trazer mais olhares para a reportagem, pode auxiliar no entendimento do ouvinte e também fazer com que a identificação dele com o assunto seja maior, dependendo da pauta abordada na reportagem.

Assim, é, também, por meio da diversificação das fontes que se faz a inserção digital de assuntos menos comentados nas redes, trazendo figuras e visões que são “ausentes” na grande mídia. Esse processo é benéfico não apenas para os temas e convidados do episódio, mas também para o *podcast Educomunicação em Foco*, uma vez que há uma relação de troca, já que, muitas vezes, quando a pessoa colabora com a construção do programa, acontece a divulgação no episódio, quebrando a bolha digital - conceito utilizado para denominar grupos de pessoas que se conectam numa determinada rede social devido a fatores em comum, o que leva à polaridade de opiniões e dificuldade de percepção do real cenário fora do meio digital, como afirmam Recuero, Soares e Zago (2017).

[...] os processos participativos das ferramentas que constituem a mídia social dependem de ações e percepções individuais. [...] Essas bolhas tendem a isolar os atores dentro de grupos onde apenas alguns tipos de informação circulam, criando uma percepção falsa de EP (onde “todos” falam) e de opinião pública (onde a “maioria” concorda) (RECUERO, SOARES, ZAGO, 2017).

Assim, com a quebra de, pelo menos, uma parte da bolha digital, é possível alcançar mais pessoas, efetivando a possibilidade de alcance do *podcast*, mesmo que o ouvinte faça *streaming* em apenas um episódio, já é favorável ao programa e ao projeto.

4 Considerações finais

O reconhecimento de programas, por meio de *podcasts* e de suas possibilidades, enquanto um veículo de comunicação, possibilitou a disseminação da comunicação e da informação, principalmente diante da pandemia mundial. Levando em conta o risco da contaminação, a adoção de *home office* gerou um processo de ressignificação das atividades pedagógicas. Em tempos em que o contato se tornou um risco à vida, elaborar programas com conteúdo de qualidade e de forma totalmente remota é complexo, e projetos de extensão, como *A Educomunicação no desenvolvimento de podcasts*, tornam-se indispensáveis para o processo de aprendizado.

Em vista dos fatos já citados, houve um processo de adaptações para o formato remoto para seguir trazendo conteúdos e pautas de interesse para a comunidade acadêmica. Segundo Júnior e Coutinho (2007), em um mundo globalizado e limitado pelo tempo, o *podcast* está emergindo como uma tecnologia alternativa poderosa, que pode ser usada no ensino e na aprendizagem, em qualquer forma de ensino. Considerando a popularidade e alcance dos *podcasts*, cujo consumo tem crescido devido ao maior interesse social por conteúdos que se encaixem no padrão de vida moderno e de multitarefas, é expressiva a necessidade constante de atualização dos formatos dos episódios para manter o público interessado e informado.

Ao final deste trabalho, também é importante entender que o cenário pós-pandemia pode ser um cenário favorável para as produções e aumento da popularidade dos *podcasts*, como dito anteriormente, o consumo de conteúdos radiofônicos é uma possibilidade de se manter informado em meio a uma rotina corrida (BOTTENTUIT & COUTINHO, 2007). Sendo assim, é provável que a tendência seja mantida e, além disso, a disposição online do conteúdo permite que o ouvinte escolha tema, horário, veículo e plataforma que melhor lhe servir, dinamizando as formas de consumo do conteúdo, sendo um novo jeito

de produzir rádio, e seguindo a mesma evolução que outros formatos multimídia seguiram.

A experiência dos programas de *podcasts* também propiciou a integração entre as equipes dos projetos. Valorizou o senso crítico de cada sujeito, a criatividade e o diálogo. Portanto, pode-se considerar que os programas atuaram de forma interdisciplinar e serviram como recurso didático e dialógico. Ao mesmo tempo, propiciaram a inclusão de pessoas com deficiência, a amplitude do debate e a interação com outras mídias.

Em suma, a prática remota do *podcast Educomunicação em Foco* pode ser um passo interessante a ser tomado e que produzirá belos frutos no cenário pós-pandêmico, tanto para a produção que passará a ser mais profissional, quanto para os ouvintes, que seguirão consumindo e acompanhando a evolução da equipe conforme o passar dos episódios.

Referências

- ADEVE, José Luiz. *Educomunicação em movimento*. São Paulo: Fundação Tide Setubal, 2012.
- BARROS, Gílian; MENTA, Eziquiel. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. *Eptic On-Line (UFS)*, v. 9, p. 2-3, 2007.
- BORGES, João Santana; MARQUES, Paulo Pedroza. Educomunicação: origens e conexões de uma nova área do conhecimento. *Anais do 3º Congresso Nacional de Educação*. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://edito-rarealize.com.br/artigo/visualizar/19598>. Acesso em: 17 nov. 2021.
- EDUCOMUNICAÇÃO em foco. Podcast Rádio na mão. Anchor. Disponível em: <https://anchor.fm/radio-na-mao>. Acesso em: 10 nov. 2020.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico. *Educação, Formação & Tecnologias*, Caparica, v. 6, n. 1, p. 35-51, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5021361>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; COUTINHO, Clara Pereira. Podcast em Educação: um contributo para o estado da arte. In: BARCA LOZANO, Afonso; PERALBO, Manuel; RIOBOO, Ana Maria Porto; SILVA, Bento; ALMEIDA L. (coord.). *Actas do 9º Congresso Internacional Galego Português de Psicopedagogia*. A Coruña: Universidade da Coruña, 2007.
- LEITE, Silvia; PEREIRA, Julia. *Fontes jornalísticas do ciberespaço: possibilidades e características*. Florianópolis: Insular, 2019. p. 109-128.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 12 dez. de 2020.
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2015.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling (org.). *Comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015
- PINHEIRO, Rose Mara; PEREIRA, Antonia Alves. Educomunicação e Jornalismo. *Comunicação & Educação*, ano 23, n. 2, p. 85-94, jul./dez. 2018. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/146531/149972>. Acesso em: 11 de dez. de 2020.

PRODUÇÃO de podcasts no Brasil cresce durante a pandemia. *Terra*, 7 jul. 2020, online. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/dino/producao-de-podcasts-no-brasil-crescedurante-a-pandemia,7025d9c72eed3c2d8e639197bffd56ahvaps6cj.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; SOARES, Felipe. Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no *Twitter*. In: *Anais da XXVI COMPÓS*. São Paulo, 2017, v. 1. p. 1-27.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de *Fake News* Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia*, São Paulo, p. 31-47, maio/ago. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1982-25532019000200031-&script-sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 20 dez. 2020.

RIBEIRO, Raquel Martins. Em alta na pandemia, podcasts apostam em novelas e séries de ficção. *Metrópoles*, 8 ago. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/em-alta-na-pandemia-podcasts-apostam-em-novelas-e-series-de-ficcao>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SETTON, Maria da Graça. *Mídia e Educação*. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Ismar de O. Metodologias da Educação para comunicação e gestão comunicativa no Brasil e na América Latina. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org.). *Gestão de processos comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002.

Sobre os/as autores/as

Amanda Freitas Kuhn

Graduanda do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas.
Contato: amandafreitaskuhn@yahoo.com.br.

Andréa Cardoso da Silva

Graduanda do curso de Jornalismo Universidade Federal de Pelotas – UFPel.
Contato: andreacardoso98@yahoo.com.br.

Daniel Batista de Jesus da Silva

Graduando do curso de Jornalismo na Universidade Federal de Pelotas.
Contato: daniel.batista@ufpel.edu.br.

Gustavo Severo Dalla Costa

Editor de Imagens no Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Graduado em Cinema e Animação pela UFPel. Especialista em Gestão de Projetos pela Uninter. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel. Contato: gustavodalcosta@gmail.com.

Julia Cristina Marques Vilas Boas

Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Contato: julia.marquesvb@gmail.com.

Lisandra Roldão Miranda

Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Contato: lisproldao@gmail.com.

Luíza Carvalho Mattea

Graduanda do curso de Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Contato: luizamattea@gmail.com.

Maria Rita da Costa Rolim

Graduanda do curso de Jornalismo Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Contato: mariaritarolim@gmail.com.

Mariah Coelho Coi

Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Bolsista do projeto de extensão *Inclusão digital e promoção dos direitos sociais – utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*. Contato: maricoelhocoi@gmail.com.

Marislei da Silveira Ribeiro

Professora do Curso de Jornalismo do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e Relações Públicas pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Pós-doutorada em Estudos Culturais pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal. Coordenadora do projeto de extensão *Inclusão digital e promoção dos direitos sociais – utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*. Orientadora do Núcleo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Comunicação. Contato: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br.

Micael Machado da Silva

Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Membro do Núcleo de Estudos em Gênero, Sexualidade e Comunicação (EGSC). Contato: ummicael@gmail.com.

Michele Negrini

Jornalista. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Graduada em Sistemas de Informação pelo Centro Universitário Franciscano e em Comunicação Social – Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Pós-doutorada pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). Coordenadora adjunta do projeto de extensão *Inclusão digital e promoção dos direitos sociais – utilização da WebRádio e WebTV para criar um ambiente interativo entre universidade e sociedade*. Contato: mmnegrini@yahoo.com.br.

Roberta Roos

Jornalista. Professora da Universidade Federal do Pampa – Unipampa, Campus São Borja. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele), do Grupo de Pesquisa Comunicação Televisual – COMTV, e do grupo Jornalismo em Redes e Convergência. Contato: robertaroosthier@gmail.com.

Samira Lucas Silveira

Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Contato: samira.lucas.silveira@gmail.com.

Talyssa Machado

Graduanda do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Contato: talyssanmachado@gmail.com.

William Machado da Silva

Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Licenciado em Pedagogia – Formação Pedagógica pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. Licenciado em Sociologia – Formação Pedagógica pela Universidade Anhanguera – UNIDERP. Especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos, com Ênfase em Didática, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN. Especialista em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional pela UFPel. Mestre em Ciências e Tecnologias na Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. Doutorando em Educação em Ciências – Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA. Contato: williammacad@gmail.com.

